

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO

Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho

OS SERVIÇOS NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL E URBANO: UM OLHAR
SOBRE O SETOR TERCIÁRIO DE MINAS GERAIS E SEU PAPEL NA ECONOMIA DA
PRIMEIRA DÉCADA E MEIA DO SÉCULO XXI

Luísa Souza Costa

Belo Horizonte
2016

Luísa Souza Costa

**OS SERVIÇOS NO DESENVOLVIMEN REGIONAL E URBANO: UM OLHAR SOBRE
O SETOR TERCIÁRIO DE MINAS GERAIS E SEU PAPEL NA ECONOMIA DA
PRIMEIRA DÉCADA E MEIA DO SÉCULO XXI**

Monografia apresentada ao Curso Superior de
Administração Pública, como requisito para
obtenção do título de Especialista em Políticas
Públicas e Gestão Governamental.

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Raquel de Mattos
Viana**

Belo Horizonte
2016

C837s Costa, Luísa Souza.

Os serviços no desenvolvimento regional e urbano [manuscrito]: um olhar sobre o setor terciário de Minas Gerais e seu papel na economia da primeira década e meia do Século XXI / Luísa Souza Costa. -- 2016.

[8], 136 p. : il.

Monografia de conclusão de curso (Graduação em Administração Pública) – Fundação João Pinheiro, Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho, 2016.

Orientadora: Raquel de Mattos Viana

Bibliografia: p. 130-134

1. Desenvolvimento regional – Minas Gerais. 2. Desenvolvimento urbano – Minas Gerais. 3. Setor terciário – Minas Gerais. 4.. I. Viana, Raquel de Mattos. II. Título.

Luísa Souza Costa

Os serviços no desenvolvimento regional e urbano: um olhar sobre o setor terciário de Minas Gerais e seu papel na economia da primeira década e meia do século XXI

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso Superior de Administração Pública da Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho, da Fundação João Pinheiro, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Administração Pública.

Banca Examinadora

Professora Raquel de Mattos Viana (orientadora) - Fundação João Pinheiro

Professora Carla Cristina Aguilhar de Souza (avaliadora) - Fundação João Pinheiro

Professor Renato Vale Santos (avaliador) - Fundação João Pinheiro

Não existem conquistas sem dono. Sonhos sem sonhador. Histórias sem personagem. Mas, no hábito de tentar encontrar centralidades para um universo de pontos na Terra, tendemos a centralizar numa pessoa os acontecimentos importantes da vida. Ainda assim, sabemos que eles não são construídos individualmente. Por isso, agradeço:

A Deus por me conduzir pelo Vivo Caminho. Por estar comigo em cada palavra, em cada número, em cada renúncia e em cada alegria que deram a origem a este trabalho. Sem Ele sei que nada poderia fazer.

A minha família por ser meu suporte. Agradeço aos incentivos e à companhia de minha irmã Larissa, ao imenso auxílio e compreensão de minha mãe Érica e a meu pai Flávio, que me apoiou fora e dentro da construção científica, fazendo-me melhorar a maneira como apresento os resultados do meu trabalho.

À Raquel que foi minha orientadora e animadora do início ao fim desta obra. Obrigada por acreditar nela quando era apenas uma ideia em minha cabeça dando o incentivo e a força necessários para que se tornasse real. Não poderia ter ao meu lado pessoa mais amável, competente e verdadeira. Considero você um presente de Deus para o meu ano de 2016.

À Carla que com sua experiência, sabedoria e dedicação aceitou o convite de ser minha co-orientadora e foi bem mais do que isso para mim: uma companheira e inspiração para minha vida pessoal e acadêmica. Agradeço a Deus por ter colocado você ao meu lado nessa caminhada.

Ao Pedro que, além de ser um grande amigo, dispôs seu tempo a me ensinar um pouco de seus dotes estatísticos para enriquecer o meu trabalho.

Aos amigos que viveram cada momento deste percurso comigo representados por André, Larissa, Melissa, Milena, Nathália, Pablo, Patrícia, Stefânia e Taíssa. Nada teria sido o mesmo sem vocês.

Também agradeço aos meus mestres e professores que me ensinaram o valor do conhecimento, aos amigos da célula que me mostraram o que é viver em unidade e a todos que de alguma maneira estiveram presentes em minha vida até aqui; espero que se sintam homenageados para além destas linhas e palavras.

Maria Fumaça¹

Sobre picos e vales ela vai
Sobre a serra seu caminho faz
Não há chuva, não há temporais
Que lhe tirem o estado de paz

Da estação partiu com um sopro
Desde então carrega o ouro
De em leveza poder transportar
Outras vidas pra belo lugar

Já foi bonde, já foi vagão
Já foi vulto, já foi divagação
Mas agora sobre um todo inteiro
É viagem ao rumo a que veio

Os seus pés pelos trilhos guiados
Tem um plano acidentado
O terreno sim tem seus caprichos
E ela firme objetivo

Vaporiza seu caminho no ar
Rastro deixa de seu respirar
Não teme o tempo que passa
Nem se apoia no instante-fumaça

Seu metal o vento lapida
Seu farol anuncia a partida
Repetida a cada novo dia
Junto à novidade erguida

Vive curvas, cruza histórias
Pinta telas, marca as horas
E apesar de as engrenagens mover
Seu destino não opera a seu ver

Dirigida é por bom Maquinista
Que sempre encanta-lhe a vista
Conduzindo-a por terras verdejantes
Sua vida é sendeiro brilhante

O que faz é em frente seguir
Não regride nem perde seu fim
É Maria, mas distinta existe
Transformando em belo o que é triste.

Luísa Souza

¹ O transporte por Maria Fumaça é um serviço e pode ser incluído dentro do subsetor de “Transporte Terrestre”.

RESUMO

Os serviços são a grande atividade do século XXI. Olhar para eles é exercício fundamental na compreensão do crescimento das economias contemporâneas. O presente trabalho tem por objetivo analisar o dinamismo das atividades terciárias em Minas Gerais entre os anos de 2000 e 2015, com foco nos dezessete municípios que constituem os polos regionais de maior hierarquia urbana dos Territórios de Desenvolvimento do estado. Tal abordagem foi feita tendo em consideração a divisão dos serviços em “indutores de desenvolvimento econômico” e “induzidos pelo desenvolvimento econômico”, sendo estes aglutinados em vinte e cinco subsetores. Trata-se de uma pesquisa descritiva e quantitativa que emprega o método “Diferencial-Estrutural” ou “Shift-Share” para a análise do crescimento dos serviços nas localidades abordadas a partir de dados de emprego da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE). Os resultados obtidos demonstram os diferentes tipos de dinamismo do setor terciário verificados em territórios do estado de Minas Gerais e reforçam os serviços como atividades que podem diversificar e promover o desenvolvimento econômico.

Palavras-chave: Serviços. Desenvolvimento Econômico. Diferencial-Estrutural. Minas Gerais.

ABSTRACT

Services are the great activity of the 21st century. Looking at them is a fundamental exercise in understanding the growth of contemporary economies. The present study aims to analyze the dynamism of tertiary activities in Minas Gerais between 2000 and 2015, focusing on the seventeen cities that constitute the regional poles with the highest urban hierarchy of the State Development Territories. Such approach was made taking into account the division of services into "inducers of economic development" and "induced by economic development", these being grouped into twenty-five subsectors. It is a descriptive and quantitative research that uses the "Shift-Share" method to analyze the growth of services in the approached localities from the employment data of Annual Report of Social Information (RAIS) of Brazilian Institute of Statistics and Geography (IBGE). The results show the different types of dynamism of the tertiary sector verified in territories of the state of Minas Gerais and reinforce the services as activities that can diversify and promote the economic development.

Keywords: Services. Economic Development. Shift-Share. Minas Gerais.

Sumário

1	Introdução.....	10
2	Os serviços na economia	16
2.1	O crescimento do setor de serviços	16
2.2	Os serviços nas cidades e economias do século XXI.....	19
3	Conceituando e caracterizando as atividades de serviços	29
3.1	A evolução do conceito de serviços	29
3.2	Características das atividades de serviços	36
3.2.1	Processo de Produção	37
3.2.2	Produto.....	40
3.2.3	Consumo	41
3.2.4	Mercado	41
3.3	Tipologias de serviços	42
4	Cenário Geral do Setor Terciário no Brasil e em Minas Gerais.....	48
4.1	O setor de Serviços no Brasil	48
4.2	O setor de Serviços em Minas Gerais.....	54
5	Metodologia	63
5.1	Método de análise.....	63
5.2	Fonte de dados	69
6	Análise de Resultados	79
6.1.1	Resultados para o estado.....	79
6.1.2	Resultados para os municípios.....	87
6.1.2.1	Modelo de análise	89

6.1.2.2	Diamantina.....	90
6.1.2.3	Ponte Nova.....	92
6.1.2.4	Curvelo.....	94
6.1.2.5	Juiz de Fora.....	96
6.1.2.6	Almenara.....	97
6.1.2.7	Belo Horizonte.....	99
6.1.2.8	Teófilo Otoni.....	101
6.1.2.9	Patos de Minas.....	103
6.1.2.10	Montes Claros.....	104
6.1.2.11	Divinópolis.....	106
6.1.2.12	Passos.....	108
6.1.2.13	Varginha.....	110
6.1.2.14	Uberaba.....	111
6.1.2.15	Uberlândia.....	113
6.1.2.16	Ipatinga.....	115
6.1.2.17	Governador Valadares.....	116
6.1.2.18	Barbacena.....	118
6.1.2.19	Análise Geral dos resultados municipais.....	119
7	Considerações Finais.....	127
8	Referências Bibliográficas.....	130
APÊNDICES		
APÊNDICE A- COMPATIBILIZAÇÃO CNAE 95 E CNAE 1.0.....		135
APÊNDICE B- COMPATIBILIZAÇÃO CNAE 1.0 E CNAE 2.0.....		136
ANEXO		
ANEXO A- SUBSETORES DE SERVIÇOS.....		145

1 Introdução

“A aceleração no desenvolvimento e na diversificação das atividades de serviços na segunda metade do século XX motivou uma nova visão teórica sobre as características, o comportamento e o papel destas atividades como indutoras do desenvolvimento econômico.” (KON, 2013, p.59).

Desde o fim do século passado, as economias mundiais vêm sofrendo modificações que têm impactado diretamente as atividades produtivas praticadas pelas empresas, bem como sua relação umas com as outras dentro e fora de um mesmo país. O crescimento das cidades permitiu o surgimento de novas necessidades de consumo e produção, ampliando a demanda por produtos capazes de subsidiar a vida urbana e os novos processos de produção (Diniz, 2013). A globalização conectou mercados e populações antes distantes e determinou novos fluxos de pessoas e transações que, antes, eram altamente dependentes do território para se concretizarem. Tais transformações impactaram não somente as relações entre lugares e agentes no globo, mas também, a composição da oferta e da demanda do mercado consumidor global e local. Neste contexto, os serviços surgem como novas práticas advindas da necessidade de complexificação das economias desenvolvidas ou em desenvolvimento.

Se a indústria foi a grande alavanca do crescimento econômico mundial nos séculos XIX e XX os serviços são a grande atividade do século XXI. Caracterizado por uma vasta diversificação que abrange desde atividades mais simples como a venda de artigos de papelaria até atividades mais complexas como desenvolvimento de softwares para computadores, o setor de serviços envolve empresas de diferentes portes, empregados de diferentes qualificações e salários de diferentes envergaduras. Ainda assim, a matriz terciária é a que mais tem crescido dentre as demais atividades econômicas, ocupando a maior parcela da produção das grandes economias.

Ao crescimento dos serviços são atribuídas causas como o avanço tecnológico nos meios de produção (Diniz, 2013; Singer, 1979), que impactou no aumento da produtividade dos setores primário e, sobretudo, secundário, reduzindo sua demanda por mão de obra e abrindo espaço para o crescimento do setor terciário, que é altamente dependente de interações humanas para se concretizar. No caso das atividades industriais é destacado o

processo de terceirização de atividades que antes se encontravam dentro do setor industrial e foram transferidas para fora das firmas. Surgem, então, empresas prestadoras de serviços especializadas em atender as necessidades de outras empresas (Diniz, 2013). Há de se considerar também o crescimento efetivo das atividades terciárias, fruto de sua diversificação (ROCHA, 1997), que incorreu no surgimento de novos serviços demandados tanto pelas pessoas quanto pelas empresas.

No Brasil o setor também vem apresentando taxas ascendentes de crescimento. Entre os anos de 2000 e 2015 o setor de serviços cresceu 421,45% (IBGE, 2016b) , quando se considera o seu valor agregado, tendo crescido mais que o total da economia no período (390,18%). A participação do setor na economia também cresceu nesses anos. Em 2000 tínhamos que os serviços constituíam 68% da economia. Já em 2015 este valor aumentou para 72% (IBGE, 2016b).

É verdade que os serviços ocupam mais da metade da economia brasileira, mas é preciso entender como estas atividades estão posicionadas no contexto do nosso desenvolvimento econômico. Os serviços se comportam de maneira diferente das atividades agropecuárias e industriais, sendo regidos por uma lógica de funcionamento baseada na interação humana e satisfação das necessidades pessoais ou produtivas de consumidores. Atualmente, é difícil verificar em economias de grande porte transações econômicas que não contem com a larga participação de atividades terciárias, isso porque essas passaram a permear as relações produtivas, de maneira que estas não são mais possíveis sem a sua intermediação.

Para Singer (1979) o papel dos serviços era o de conectar atividades urbanas, motivo pelo qual estes apareceriam majoritariamente no espaço das cidades. Riddle (1986 apud KON 1999) corrobora com essa visão colocando que os serviços são responsáveis por manter a integração de uma economia. Isso seria possível porque as atividades terciárias teriam acompanhado a transição rural-urbana, participando das transformações na produção e no consumo das sociedades. Em relação a essas transformações Kon (1999) aponta que as funções dos serviços são naturalmente complementares a outros produtos, pois necessitariam do emprego de bens para sua realização.

Além disso os serviços também seriam responsáveis por facilitar transações Riddle (1986 apud KON, 1999), propiciar a incorporação de produtos pelo mercado consumidor (Sraffa,1962,apud KON, 2013) e contribuir para a renovação da economia, ao serem mais propensos a abrigar a inovação (KON, 2013).

Embora muito se reconheça sobre o papel dos serviços, a sua definição não é tema consensual. O conceito de serviços evoluiu junto com a compreensão sobre as transformações que se passaram na economia a partir do século XIX. Essas atividades foram consideradas como improdutivas por Smith (1976 apud SILVA E MEIRELLES, 2006), como processos geradores de utilidade a partir do emprego de bens por Marx (1867 apud SILVA E MEIRELLES, 2006), como práticas “terciárias”, de menor relevância por Fisher e Clarck (1935 e 1940 apud KON 1999) e como indústrias que geram transformações em bens, pessoas ou informações por Miles (1993).

A definição das atividades que compõe o setor terciário está vinculada a características que estas possuem e que as destacam das demais. Os serviços diferenciam-se das atividades agropecuárias e industriais, pois podem ser identificados por elementos que lhes são peculiares como a intangibilidade de seu produto (KON, 1999), simultaneidade da produção e do consumo (SILVA E MEIRELLES, 2006), natureza amplamente relacional de suas atividades (SINGER, 1979) e processo produtivo descontínuo, ao ser iniciado apenas pela demanda do consumidor (MILES, 1993).

Mesmo a partir da tentativa de diferenciação dos serviços, estes preservam sua alta heterogeneidade, levando à necessidade de subdividir o setor terciário, para que houvesse uma melhor compreensão das atividades que o compõem. Serviços podem ser agrupados conforme características que lhes são comuns, sob a ótica das funções desempenhadas, processo produtivo, tipo de consumo, dentre outras, que facilitam o estudo deste setor.

Uma das classificações atuais que mais está voltada para o entendimento do papel dos serviços na economia é a divisão do setor terciário entre “serviços indutores de desenvolvimento” e “serviços induzidos pelo desenvolvimento econômico” proposta por Kon (2003 apud BASTOS et al., 2010). Esta tipologia traz a visão de que os serviços podem desempenhar diferentes papéis na economia de acordo com as características que apresentam. Serviços prestados às empresas, capazes por complementar processos produtivos como os serviços de alta tecnologia e de distribuição de mercadorias, seriam capazes de promover o desenvolvimento de uma região, atraindo para ela dinamismo econômico, produtividade e emprego. Já serviços de menor complexidade como comércio e serviços pessoais surgiriam, conforme demanda, em regiões já ocupadas por mercados consumidores e produtores em intensa atividade, sendo induzidos pelo desenvolvimento econômico local.

A partir dessa visão, este trabalho propõe-se a estudar o setor terciário no estado de Minas Gerais, a partir de sua composição por atividades capazes de induzir o desenvolvimento econômico ou apenas refleti-lo. Isso, porque entende-se que essas atividades são peça importante da economia mineira e precisam ser compreendidas em qualquer intervenção que se pretenda fazer na geração de progresso econômico.

O trabalho de investigação sobre o setor terciário de Minas Gerais será dividido em quatro partes.

A primeira, (Capítulos 2 e 3), será constituída pelo levantamento teórico sobre as atividades de serviços, de maneira a resgatar seu crescimento e a mudança de seu papel nas economias urbanas, apresentar a evolução de seu conceito por diferentes autores e condensar as várias formas em que essas atividades podem ser tipificadas.

A segunda parte (Capítulo 4) será formada por um breve diagnóstico do setor de serviços no Brasil e em Minas Gerais, levando em consideração os primeiros anos século XXI. Tal diagnóstico será elaborado empregando-se o método da pesquisa descritiva e quantitativa caracterizada por Gil (2010), segundo o qual serão evidenciados a evolução e o dinamismo das atividades terciárias em âmbito estadual e nacional, utilizando-se de dados secundários advindos de levantamentos estatísticos.

A seguir (Capítulo 5) serão descritos o método e a fonte de dados utilizados neste estudo. Para isso, será tomado como base o trabalho de Bastos *et al.* (2010) que utiliza o método Diferencial-Estrutural ou *Shift-Share* para a análise do dinamismo dos serviços em municípios selecionados a partir de sua comparação com os níveis de crescimento do estado. Tal exercício demandará a divisão do setor terciário em vinte e cinco subsetores, cujo crescimento será medido tomando-se dados de emprego da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Estes subsetores serão gerados a partir da aglutinação das classes de serviços descritas pela Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), utilizada em sua versão mais recente, CNAE 2.0.

O recorte temporal da análise Diferencial-Estrutural irá abranger os quinze primeiros anos do século XXI, ou seja, o período que compreende o ano de 2000 ao ano de 2015. O período mencionado foi escolhido por ter representado o aprofundamento das mudanças no cenário das economias mundiais, ao reforçar os novos padrões de relações produtivas entre as empresas, que vêm se tornando cada vez mais dinâmicas e globalizadas.

Já recorte geográfico abrangerá dezessete municípios selecionados dentro do estado de Minas Gerais, para os quais serão calculadas as identidades do método de análise de dados. Desta forma, será escolhida uma cidade para cada região do estado, conforme a regionalização dos territórios de desenvolvimento proposta pelo Governo de Minas Gerais no ano de 2015. Por esta divisão administrativa, os 853 municípios de Minas Gerais foram agrupados em dezessete territórios de planejamento, consistindo cada um deles em “áreas que possuem interesses socioeconômicos e geográficos em comum” (FÓRUNS REGIONAIS, 2015). Logo, neste trabalho, cada Território de Desenvolvimento mineiro contará com um município representante que se espera ser capaz de sintetizar e refletir as características do setor de serviços de toda uma região com a qual mantém relações. A figura 1 mostra o mapa de Minas Gerais dividido na regionalização dos Territórios de Desenvolvimento:

Figura 1: Mapa de Minas Gerais e distribuição dos 17 territórios de Desenvolvimento



Fonte: Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Minas Gerais – Sebrae Minas, 2015.

Os municípios escolhidos serão os polos regionais que possuem maior hierarquia urbana dentro de seu Território. Logo, as localidades a serem analisadas serão: Diamantina (Alto Jequitinhonha), Ponte Nova (Caparaó), Curvelo (Central), Juiz de Fora (Mata), Almenara (Médio e Baixo Jequitinhonha), Belo Horizonte (Metropolitano), Teófilo Otoni (Mucuri), Patos de Minas (Noroeste), Montes Claros (Norte), Divinópolis (Oeste), Passos (Sudoeste), Varginha (Sul), Uberlândia (Triângulo Norte), Uberaba (Triângulo Sul), Ipatinga (Vale do Aço), Governador Valadares (Vale do Rio Doce) e Barbacena (Vertentes).

Por fim, o Capítulo 7 será de apresentação dos resultados da análise Diferencial Estrutural para o estado de Minas e para os municípios abordados, sendo que o Capítulo 7 contém as considerações finais do trabalho.

A descrição dos componentes deste estudo permite a condensação de seus propósitos no objetivo geral de “Analisar, para os quinze primeiros anos do século XXI, o dinamismo do setor de serviços em Minas Gerais, a partir de sua composição por atividades capazes de induzir ou apenas refletir o desenvolvimento econômico”. Para que isso seja possível os seguintes objetivos específicos serão cumpridos:

I-Discutir o papel dos serviços na economia contemporânea como atividades relevantes para o desenvolvimento econômico urbano e regional;

II-Apresentar os conceitos e características das atividades terciárias;

III-Apresentar um breve diagnóstico do setor de serviços no Brasil e em Minas Gerais;

IV-Analisar a partir do método Diferencial-Estrutural o dinamismo dos subsetores de serviços em Minas Gerais, a partir de dados de emprego da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).

Ao fim deste trabalho espera-se que a pergunta sobre “Qual a importância dos serviços na lógica do desenvolvimento econômico regional e urbano em Minas Gerais, nos primeiros quinze anos do século XXI?” possa ser respondida.

2 Os serviços na economia

“O lugar dos serviços na economia mundial na atualidade é primordial pela função de facilitar todas as transações econômicas não apenas fornecendo insumos essenciais para as manufaturas, mas também permitindo inter-relacionamentos para frente e para trás (forwards and backwards effects) para o desenvolvimento dos polos de crescimento.” (KON, 1997, p. 4).

Os serviços são atividades detentoras de um papel específico e relevante na economia. Compreendê-lo é entender como interagem com outras atividades econômicas e desvendar como seu surgimento impactou as relações produtivas que temos hoje em dia. O objetivo desta seção é discutir o crescimento do setor terciário como peça importante para desenvolvimento econômico e urbano, estando ele integrado ao modo de vida e de produção do século XXI.

2.1 O crescimento do setor de serviços

Nos últimos anos o setor de serviços tem apresentado expressiva ascensão nas economias mundiais, sendo marcado por um dinamismo que o levou a taxas de crescimento superiores às demais atividades econômicas (LEMOS; ROSA, 2002). Tal configuração deve-se a mudanças tecnológicas e organizacionais que vêm ocorrendo no Brasil e internacionalmente, reconfigurando as estruturas produtivas e o peso de cada setor na geração de renda e na ocupação de mão de obra. A movimentação que vem sendo observada é a diminuição do espaço ocupado pelos setores produtores de bens simultaneamente ao aumento da participação do setor de serviços na economia (DINIZ, 2013). Parte dessa alteração deve-se à incorporação no setor de serviços de atividades anteriormente categorizadas dentro dos setores primário e secundário, constituindo o processo de terceirização. A outra parte advém de um aumento efetivo do setor terciário, que passa a ter maior demanda por parte dos consumidores, empregar maior mão de obra e a gerar maiores aportes de receitas e salários, fenômeno descrito como “terciarização” (Diniz, 2013). Algumas das causas apontadas por Diniz (2013) para o crescimento dos serviços no Brasil em detrimento dos demais é o barateamento dos preços relativos dos bens industriais, ocasionado pelos ganhos de produtividade do progresso tecnológico, e a mudança no padrão de consumo da população que, com maior renda, passa a demandar mais serviços e menos bens. De maneira

complementar, o autor reforça que o crescimento dos serviços no país é um reflexo do rápido processo de urbanização, da modernização tecnológica e da modificação da estrutura produtiva brasileira:

“O setor de serviços, até então considerado o resto da economia, passa a ter importância central na geração de emprego e renda, no manejo da política econômica, nas diretrizes de desenvolvimento tecnológico e na política social. Por sua vez, eles estão fortemente articulados com o processo de urbanização, e tem localização predominantemente urbana.” (DINIZ, 2013, p.26)

O surgimento de novas tecnologias como causa para o crescimento do setor terciário já havia sido abordado de outra maneira por Singer (1979). Fazendo referência a Ribeiro (1977) o autor apresenta a hipótese de que o progresso técnico teria servido em maior escala ao setor industrial, que por sua vez teria passado a criar excedente de mão de obra, o qual foi absorvido pelo setor de serviços, já que as inovações tecnológicas trazidas para o aumento da produtividade na economia (como a mecanização e a automatização) não poderiam ser aplicadas em grande medida a estas atividades, obrigando-as a incorporar maior quantidade de mão de obra para se expandir (SINGER, 1979 apud RIBEIRO, 1977). Neste sentido, Miles (1993) corrobora com esta visão, trazendo que o crescimento do setor de serviços está intimamente ligado a sua incapacidade de se modernizar e aumentar sua produtividade acompanhando o crescimento na demanda do consumidor. Além disso, outras questões importantes seriam o aumento da renda per capita da população, fazendo com que houvesse maior demanda por serviços e conseqüentemente maior emprego de pessoas neste setor, bem como o ingresso da parte estagnada do exército industrial de reserva² em atividades informais, que se concentrariam em sua maior parte no setor terciário, como a venda ambulante, lavagem de carros, etc. (SINGER, 1979 apud RIBEIRO, 1977). Ainda assim, Singer (1979) coloca que a inovação tecnológica não gerou apenas o aumento da produtividade nas atividades econômicas, mas também, o surgimento de novos bens e serviços, que poderia incorrer no crescimento dos setores receptores na inovação. O autor destaca também que inovações no setor secundário poderiam ter gerado desenvolvimento de novas atividades de serviços citando como exemplo o aperfeiçoamento do avião e do automóvel, que permitiu o surgimento do serviço de turismo de massas.

² Exército industrial de reserva se refere às pessoas desempregadas que não foram incorporadas em atividades industriais.

Rocha (1997) aborda a questão da composição do crescimento do setor de serviços na economia. Em sua obra é trazida para a discussão a visão de que o surgimento de novas atividades de serviços poderia apenas incidir em mudanças na classificação das atividades econômicas e, portanto, na forma de contabilizar quais destas pertencem a cada setor da economia, como seria o caso de serviços que anteriormente estavam vinculados a determinada empresa do setor de bens e que passou a ser contabilizada separadamente dela, dando a impressão de crescimento do setor de serviços, mas sem interferir de fato no volume e na produtividade do setor (ROCHA, 1997). Outro apontamento relevante de Rocha (1997) é que dada a heterogeneidade do setor de serviços, a análise generalizada do crescimento deste setor pode deixar de levar em consideração as diferenças de produtividade entre os subsetores de serviços, o surgimento e a extinção de serviços dentro do mesmo setor, bem como a substituição bens por serviços e de serviços por bens, fenômenos passíveis de acontecer na evolução do volume de serviços na economia. Diante disso, Rocha (1997) coloca que a análise sobre a composição do crescimento do setor terciário deveria levar em consideração: a) a heterogeneidade dos serviços; b) a dificuldade de contabilizar as atividades terciárias e c) os efeitos do progresso técnico não evidenciados por indicadores socioeconômicos.

No intuito de analisar de forma mais detalhada o crescimento do setor terciário, Gershuny (1987 apud ROCHA 1997) divide as atividades de serviços em finais (ao consumidor) ou intermediárias (às empresas), privadas (prestados por empresas privadas) ou sociais (prestados por organizações públicas ou sem fins lucrativos), teorizando sobre o comportamento de cada uma dessas categorias. Os serviços finais privados teriam crescimento econômico relacionado a dois fatores: o demográfico e o sociológico. Pelo fator demográfico, o processo de urbanização teria elevado a demanda da população por serviços finais, uma vez que esta necessitaria de novos provimentos e infraestruturas para a ocupação das cidades, como serviços de transporte e distribuição de bens. Pelo fator sociológico, os serviços finais teriam sofrido expansão diante de aspectos como o ingresso da mulher no mercado de trabalho, elevação do tempo disponível ao ócio (devido ao aumento da relação salário/tempo de trabalho), dentre outros, fazendo pressão pelo crescimento da demanda de serviços. O crescimento dos serviços intermediários estaria primeiramente ligado à criação de novos serviços prestados às empresas, advindos de inovações tecnológicas responsáveis por gerar novos produtos ou categorias de serviços (como a categoria de tecnologia da informação produtora de softwares) (GERSHUNY, 1987 apud ROCHA, 1997). Em segundo lugar,

haveria, em associação ao progresso técnico, a realização de economias de escala e escopo que permitiram alguns serviços anteriormente restritos ao ambiente das empresas, serem adquiridos diretamente pelos consumidores no mercado. Por fim, estaria a terceirização de atividade de serviços, que já foi mencionada anteriormente, sendo causada pela elevação dos custos indiretos de se contratar mão de obra (carga tributária). Os dois últimos fatores atrelados ao crescimento dos serviços estariam ligados, sobretudo, ao incremento em quantidade do setor terciário sob o ponto de vista contábil, revelando uma tendência à especialização do trabalho (GERSHUNY, 1987 apud ROCHA 1997). Quanto aos serviços do setor público Gershuny (1987 apud ROCHA 1997), introduz a ideia de que este segmento vem crescendo juntamente com o crescimento da renda per capita, tendendo a se estabilizar ao atingir determinado patamar. Esses serviços cessariam seu crescimento com o surgimento de problemas fiscais relacionados o custeio da máquina pública.

As conclusões chegadas por Gershuny (1987 apud ROCHA 1997) foram de que o crescimento do setor de serviços estaria centrado no aumento do consumo de serviços intermediários, demandados principalmente pelo setor industrial. Desta maneira uma economia de serviços seria pautada pelo consumo de bens que determinariam a dinâmica do crescimento do setor de serviços (GERSHUNY, 1987 apud ROCHA 1997). Gutiérrez (1993 apud ROCHA, 1997) corrobora com esta visão ao trazer para a análise a existência de ciclos no setor de serviços, segundo os quais o crescimento superior dos serviços intermediários acompanharia os períodos de crescimento do total da economia e o crescimento superior de serviços governamentais e privados não-mercantis acompanharia os momentos de crise econômica, apesar de que estes serviços manteriam seus níveis de crescimento praticamente constantes em todos os períodos.

2.2 Os serviços nas cidades e economias do século XXI

Desde a revolução industrial, as cidades são estruturas que tem evoluído como forma de ocupação necessária para o desenvolvimento das atividades econômicas humanas, determinando uma nova forma de organização do espaço e do modo de vida das sociedades ao redor do mundo, baseadas em sistemas de produção e consumo. Riddle (1987 apud MILES, 1993) coloca que os serviços foram importantes no início da economia industrial ao prover infraestruturas de seguros, transporte e comunicação. A evolução do meio urbano tem

implicado na transformação da relação homem-homem e homem-natureza a partir do surgimento de novas formas de utilização dos recursos naturais disponíveis, bem como de novos arranjos sociais, econômicos e culturais, advindos das necessidades das populações e dos mercados, em constante modificação.

Segundo Sassen (1998), as novas teorias e trajetórias empíricas do campo das ciências sociais têm posicionado as cidades como locais de proeminência:

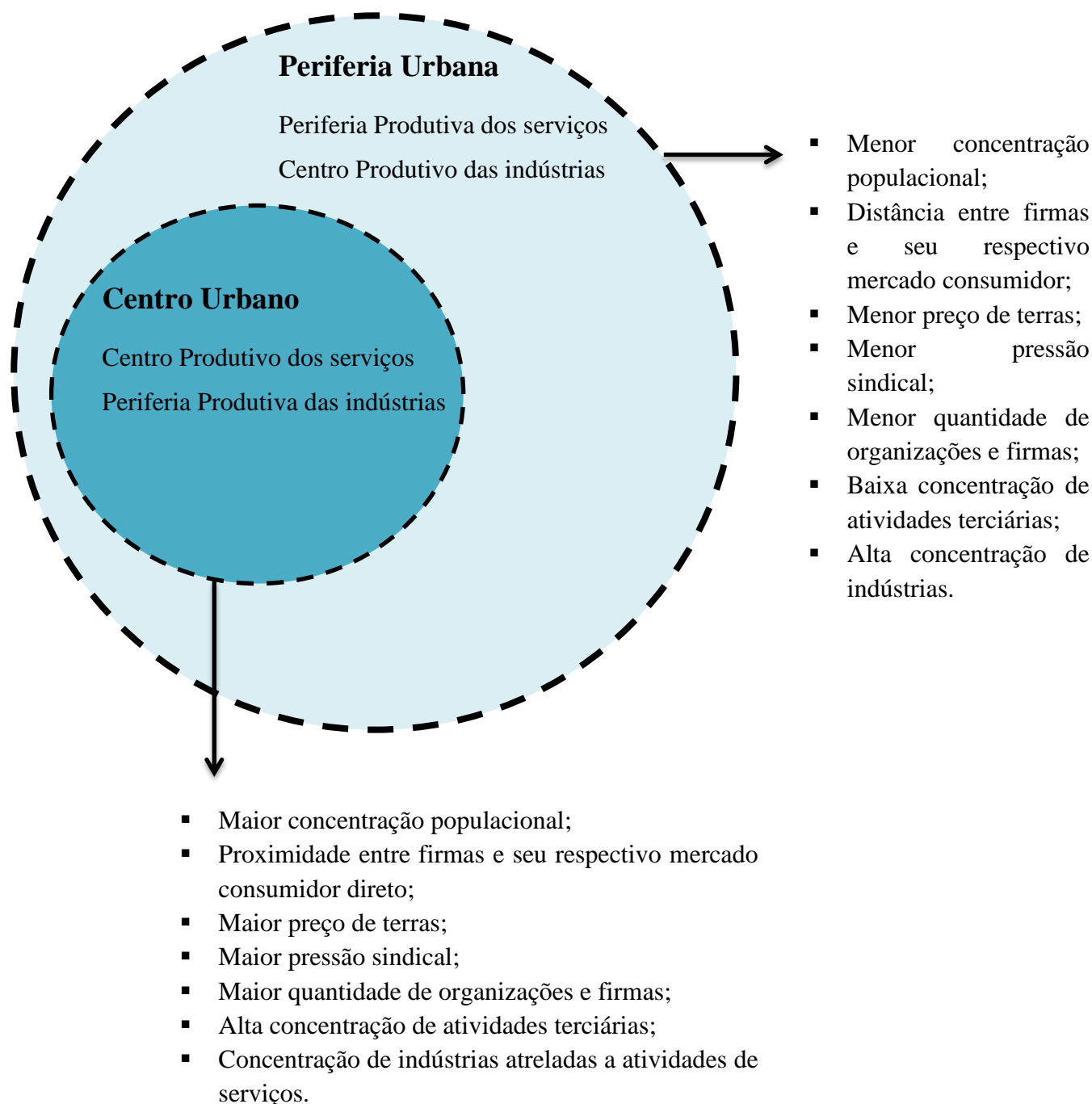
“As cidades ressurgiram não apenas como objeto de estudo, mas também como lugares estratégicos para a teorização de um amplo conjunto de processos sociais, econômicos e políticos, fundamentais para a era presente: a globalização econômica e a migração internacional, a emergência de serviços e finanças especializados como os setores que mais crescem nas economias adiantadas e novos tipos de desigualdade”. (SASSEN, 1998, p.20).

A crescente urbanização dos territórios abriga, como aponta a autora, fenômenos que vêm remodelando as interações entre populações e economias, como a ampliação dos fluxos internacionais de recursos financeiros e pessoas, evolução de novos tipos de desigualdade urbana e a terciarização das atividades econômicas. Este último em especial, apresenta-se como relevante marco na análise das transformações provocadas pelo multi-temático protagonismo das cidades.

Singer (1979) aborda as cidades como espaço que abriga atividades industriais e de serviços, uma vez que o campo estaria ligado sobretudo às atividades agropecuárias. Serviços e indústrias seriam então, intervenções no espaço que precisam existir de forma concentrada e interconectada entre si, uma vez que demandam relações produtivas para que possam concretizar os passos que vão desde o fornecimento de matéria prima até a distribuição e consumo do produto gerado. Daí surgiriam economias firmadas sobre as aglomerações urbanas, capazes de fornecer mão de obra, público consumidor e insumos para a produção secundária e terciária. Para Singer (1979) esta configuração é a marca do processo de urbanização, já que esta resultou “em extensa transformação da divisão do trabalho, com a passagem de uma crescente parcela da população ativa das (...) atividades extrativas para a manufatura e os serviços” (p.129). Nas cidades, então, foram modificadas as relações de produção e consumo, oferta e demanda, de maneira que as atividades econômicas passaram a ser mais dinâmicas, diversificadas e altamente dependentes do público consumidor, regendo

todo o funcionamento da vida urbana. Como é perceptível, a urbanização não foi somente a passagem de pessoas do meio rural para o meio urbano, desdobrando-se também na formação de redes urbanas concentradas em grandes cidades, ao redor das quais são formadas áreas metropolitanas (SINGER, 1979) estabelecendo-se entre estas relações hierárquicas que regem a distribuição das atividades produtivas e dos mercados consumidores em cada território central ou periférico. É de se esperar que as firmas de um complexo econômico vão se estabelecer sobre regiões ou cidades centrais, preferindo estas em detrimento de áreas com menor concentração populacional ou com baixa presença de organizações. O curioso é que esta lógica é verdade para as atividades de serviços, mas não para as atividades industriais. Sobre isso, Singer (1979) coloca que na configuração urbana típica, o centro metropolitano seria formado por um complexo de serviços de controle como atividades políticas, financeiras, sindicais, de informática, etc., ao redor dos quais se organizariam outros serviços responsáveis por atender às necessidades da população, como atividades de lazer, hospitais e escolas. O autor complementa enfatizando que os complexos industriais tenderiam a se estabelecer longe dos centros metropolitanos, instalando-se nas periferias urbanas, principalmente ao longo dos eixos de comunicação centro-periferia. As atividades industriais existentes sobre os centros urbanos seriam, então, aquelas que dependessem em grande medida da proximidade física dos serviços, como é exemplo a indústria editorial, indústria de confecções e a indústria da construção civil (SINGER, 1979). A interpretação de Singer (1979) sobre a disposição das atividades econômicas sobre os espaços urbanos, apesar de não tão recente, continua atual uma vez que as nossas cidades ainda são o espelho desta configuração. É possível notar a inversão das dinâmicas centro-periferia quando são analisados em comparação os serviços e a indústria, já que os primeiros estão altamente ligados à proximidade com os mercados consumidores e a segunda é estimulada pela existência de espaços disponíveis para a instalação de infraestrutura industrial, baixo preço de terras e baixa pressão sindical, podendo existir em regiões mais distantes das grandes aglomerações populacionais. Logo, os centros produtivos de serviços coincidiriam com os centros urbanos, já os centros produtivos das indústrias coincidiriam com as periferias urbanas. Desta constatação é possível extrair o seguinte esquema:

Figura 2: Dinâmica de centralidade urbana entre atividades industriais e de serviços



Fonte: Elaboração Própria.

Algo que precisa ser colocado é que esse padrão refere-se ao comportamento geral das atividades econômicas sobre centros e periferias urbanas, sendo que, em algumas cidades, este modelo pode ser modificado em alguma medida. Ainda assim, este modelo

deixa claro o caráter urbano das atividades de serviços evidenciando o quanto elas vivem simbiose com as atividades industriais, com o seu mercado consumidor e também com outros serviços, de maneira que, como aponta Singer (1979), “o que hoje em dia “organiza” a aglomeração urbana é sem dúvida o complexo de serviços, que constitui sua razão de ser” (p. 129).

Os serviços são atividades que tendem a existir em conjunto, estando espacialmente próximos uns dos outros, em escala maior do que a indústria, já que o seu produto, geralmente intangível, por vezes especializado em segmentos populacionais e de natureza relacional, precisam estar próximos ou coincidir com o local de sua prestação junto aos seus consumidores (SINGER, 1979). Logo, para o autor, a chamada “economia de serviços” para o qual os países estão tendendo a ir, é possível graças a uma estrutura urbana cuja hierarquia se caracteriza por alta concentração metropolitana.

Além de transformar a dinâmica das relações urbanas, como visto anteriormente, os serviços também transformaram a prática de atividades produtivas e a maneira como se produz e compartilha informações. Apesar disso, muito dos estudos a respeito das dinâmicas econômicas que influenciam o espaço tem se voltado para os setores produtores de bens, a saber, o setor primário e, sobretudo, o setor secundário. Kon (2013) deixa isso claro ao parafrasear KON(1994) em seu destaque para o foco industrial de boa parte dos estudos econômicos passados:

“Os novos estudos microeconômicos colocavam claramente o foco da análise na indústria manufatureira, embora os novos conceitos e comportamentos sobre a empresa, no que se refere a estruturas de mercado (oligopólio, cartéis, etc.), tomada de decisão, crescimento entre outros temas, sejam direta e claramente aplicados à indústria de serviços” (KON,1994 apud KON 2013, p. 62).

Ao longo da história do desenvolvimento econômico fica evidente que os serviços assumem não mais um papel meramente complementar às demais atividades, mas também, de preponderância no conjunto de empresas de uma economia. Compreender o novo papel dos serviços na economia urbana é entender como estes exercem influência sobre o ordenamento do território e posicionam algumas cidades, em detrimento de outras, como centros de atração de contingentes populacionais, mercados consumidores, investimentos

públicos e privados e demais atividades econômicas. Minas Gerais possui uma extensão territorial ampla, marcada por desigualdades e contradições, expressas em cenários como a extrema pobreza do Vale do Jequitinhonha em contraste com as vastas e produtivas fazendas do triângulo Mineiro. As diferenças expressas entre as localidades do mesmo estado reforçam a ideia de que as divisões do espaço fruto das convenções político-administrativas não correspondem aos recortes espaciais que de fato possuem características semelhantes e interagem entre si dentro de um contexto próprio. Como bem aponta Diniz (2013, p.6) “é preciso superar a visão tradicional de que a região é apenas um recorte no território”. As cidades contemporâneas encontram-se imersas em ambientes de permanentes interações que não respeitam os limites geográficos regionais ou nacionais, mas estabelecem-se sob uma lógica própria de conectividade. Desta maneira, é possível justificar por que é possível que o sul de Minas tenha maior número de relações econômicas e sociais com cidades do Estado de São Paulo do que com as demais cidades mineiras, localizadas num mesmo limite espacial.

Em grande medida, entende-se que os serviços compõe boa parte dos fluxos no interior das cidades e entre elas, pois possuem a capacidade de trazer dinamismo econômico local e regional, movimentar contingentes populacionais e incrementar indicadores socioeconômicos ao impactarem a renda bruta da população, a receita das empresas, a arrecadação do Estado e os níveis de emprego, seja qualificado ou não.

As funções de serviços são por natureza complementares a outros produtos, pois dependem do emprego de bens para se concretizarem e transferem a eles utilidade que não poderia existir sem sua existência. Porém o resultado de um serviço pode ser substituído de outro bem ou serviço (KON, 1999), a exemplo de serviços de impressão gráfica que podem ser substituídos de serviços de manutenção de impressoras ou da própria impressora. Além disso, os serviços também possuem o papel de facilitar transações econômicas, na medida em que atendem ao consumo final das sociedades, fornecem insumos importantes para a indústria e estimulam desdobramentos para frente e para trás na cadeia produtiva, ao demandarem bens e serviços para serem concretizados e prestarem serviços a outras atividades, contribuindo para a expansão de polos de desenvolvimento. (KON, 1999). Como bem salienta Riddle (apud KON, 1999 p. 64) “Os serviços são a cola que mantém integrada qualquer economia, são as indústrias que facilitam todas as transações econômicas e a força propulsora que estimula produção de bens”.

É possível observar que alguns dos estímulos ao consumidor para que este prefira a aquisição de um bem em detrimento de outro estão relacionados à presença de serviços que permitem ou facilitam a concretização do consumo como a proximidade de algum vendedor (menores custos de serviços de transportes), possibilidade de obtenção de crédito (serviços financeiros) e a singularidade do modelo do bem (serviços de design) (SRAFFA, 1962 apud KON, 2013). A partir dessa visão, tem-se que as atividades de serviços não somente subsidiam a produção e a distribuição de bens, mas também podem ser imprescindíveis na incorporação destes pelo mercado consumidor competitivo. Robinson (1933 apud KON, 2013) complementa esse pensamento, ao criticar o modelo clássico da “Concorrência Perfeita”, colocando que cada empresa liga-se a um grupo de compradores por vínculos que extrapolam o nível de preços. Estes vínculos poderiam ser gerados ou intensificados por atividades de serviços que, dentre outras questões, permitiriam a qualidade da venda e a publicidade dos produtos. Então, a fidelização de consumidores aos bens estaria diretamente ligada a atividades terciárias, que auxiliariam no posicionamento de mercado de empresas, contribuiriam para a competitividade de seus produtos e estreitariam os laços delas com seus clientes. Tais aspectos importam ao desenvolvimento econômico, já que a presença de serviços que estimulem a produção e o consumo de bens (e também de outros serviços) aqueceriam a dinâmica de oferta e demanda, trazendo dinamismo e emprego para a economia.

As atividades de serviços seriam não somente facilitadoras das transações consumidor-produtor, mas ainda, responsáveis pela diminuição no custo das operações realizadas durante o processo de produção de um bem. Da necessidade das empresas de diminuir os custos das transações surge a possibilidade que estes sejam incorporados por terceiros (COASE, 1990 apud KON, 2013), resultando no processo de terceirização. A terceirização deu origem a empresas de serviços especializadas em atender demandas específicas de empresas, culminando na expansão do setor terciário nas economias. Esse processo foi importante para a especialização e otimização da produção das firmas, que puderam, por meio do foco em sua atividade principal, auferir maiores ganhos de produtividade, resultando em impactos produtivos para toda uma economia. Dessa forma, a atuação de serviços sobre os custos das transações empresariais repercute sobre toda a cadeia produtiva de um bem, criando relações de interdependência entre as atividades econômicas:

“Sob esta ótica, os custos de transação, por outro lado, podem acarretar prejuízos não só para as partes envolvidas, com reflexos para outras áreas e setores da economia que, embora alheios à relação, de forma indireta podem arcar com tais prejuízos.” (KON, 2013, p. 70)

A partir de então, a criação de novos produtos geraria a demanda por novos serviços que pudessem baratear a sua produção. Sarmiento 2006 (apud KON, 2013) fez o levantamento de diferentes causas para o aumento nos custos de transações que fazem as empresas recorrerem aos serviços especializados, sendo estas o surgimento de inovações tecnológicas que precisam ser incorporadas ao processo produtivo das firmas para que não percam a competitividade de seu produto, rápida obsolescência dos equipamentos utilizados na produção que exigiriam da empresa altos gastos com readequação de sua infraestrutura e necessidade de constante renovação do conhecimento e da capacitação dos funcionários da mão de obra empresarial, que demandariam da firma altos investimentos em treinamentos e aumentos salariais. Estas mudanças que atuam sobre o cenário econômico atual enfatizam a importância dos serviços enquanto atividades que permitem a obtenção de vantagens produtivas para a soma das empresas de determinado local ou segmento.

A partir de Schumpeter (1934 e 1938), Kon (2013) aborda o setor de serviços como importante para a concretização da inovação na economia. A princípio a indústria manufatureira seria a força motriz da economia já que nela estariam abrigadas as inovações tecnológicas capazes de promover crescimento econômico, enquanto os serviços encontrar-se-iam passivos a essa dinâmica. Entretanto, o autor consolidou a visão de que as inovações não estão restritas aos produtos e aos processos de produção, aplicando-se também sobre o mercado, os insumos e a própria empresa (KON, 2013). Posto isso, a inovação estaria propensa a acontecer no setor de serviços, já que seu papel econômico seria mais recente que o da indústria, abrindo maior leque de possibilidades para a diversificação econômica dessas atividades, bem como especialização destas em necessidades do mercado ainda não atendidas pelos produtos já ofertados. Na interpretação das obras de Schumpeter por Kon (2013) os serviços, ao abrigarem as inovações, contribuiriam para a renovação das atividades de uma economia, já que as empresas que se colocassem à margem destas mudanças, perderiam espaço de mercado até desaparecem dele completamente, caracterizando a “destruição criativa” schumpeteriana. As inovações de mercado trazidas pela renovação do setor terciário também seriam responsáveis por gerar às empresas ganhos de competitividade do produto ou

de escala que permitiriam o reinvestimento em bens de capital e na introdução de novos bens ou serviços na atividade produtiva da firma, contribuindo para a diversificação, crescimento e aperfeiçoamento das atividades econômicas (KON, 2013). Outro aspecto relevante da contribuição de Schumpeter tratado pela autora é o impacto da inovação em serviços sobre o aprendizado das empresas, que passam a incorporar as mudanças de mercado em seu processo produtivo:

“Como salienta o autor (1934), a difusão da inovação e a imitação requerem competência e aprendizado ou conhecimento pelos agentes, para absorver os novos códigos introduzidos, de modo que seja possível a percepção sobre que princípios básicos da inovação podem ter mais de uma aplicação específica e ainda sobre a forma pela qual a inovação poderá ser aplicada a novas soluções para situações diversas.” (KON, 2013, p. 80).

Desta colocação, duas premissas podem ser deduzidas: a inovação em serviços requer a união dos conhecimentos já disponíveis em uma economia e a inovação em serviços gera necessidade por novos aprendizados para que possa ser introduzida como opção produtiva viável. Ambas as possibilidades estariam impulsionando determinada localidade em direção ao desenvolvimento econômico, na medida em que uma permitiria a disseminação das melhorias adquiridas nos processos produtivos de bens e serviços, enquanto a outra faria pressão para a qualificação dos conhecimentos de mercado disponíveis. KON (2013) destaca que dentre os serviços que estimulam as mudanças capazes de levar ao desenvolvimento econômico possuem especial importância os serviços financeiros, sobretudo os de concessão de crédito, já que são responsáveis por financiar a atividade de indivíduos construtores da inovação.

A inovação dentro do setor de serviços realiza mudanças na organização da produção nos três setores da economia, manifestando-se transformações no mercado (novos instrumentos financeiros, métodos aperfeiçoados de transporte de produtos), nos insumos (novos equipamentos e uso de novos tipos de matéria prima) e nas organizações (maneiras diferenciadas de relacionamento com o cliente e de interação entre os departamentos das empresas), para citar alguns exemplos (KON, 2013).

Ademais, os serviços refletem o desenvolvimento de uma economia na escala de sua variedade e intensidade de oferta. À medida que uma sociedade se desenvolve economicamente, os serviços vão tornando-se mais complexos dadas as necessidades produtivas da estrutura de atividades ali praticadas e o nível ascendente de consumo de seus habitantes, os quais, após satisfazerem suas necessidades básicas, passam a demandar bens e serviços mais complexos, estimulando a oferta do setor terciário. Miles (1993) traz que a teoria da sociedade pós-industrial sugeriu que com o advento do crescimento econômico, as necessidades das pessoas tornaram-se mais sofisticadas. Segundo o autor, os gastos delas teriam mudado para o consumo de serviços por duas causas possíveis: talvez porque os serviços fossem “produtos superiores” ou talvez porque as pessoas tivessem atingido certo patamar de saciedade com o consumo de bens materiais, almejando adiante, a satisfação por serviços. Haveria, portanto, uma mudança na demanda da sociedade, que passariam a ser majoritariamente composta por atividades terciárias. Miles (1993) também aponta que a mudança nos padrões de demanda voltada para o crescimento dos serviços estaria atrelada a uma evolução nas sociedades mundiais, que sairiam de economias agrícolas, passando por economias industriais, para se tornarem enfim, economias de serviços.

Ao fim desta abordagem sobre o papel dos serviços tanto no meio urbano quanto para as relações de produção e consumo, fica evidente o quanto este setor tornou-se participativo e capaz de articular faces importantes do desenvolvimento econômico:

“O papel dos serviços é mais do que atuar na complementação das atividades manufatureiras, mas antes de tudo é um pré-requisito para o desenvolvimento, ao intensificar a capacidade de inovação, produção, circulação, distribuição e regulação das atividades produtivas no contexto econômico. Assim sua provisão adequada, tanto no ambiente interno quanto externo das firmas, torna-se então um elemento crucial da dinâmica do processo de desenvolvimento das economias.” (KON, 2013, p.84).

3 Conceituando e caracterizando as atividades de serviços

“A importância de definir e classificar os serviços não está em distingui-los dos bens, mas em verificar quais funções econômicas desempenham, que podem não ser semelhantes às desempenhadas pelos bens.” (KON, 1999, p.75)

Nesta seção serão explorados o conceito e as características que distinguem os serviços das demais atividades econômicas, a partir de uma construção teórica que remonta a evolução do tratamento deste setor dentro dos estudos em economia. A primeira parte refere-se à evolução dos conceitos de serviços

3.1 A evolução do conceito de serviços

Miles (1993), em tradução livre, relata que uma vez o jornal americano “*The Economist*” sugeriu que os serviços eram coisas que podiam ser compradas ou vendidas, mas não atiradas no pé de alguém. Essa frase revela a dificuldade em caracterizar as atividades de serviços e distingui-las dentre as demais, diante de suas características diversas e altamente modificáveis ao longo do tempo. Alguns conceitos atribuídos a este setor nem sempre conseguem abarcar todas as possibilidades de atividades nele existentes, fazendo com que a definição dos serviços seja matéria, até hoje, não consensual entre seus estudiosos.

Ainda assim, caracterização das atividades terciárias permanece como um esforço de suma importância para o início de qualquer discussão a respeito deste setor. Como bem enfatiza Kon (1999), “a questão da definição e classificação dos serviços é uma pré-condição necessária para a análise da contribuição deste setor para o crescimento econômico” (p.70). Tendo isto em vista, será feita a seguir uma recapitulação da evolução do conceito de serviços ao longo do tempo, ancorada nos principais autores envolvidos no exercício de caracterizar estas atividades econômicas.

O resgate da evolução do conceito de serviços foi feito de maneira importante nos estudos de Kon (1999) e posteriormente complementado pela obra de Silva e Meirelles (2006).

Nas primeiras composições da literatura econômica (fisiocratas e clássicos) a característica da tangibilidade das atividades era considerada como primordial, pois só seria possível transferir riqueza a partir de resultados concretos e palpáveis da produção (KON, 1992 apud KON, 1999). Invariavelmente, por esta percepção, os serviços eram então considerados como atividades não produtivas já que não permitiam a perpetuação da utilidade de um período a outro (KON, 1999).

O clássico econômico Smith (1776, apud SILVA E MEIRELLES, 2006) definia as atividades de serviços como atividades improdutivas, de baixa rentabilidade e incapazes de gerar lucro para sua manutenção e expansão. Isto decorre da interpretação do autor sobre o trabalho, que só é produtivo se for reproduzível, ou seja, capaz de gerar bens palpáveis, visíveis e estocáveis, sendo passíveis de serem perpetuados ao longo de transações econômicas pela aquisição de novos bens e serviços (SILVA E MEIRELLES, 2006). Nesta visão, o ciclo produtivo das transações econômicas teria fim quando o bem tangível fosse trocado por um serviço, que não poderia ser trocado por mais nenhum outro produto, por ser imaterial.

Já para Marx (1867 apud SILVA E MEIRELLES, 2006) o trabalho não seria a mera produção e troca de bens materiais, mas uma relação social, capaz de ser produtiva quando formasse um excedente na economia (lucro). Logo, a tangibilidade de um produto não seria critério para fazer de sua atividade produtiva ou não, mas sim, a capacidade que ele teria de ser produzido por relações capitalistas que gerassem mais-valia. Diante disso, o autor define os serviços como o efeito de utilidade gerado pelo valor de uso de uma mercadoria ou de um trabalho (MARX, 1867 apud SILVA E MEIRELLES, 2006). Um serviço de armazenamento, então, poderia ser visto como o efeito útil gerado pelo emprego de máquinas, equipamentos, espaços e pessoas para permitir o estoque de mercadorias. O efeito útil deste serviço então, seria o armazenamento de materiais. Apesar de Marx avançar na definição de serviços em relação à Smith, suas concepções ainda eram de que os serviços só ganhariam importância econômica se estivessem associadas aos processos de valorização do capital industrial, sendo que por essa compreensão apenas serviços como os de transporte, armazenamento de mercadorias e comunicação seriam considerados como economicamente relevantes (SILVA E MEIRELLES, 2006).

Os utilitaristas, indo além dos clássicos perceberam o valor fundamental dos serviços no sistema econômico ao valorarem as atividades econômicas como responsáveis pela satisfação das necessidades humanas, porém não conseguiram se desvincular totalmente das prerrogativas de tangibilidade das atividades econômicas produtivas (SILVA E MEIRELLES, 2006). Say (1803 apud SILVA E MEIRELLES, 2006) considera como produtivas todas as atividades geradoras de utilidade, que é o grande motor da economia. Logo, trabalho seria a atuação do homem na natureza a partir de sua inteligência, produzindo novos produtos geradores de utilidade (SILVA E MEIRELLES, 2006). A partir de então, serviços seriam a criação de novos produtos pelo uso dos fatores de produção (terra, capital e trabalho), ocupando papel central no processo produtivo (SAY, 1803 apud SILVA E MEIRELLES, 2006). Em sua obra, os fatores de produção seriam produtores de serviços, prestando a terra um serviço de espaço para a ocupação por firmas, o capital um serviço para a transformação mecanizada de insumos em produtos e a mão de obra um serviço de trabalho para viabilizar os processos dentro de uma organização.

Como parte da corrente utilitarista, Mil (1848 apud SILVA E MEIRELLES, 2006) propõe que trabalho seria a combinação de objetos físicos para a geração de novos bens e serviços. Esta combinação só seria possível por meio da ação humana, já que, diferentemente de Say, para Mil a matéria (insumos, máquinas e equipamentos, terra, etc.) não seriam capazes por si só de produzir serviços (SILVA E MEIRELLES, 2006), logo, apenas o esforço humano poderia agregar valor a um produto. Haveria, portanto, três tipos de utilidade, a saber, a utilidade fixa e incorporada em objetos externos, utilidades fixas e incorporadas a seres humanos e utilidades não fixas ou não incorporadas em algum objeto (MIL, 1848 apud SILVA E MEIRELLES, 2006). Dos três tipos de utilidade apenas o primeiro (criação de utilidades permanentes e incorporadas a objetos concretos) seriam classificadas como resultado de um trabalho produtivo, já que permitiriam a incorporação de riqueza, seja de forma direta (produção de bens tangíveis e estocáveis), seja de forma indireta (prestação de serviços de educação a seres humanos que produzissem posteriormente bens que seriam adicionados ao estoque de riquezas do país) (MIL, 1848 apud SILVA E MEIRELLES, 2006). Logo a definição de serviços que pode ser extraída é a de atividades resultantes do trabalho humano empregadas na geração de utilidade, podendo ser produtivas ou não na medida da possibilidade de incorporação de riqueza permitida pelo valor útil por elas gerado.

Partindo de propostas semelhantes, Walras (1874 apud SILVA E MEIRELLES, 2006) caracteriza os serviços como atividades que podem ser produtivas ou improdutivas de acordo com a durabilidade do produto gerado. Se o produto do serviço só pudesse ser usufruído diretamente pelo consumo o serviço seria classificado como “consumível”, se pudesse ser utilizado outra vez como capital, o serviço seria considerado como “produtivo”.

Os autores contemporâneos apresentam diversas abordagens para a conceituação das atividades de serviços, ora focalizando aspectos da oferta (processo produtivo e produto gerado), ora priorizando aspectos do consumo (funções de serviços e público consumidor) (SILVA E MEIRELLES, 2006). A classificação das atividades de serviços dentro de um setor econômico próprio remonta a década de 1930, quando Fischer (1935 apud KON, 1999), dividiu a economia em três setores: setor primário, formado por atividades agropecuárias; setor secundário, constituído pelas atividades industriais; setor terciário, onde foram alocadas as demais atividades que não se encaixavam na classificação dos dois anteriores. Colin Clark (1940 apud KON, 1999) cunhou o termo “residual” para a caracterização dos serviços ao propor a mensuração de seu produto. A visão de Clark e Fischer, apesar de reconhecer o surgimento dos serviços enquanto novas atividades econômicas produtivas confere-lhes caráter residual, de forma que fossem vistas, no imaginário desta época, como de menor relevância dentre as demais. O conceito de serviços que pode ser extraído dessa divisão econômica é o de atividades econômicas de menor relevância ou de terceiro grau de importância, que restam do total da economia ao serem subtraídas a indústria e a agropecuária (KON, 1999).

Walker (1985 apud SILVA E MEIRELLES, 2006), caracteriza serviços como atividades intangíveis cujo resultado do trabalho é imaterial e irreprodutível. Riddle (1986 apud KON, 1999) enxergou os serviços como atividades promotoras de bem-estar social e que também podem ter características semelhantes às indústrias na medida em que a Revolução Industrial mudou não apenas o modo de produção manufatureiro, mas também a oferta de serviços como transportes, estruturas financeiras, comunicações, etc. A definição trazida pela autora é a de que serviços são atividades que combinam tempo, lugar e forma de utilidade que resultam em mudança no receptor (RIDDLE, 1986 apud KON, 1999). Pela visão trazida por Marshall e Wood (1995 apud SILVA E MEIRELLES) serviços são atividades de uso

intensivo de informação, sendo fundamentais para a valorização do capital e estando ligados à produção de bens. Hill (1979, 1999 apud SILVA E MEIRELLES, 2006) aborda serviços como “mudança nas condições de uma unidade econômica produzida pela atividade de outra unidade” (p. 130). O autor rompe com a visão de que serviços são todos os bens intangíveis na medida em que enfatiza seu caráter relacional com produção e consumo simultâneos, colocando inclusive que softwares e filmes não seriam serviços, na medida em que podem ser armazenados e comercializados para o consumo em momento distante da sua produção (SILVA E MEIRELLES, 2006). De maneira complementar, Castells (1989 apud KON 1999) se desvincula da visão dos serviços agrupados dentro de um mesmo setor, colocando que não existiria um setor de serviços e sim, um setor de atividades que foram diversificadas e especializadas juntamente com o processo de evolução da organização e das necessidades da sociedade, sendo uma forma de redistribuição do excedente de mão de obra gerado pelo aumento da produtividade da indústria e da agropecuária. Diante disso, extrai-se a definição de que serviços seriam atividades responsáveis por absorver a mão de obra excedente da indústria e da agropecuária, interligando estas atividades pelo consumo de bens e serviços e gerenciando as organizações da sociedade (KON, 1999). O autor Miles (1993) expande essa definição destacando que os serviços são as indústrias que efetuam transformação no estado de bens materiais, nas próprias pessoas ou em materiais simbólicos (informações).

Sem especificar-se em autores KON (1999) traz ainda outras definições encontradas no geral da literatura econômica para o setor de serviços como: uma indústria que produz serviços ao invés de bens; bens de consumo intermediários ou intangíveis, que possuem produção e consumo simultâneos, sendo intensivos em trabalho; componente do PIB (Produto Interno Bruto) que mede o produto de bens intangíveis; bens intangíveis que são consumidos no ponto de sua produção.

Em sua própria definição, Kon (2004, p.2) conceitua os serviços como “atividades econômicas que produzem utilidades relacionadas ao tempo, lugar, forma e benefícios psicológicos”. Disso decorreria que os serviços seriam capazes de facilitar a produção e a distribuição de bens e também de atender as necessidades pessoais dos indivíduos. Como exemplo a autora cita a economia de tempo gerada pelos serviços domésticos profissionais, o local de consumo facilitado proporcionado pelo serviço de lojas de departamento, a organização de informações em uma forma melhor utilizável oferecida

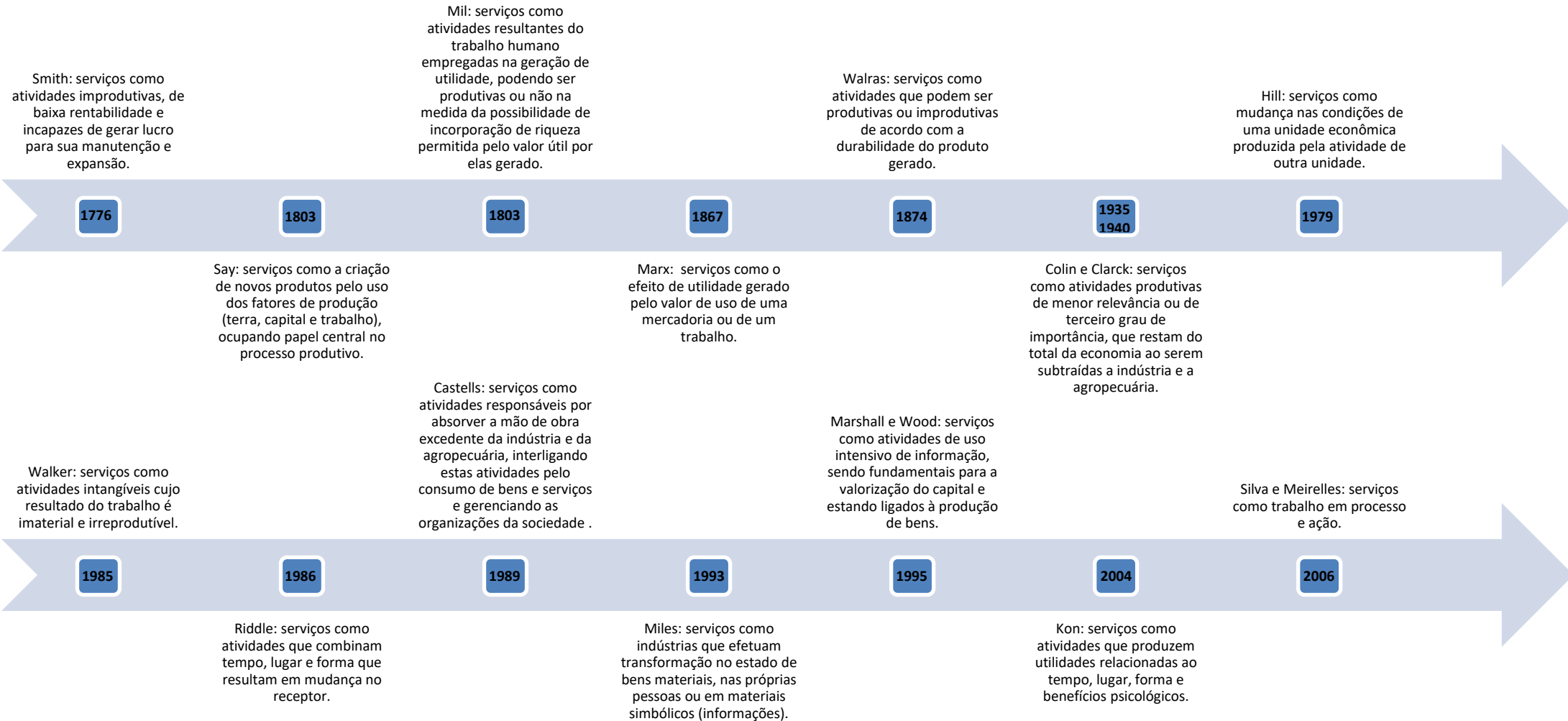
pelos serviços de informática e os benefícios psicológicos fornecidos pelos serviços de entretenimento, como as peças de teatro.

Mais recentemente, Silva e Meirelles (2006) apresentou uma nova abordagem para o entendimento dos serviços, colocando que “serviço é trabalho em processo e ação, não o resultado da ação do trabalho” (p.134), o que implica que a natureza específica das atividades de serviços não depende das características formais do processo produtivo (insumos, meio de trabalho, etc.) ou do produto, mas sim, da intensividade em trabalho dessas atividades. Essa proposta se diferencia das já tratadas por outros autores ao, dentre outras coisas, estabelecer que serviços, sendo “trabalho em ação” podem ser prestados por homens ou por máquinas, de forma que nem toda realização de trabalho seja serviço. Logo, segundo a autora, todas as etapas dos processos produtivos em que se realiza trabalho revelariam serviços em potencial que apenas se concretizariam caso se concretizassem como atividade econômica autônoma, regida por contrato (formal ou informal) cujo objetivo principal é a prestação de trabalho (SILVA E MEIRELLES, 2006).

De maneira sintética a Figura 3 faz uma compilação dos conceitos de serviço abordados anteriormente.

Ainda não há consenso sobre a definição de serviços na academia, sendo que uma dificuldade ainda maior é a incorporação das novas abordagens sobre essas atividades na mensuração do produto por setores da economia. Ainda assim, a conceituação dos serviços, bem como a proposição de novos olhares sobre eles, é um passo fundamental para que se compreenda em maior escala como suas funções e características podem ser e são incorporadas nos arranjos produtivos do mercado atual, gerando inovação, aumento de produtividade no aproveitamento dos insumos da produção, novas alternativas econômicas para o uso de recursos naturais, bem como doses maiores de bem estar para a sociedade em geral.

Figura 3: Evolução do conceito de serviços



Fonte: Silva e Meirelles (2006); Kon (1999); Kon (2004); Miles (1993) Elaboração própria.

3.2 Características das atividades de serviços

Dada a amplitude e as possibilidades de variação da caracterização das atividades terciárias, muitos autores associam os serviços não a um conceito estritamente fechado, mas a características peculiares que diferenciam estas atividades das demais. Tendo isto em vista, serão discutidas a seguir as características das atividades de serviços, entendendo-se que a compreensão dos traços que as constituem são fundamentais para a sua conceituação e interpretação do seu papel na economia.

Os serviços são bens intangíveis (KON, 1999), que antigamente eram classificados juntamente com atividades não-produtivas. Porém, o amadurecimento de sua compreensão e de sua oferta no mercado levou à conclusão de que há outras formas de transferir utilidade sem ser por produtos físicos e que o valor dos serviços pode ser armazenado, estocado e transferido, por meio de novas tecnologias como recursos digitais e ferramentas audiovisuais.

Kon (1999) aponta que a linguagem tradicional utilizada para fazer distinção entre manufatura e serviços está se tornando obsoleta, na medida em que as economias agrupam diversas atividades destes setores as quais mesclam em seus processos de viabilização econômica insumos tangíveis e intangíveis e diferentes relações de trabalho. A autora também destaca que as atividades de serviços são responsáveis por interligar agricultura e a manufatura por meio do consumo de bens e serviços e das funções de gestão das organizações e instituições da sociedade. Nota-se então que os serviços possuem alta permeabilidade em relação aos outros setores da economia, sendo muitas vezes originários do processo de terceirização de algumas atividades e especialização de outras, o que dificulta a sua categorização em um grupo fechado e homogêneo. Ainda assim, o setor terciário da economia, quando analisado de maneira generalista, apresenta características distintas dos demais setores que fazem com que se comporte de forma particular e seja estimulado por fatores diferentes dos usualmente empregados aos setores primário e secundário.

Neste ponto, o setor terciário será caracterizado a partir de quatro óticas, a saber, o seu processo de produção, seu produto, seu consumo e seu mercado. Desta forma será

possível compreender os fatores que tornam essas atividades peculiares dentro de um sistema econômico.

3.2.1 Processo de Produção

Riddle (apud KON, 1999) define como elementos-chave para a caracterização dos serviços os seguintes itens: 1) resultado da produção; 2) insumos utilizados; 3) propósito atendido pelo processo de produção.

Quanto ao resultado da produção, temos que os serviços são atividades que acarretam uma mudança na condição de uma unidade econômica com autorização prévia da pessoa ou unidade econômica anterior (KON, 1999). Geralmente, o resultado da produção de um serviço é geralmente intangível, de forma a ser entregue ao consumidor na forma de uma experiência, solução de problema, modificação de uma situação inicial não ideal ou diminuição dos custos de acesso a um bem ou outro serviço (no caso do comércio). Entretanto, seu valor de mercado pode ser sim mensurado, uma vez que transfere utilidade ao consumidor final, função esta que é a meta final de toda atividade produtiva. (KON, 1999). Ainda assim, nem todo valor gerado por atividades terciárias consegue ser capturado em termos monetários, uma vez que serviços podem gerar efeitos pretendidos e não pretendidos ao longo do tempo, que excedem o momento de prestação ou recebimento do bem intangível. Logo, nem todo valor gerado pelos serviços consegue ser efetivamente capturado pelo PIB, que é a forma mais comum de mensuração de riqueza dos países (KON, 1999).

Já os insumos utilizados pelos serviços são singulares, uma vez que o resultado do relacionamento produtor-cliente é incorporado ao processo produtivo, dando subsídio para a prestação dessas atividades (KON, 1999). O valor de um bem é geralmente sintetizado com base no valor dos seus insumos de produção (capital, trabalho, matéria prima) e nos custos de viabilização de seu consumo (transporte, venda, etc.) que podem ser reduzidos por economias

de escala. Uma vez dado este valor³, o valor total da produção é a soma em quantidade dos bens produzidos.

Já os serviços, apesar de também possuírem custos de naturezas semelhantes, alimentam-se de insumos por vezes intangíveis como conhecimentos, habilidades e informações, os quais carregam dose de subjetividade em sua mensuração. Assim, a análise do valor de um serviço estaria atrelada à valoração qualitativa de sua produção, sendo esta passível de variação entre atividades classificadas numa mesma categoria de serviços. Atividades terciárias são consideradas como intensivas em trabalho e em informação, dada a sua natureza amplamente relacional, ainda que sejam marcadas por mecanização ou autosserviço. A informação coletada no relacionamento produtor-consumidor é insumo chave para a geração do benefício final, que pode ser concretizado graças ao emprego de mão de obra capaz de traduzir as demandas específicas do usuário em um serviço muitas vezes personalizado. Silva e Meirelles (2006) ressalta o uso intensivo de recursos humanos nas atividades terciárias como fator produtivo de maior predominância, colocando em evidência a importância da interatividade e da interface com o consumidor para a concretização das transações econômicas neste setor:

“É a habilidade de interpretar as informações, atendendo às especificações dos clientes, que faz dos serviços uma atividade especial e de peso cada vez mais crescente na economia, principalmente num contexto onde o conteúdo informacional presente nos processos produtivos e nos produtos é cada vez maior. Quanto mais complexo o processo produtivo e mais apoiado em habilidades e expertises humanas, e quanto mais orientado para o mercado, mais intenso em serviço.” (SILVA E MEIRELLES, 2006, p. 129).

³ A rigor, o valor do trabalho também pode ser considerado, em parte, intangível, pois mensurar o valor da complexidade da atividade realizada e da qualificação do trabalhador pode ser uma tarefa arbitrária e por vezes subjetiva. O lucro também é matéria intangível, pois não há total objetividade no estabelecimento da diferença entre o preço do produto e o seu custo de produção e distribuição. Logo o valor de um bem também abriga uma porcentagem de intangibilidade, de maneira semelhante aos serviços.

Miles (1993) aponta que a qualificação requerida da mão de obra do setor pode variar de acordo com as necessidades da atividade desempenhada. Alguns demandam habilidades interpessoais, outros empregam mão de obra não qualificada (envolvendo trabalho informal ou de meio período) e há ainda aqueles que precisam de mão de obra especializada. A relação que se dá na produção do serviço pode variar em algumas configurações como: produtor age para o consumidor; consumidor fornece parte do trabalho; consumidor cocria o serviço em interação com o produtor (KON, 1999). Disso também decorre a característica da simultaneidade produção/consumo, pois a geração de utilidade ao consumidor coincide com o tempo da prestação do serviço. Corroborando com esta visão, tem-se que os serviços acontecem sob a forma de “um fluxo de trabalho contínuo no tempo e espaço”, sendo iniciado apenas quando há solicitação de um usuário, diferente do que acontece no processo produtivo de boa parte dos bens (SILVA E MEIRELLES, 2006). Desta forma, os serviços seriam “perecíveis”, uma vez que durariam apenas durante o tempo de sua prestação. Acrescenta-se a isso as características da inestocabilidade e da incomensurabilidade, segundo as quais os serviços não poderiam ser armazenados, pois são consumidos no momento de sua produção e teriam difícil mensuração de seu valor (em comparação aos bens) diante da sua intangibilidade. Porém, é importante colocar que alguns serviços podem ser semiduráveis (como manutenção, serviços profissionais) ou duráveis (como pesquisa, educação, governo) e não-perecíveis (RIDDLE apud KON, 1999). Além disso, como aponta Kon (1999), o desenvolvimento de novas tecnologias já permite hoje o estoque de determinados tipos de serviços em formas materiais. Tal captura de valor dos serviços pode estar materializada em outros bens, dispositivos eletrônicos (CDs, pen-drives, etc.) e em recursos digitais (aplicativos para celulares, armazenamento em nuvem, etc.). Miles (1993) adiciona outras características ao processo produtivo dos serviços como emprego de baixos níveis de capital em equipamentos (pode variar com a complexidade do serviço) e investimentos pesados em prédios, já que a prestação de alguns serviços é altamente dependente do local em que é efetivada.

Por fim, no propósito do processo de prestação do serviço fatores como lugar, forma de utilidade (geração de bem estar) e tempo são importantes (KON, 1999), sendo que a combinação dessas condições gera o produto intangível final ao consumidor (ex.: um serviço de lavanderia é formado pela combinação do local equipado com máquinas de lavar, que geram bem estar via facilitação de processos –limpeza de tecidos de usos pessoal- ,

funcionando mediante a programação do usuário –autosserviço- durante o tempo em que este julgar necessário). A diversidade do resultado dessas combinações é expressa na variedade crescente dos serviços ofertados ao consumidor. Neles encontramos diferentes técnicas produtivas e diferentes tamanhos de margens de lucro auferidas pelas empresas e indivíduos prestadores de serviços (SILVA E MEIRELLES, 2006).

De maneira geral nota-se que o processo produtivo dos serviços por vezes é descontínuo, diante da direta ligação entre o início dessas atividades com a demanda imediata do consumidor, o que acaba por reduzir as possíveis economias de escala (MILES, 1993). Ainda assim essa é uma característica que pode variar devido à crescente especialização das atividades terciárias e das diferentes magnitudes das organizações prestadoras de serviços que vão desde pequenas firmas familiares até robustas organizações governamentais.

3.2.2 Produto

Sabe-se que o produto dos serviços difere-se do produto dos setores produtores de bens na medida em que são intangíveis não gerando, por vezes, objeto palpável, mas mudança na condição inicial da unidade econômica receptora da ação. Miles (1993) destaca algumas características comuns entre o produto dos serviços:

- É imaterial e muitas vezes intensivo em informação;
- Difícil de armazenar e transportar;
- Frequentemente customizado para as requisições do consumidor;
- Difícil de demonstrar previamente;
- Produto e processo difíceis de distinguir.

O produto do setor terciário pode ser tido como o efeito que o serviço gera na unidade econômica atingida. Esse efeito pode variar de acordo com o objetivo da atividade. Para Miles (1993) esse efeito pode ser transformação no estado de bens materiais, nas próprias pessoas ou em materiais simbólicos (informação).

3.2.3 Consumo

O consumo do serviço, por visar o atendimento de alguma necessidade, está diretamente atrelado a um momento e um local específico. Os serviços têm produção e consumo simultâneos em tempo e espaço, necessitam de alto nível de informações vindas do consumidor para serem concretizados (são “intensivos em consumidor”) e possuem natureza amplamente relacional sendo que produtor e consumidor precisam interagir em dado momento ou estar presentes no mesmo espaço, gerando necessidade de que, em alguns casos, o cliente ou o fornecedor precisam se deslocar para encontrar a outra parte (MILES, 1993). As possibilidades existentes para o consumo do serviço são variadas, pois os serviços podem ser apenas recebidos pelos consumidores, gerados em conjunto por consumidor e produtor ou até inteiramente prestados pelo consumidor para ele mesmo (*self-service*). Os consumidores também podem variar entre indivíduos buscando satisfação de necessidades pessoais, empresas que precisam de serviços para completar a produção ou distribuição de seus bens e cidadãos que usufruem de serviços públicos prestados pelo Estado.

3.2.4 Mercado

O mercado dos serviços também pode ser diverso e coincidir com o mercado de bens. Miles (1993) aponta que há três tipos de mercados que este setor pode servir, sendo eles: o mercado de consumidores, o mercado intermediário ou de produtores, ou o mercado público ou de Estado. O mercado voltado aos consumidores estaria voltado ao atendimento das necessidades dos indivíduos, encontrando-se neles os serviços domésticos, serviços de beleza, dentre outros. O mercado voltado aos produtores abrigaria as demandas por serviços que completem ou intermedeiem parte do processo produtivo de um bem, como serviços de transporte ou de venda por atacado. Já o mercado público estaria voltado à prestação de serviços públicos como segurança pública, saúde, educação, etc.. Fato é que as mudanças ocorridas no setor de serviços acarretaram o surgimento de mercados mistos, que abrigam serviços que podem ser prestados tanto pelo setor privado quanto pelo setor público (escolas, hospitais, etc.) ou tanto para consumidores finais, quanto para produtores (lavanderias, manutenção de bens, etc.) (MILES, 1993). Outra consideração importante sobre o mercado de serviços é a alta presença de informalidade. É comum que serviços de baixa complexidade, que não exijam alto grau de qualificação de mão de obra, sejam prestados aos consumidores

via relações informais, com origem firmada na figura da pessoa prestadora do serviço e não numa firma ou organização regulamentadas.

3.3 Tipologias de serviços

A heterogeneidade do setor de serviços faz com que dentro de um mesmo setor existam atividades com comportamentos e papéis econômicos muito diferentes entre si. Diante disso, apresenta-se como exercício importante a subdivisão deste setor em outros menores para que se possa compreender melhor os diferentes segmentos de atividades que compõem a classe dos serviços, podendo estes se comportar de maneira distinta e ser influenciados por dinâmicas nem sempre coincidentes entre si.

Nusbaumer (1987 apud KON 1999) propõe haver duas formas de se classificar os serviços: uma de acordo com as funções que eles desempenham na economia (funções financeiras, de comércio, de transportes, etc.) e outra conforme os tipos de conhecimento específico utilizados em sua produção (conhecimento legislativo, de economia, de medicina, etc.). Outra classificação proposta é a Classificação Padrão de Comércio das Nações Unidas (KON, 1999) que divide os serviços com base no grau de processamento que possuem, em serviços sofisticadamente processados (que agregam maiores níveis de informação e conhecimento em sua produção) e serviços de menor complexidade (que podem ser oferecidos mais facilmente por agentes econômicos com menores níveis de qualificação).

Os serviços também podem ser classificados em primários, intermediários e finais, com base no papel que desempenham no processo produtivo (KON, 1999). Os serviços primários seriam aqueles de menor complexidade, sendo desempenhados por trabalhadores não qualificados, que por vezes atuam em atividades informais e podem migrar facilmente de um tipo de ocupação para outro. Os serviços intermediários são aqueles de maior complexidade que envolvem a coleta e aplicação de dados a partir do uso de fatores de produção elementares em sua produção como capital, trabalho e capital físico, sendo a matéria prima de produtos de serviços finais. Por fim, os serviços finais seriam aqueles envolvidos no processamento e manipulação de informações, de maneira a produzir e adaptar bases de dados para as necessidades dos prestadores de serviços.

Uma série de tipologias para o setor de serviços são propostas como forma de abordagem para as atividades incluídas neste setor. A seguir são compiladas algumas delas com base nos levantamentos feitos por Kon (1999), Kon (2004), Silva e Meirelles (2006) e Kon (2013).

Quadro 1: Tipologias de Serviços

(Continua)

Ano	Autores	Tipologia proposta	Descrição
1953	Foote e Hatt	Setor Terciário	Restaurantes, hotéis, reparação e manutenção, etc.
		Setor Quaternário	Transportes, comunicação, comércio, finanças, etc.
		Setor Quinário	Saúde, recreação, educação, etc.
1968	Organização das Nações Unidas (ONU)	Serviços de comércio, alojamento e alimentação.	Restaurantes, hotéis, comércio varejista e atacadista, etc.
		Serviços de transportes e comunicações.	Companhias aéreas, telefonia, etc.
		Serviços de atividades financeiras, bens imóveis e serviços às empresas.	Bancos, consultorias empresariais, etc.
		Serviços comunitários, sociais e pessoais	Serviço social, serviços de beleza, etc.
1970	Katouzian	Serviços complementares	Financeiros, transportes, comércio, etc.
		Serviços novos	Saúde, educação, entretenimento, etc.
		Serviços antigos	Domésticos, dentre outros.
1975	Browning e Singleman	Serviços distributivos	Transportes, comunicações, comércio, etc.
		Serviços às empresas	Financeiros, profissionais, etc.
		Serviços sociais	Saúde, educação, defesa, etc.
		Serviços pessoais	Domésticos, hotéis, restaurantes, lazer, etc.
1976	Porat	Serviços relacionados ao consumo pessoal ou não-produtivo.	Comunicação, cultura e lazer, etc.
		Serviços relacionados à informação e ao conhecimento.	Pesquisa e desenvolvimento, tecnologia da informação, etc.
1981	Singer	Serviços às empresas	Serviços prestados para o processo produtivo das empresas.
		Serviços de consumo coletivo	Serviços prestados de maneira coletiva.
		Serviços de consumo individual.	Serviços prestados ao consumidor individual.
1984	Nusbaumer	Serviços primários	Prestados pelos fatores de produção em todas as atividades econômicas.
		Serviços intermediários	Vinculados à comercialização e distribuição de outros bens e serviços.
		Serviços finais	Relacionados ao bem-estar e à qualidade de vida dos consumidores finais, comportando também serviços públicos.
1984	Departamento de Comércio dos Estados Unidos da América (U. S. Census Bureau)	Serviços de transportes, comunicações, utilidades públicas.	-
		Comércio varejista e atacadista	-
		Serviços financeiros, seguros e imobiliários.	-
		Serviços pessoais e às empresas	-

Quadro 1: Tipologias de Serviços

(Conclusão)

Ano	Autores	Tipologia proposta	Descrição
1985	Walker	Serviços envolvidos na produção de bens	Serviços que possuem um produto material. Ex.: Consultorias (produzem relatórios), hotéis (geram infraestrutura de hospedagem) e estabelecimentos “fast-food” (disponibilizam bens para o consumo).
		Serviços envolvidos na circulação de bens	Serviços relacionados à transferência de bens, trabalho, dinheiro e informação. Ex.: serviços financeiros, de transportes, comunicações, distribuição varejista e atacadista, etc.
		Serviços de trabalho	Processos de trabalho completos que não produzem um produto físico. Ex.: serviços médicos, apresentações de teatro, ensino, aconselhamento profissional, etc.
		Serviços do Estado	Atividades dos governos central e local.
1988	Marshall	Serviços aos consumidores	Serviços fornecidos diretamente aos consumidores
		Serviços às empresas	Serviços que fornecem insumos intermediários a produtores primários, industriais ou de serviços.
1992	Silvestro et. al	Serviços profissionais	Consultoria, engenharia, etc.
		Lojas (unidades) de serviços	Hotéis, comércio varejista, serviços bancários, imobiliários, etc.
		Serviços de massa	Transportes, dentre outros.

Fonte: Kon (1999); Kon(2004); Silva e Meirelles (2006); Kon(2013). Elaboração própria.

Conforme as informações do Quadro 1 torna-se possível identificar semelhanças entre as maneiras de tipificar as atividades terciárias trazidas por cada autor, sendo que a tendência é que autores de uma mesma época apresentem tipologias correlatas.

Percebe-se que as tipologias trazidas por Foote e Hatt, ONU, Katouzian e Departamento de Comércio dos Estados Unidos da América estão centradas nas funções dos serviços, encaixando numa mesma categoria aqueles que executam funções econômicas semelhantes ou correlatas. Já as divisões de Browning e Singleman, Porat, Singer e Marshall tendem para uma abordagem voltada para o consumo, formando grupos de serviços a partir do

tipo de consumidor que atendem. Nusbaumer e Walker aproximam-se de uma visão sobre os serviços a partir dos papéis que possuem nos processos produtivos da economia e Silvestro et al. ligam-se à classificação dos serviços com base na modalidade de prestação destas atividades, ou seja, a maneira como são disponibilizadas ao mercado consumidor.

O que se observa é uma evolução nas tipologias de serviços, de maneira que nas décadas de 1950 e 1960 sobressaíam tipologias voltadas para as funções dos serviços, a seguir destacam-se tipologias embasadas no consumo e a partir de meados da década de 1980 em diante crescem as tipologias direcionadas ao processo produtivo e às maneiras como os serviços são ofertados na economia.

As tipologias anteriores baseiam-se em diferentes óticas de análise do setor terciário como funções desempenhadas, processo produtivo, tipo de consumo, etc. Há entretanto a necessidade de enxergar as atividades de serviços quanto ao papel que desempenham no desenvolvimento econômico.

O trabalho de Bastos et al. (2010), traz a análise dos subsetores do setor terciário em Minas Gerais a partir da divisão dos serviços em “indutores” e “induzidos pelo desenvolvimento”. Os serviços indutores de desenvolvimento seriam aqueles que possuem produto de maior valor agregado, incorporam altos níveis de tecnologia e capital, contam com mão de obra qualificada e são majoritariamente prestados às empresas, ainda que alguns serviços ao consumidor pessoal também apareçam nesta categoria (BASTOS et al., 2010). Estas atividades seriam capazes de promover dinamismo econômico ao subsidiarem e atraírem outras atividades produtivas, integrando sua cadeia de produção, além de movimentarem contingentes de população qualificada e mercado consumidor com necessidades específicas que não poderiam ser supridas por serviços de menor complexidade. Desta maneira, os serviços indutores de desenvolvimento agregariam para o local onde estivessem instalados incremento nos níveis de emprego qualificado (e indiretamente, de emprego não qualificado), produto (produção de alto valor agregado) e renda. Fariam parte desta categoria serviços de comunicações, atividades financeiras, serviços auxiliares às empresas, transportes, ensino, saúde e pesquisa (BASTOS et al., 2010).

Já os serviços induzidos pelo desenvolvimento seriam aquelas atividades caracterizadas pela utilização de baixos níveis de capital e tecnologia, emprego de mão de

obra não-qualificada e muitas vezes informal e prestação dirigida ao consumo pessoal. Esta categoria seria responsável pela absorção de boa parte da mão de obra que não conseguiu ser absorvida pelo mercado formal e apresentaria condições de precarização em relação aos serviços indutores de desenvolvimento (BASTOS et al., 2010) . Por essas características é compreensível concluir que essa categoria de atividades possa ser definida como “induzida pelo desenvolvimento” já que sua instalação em determinado local não seria capaz, por si só, de dinamizar as relações produtivas já existentes ou de criar fatores importantes para o desenvolvimento econômico como concentração de mão de obra qualificada e de empresas de alta capacidade produtiva, só podendo criar raízes em economias já movimentadas por outras atividades e mercados consumidores já bem estabelecidos. Integrariam estas atividades os serviços pessoais, parte do comércio varejista e serviços sem fins lucrativos (BASTOS et al., 2010).

A tipologia utilizada por Bastos et al. pode ser definida como a que melhor se adequa aos propósitos deste trabalho, ao proporcionar a diferenciação entre os serviços capazes de estimular desenvolvimento econômico e serviços que apenas refletem o dinamismo local da economia, sendo portanto, a classificação a ser usada para a análise do setor terciário em Minas Gerais. Os métodos que proporcionarão a realização destes esforços serão descritos a seguir no capítulo metodológico, encerrando-se, neste ponto, as análises teóricas e conceituais a respeito do setor de serviços.

4 Cenário Geral do Setor Terciário no Brasil e em Minas Gerais

Esta seção possui o objetivo de apresentar a condição do setor de serviços no Brasil e em Minas Gerais, revelando a evolução de seu crescimento entre o início dos anos 2000 e o período atual. Para isso foram manuseados dados secundários de pesquisas estatísticas, a fim de caracterizar o volume e a participação dos serviços nas economias em questão.

4.1 O setor de Serviços no Brasil

Os serviços vêm ganhando espaço na economia mundial, sendo um indicador de amadurecimento do consumo e da produção dos locais nos quais esses preponderam dentre as demais atividades produtivas. No Brasil, o setor também apresenta taxas de crescimento positivas, ocupando um espaço cada vez maior na produção nacional. A Tabela 1 apresenta a evolução do valor agregado total e setorial no Brasil de 2000 a 2015. É importante salientar que no ano de 2010 houve mudança na metodologia de cálculo do Valor Agregado, sendo possível comparar apenas os períodos de 2000 a 2009 e de 2010 a 2015.

Como é possível visualizar, o valor agregado dos serviços desde o início da série histórica é o de maior volume dentre os demais setores, ocupando sempre a maior porcentagem do total da economia. Esse fato reflete a expressiva gama de atividades englobadas pelo setor de serviços que pode ser atribuída à diversificação deste setor e também à forma de classificar as atividades econômicas a qual agrega aos serviços as atividades que não se encaixam em nenhum dos outros setores.

Tabela 1- Valor Agregado Setorial por período-Brasil, 2000-2015¹²

Período	Valor Agregado (1.000.000 R\$)			
	Agropecuária	Indústria	Serviços	Total da economia
2000	R\$ 56.962	R\$ 275.871	R\$ 698.493	R\$ 1.031.326
2001	R\$ 63.170	R\$ 297.881	R\$ 759.371	R\$ 1.120.422
2002	R\$ 81.515	R\$ 334.908	R\$ 853.792	R\$ 1.270.215
2003	R\$ 105.949	R\$ 396.569	R\$ 968.200	R\$ 1.470.717
2004	R\$ 110.913	R\$ 475.863	R\$ 1.075.206	R\$ 1.661.982
2005	R\$ 100.958	R\$ 524.686	R\$ 1.217.175	R\$ 1.842.818
2006	R\$ 105.294	R\$ 567.281	R\$ 1.376.715	R\$ 2.049.290
2007	R\$ 120.152	R\$ 629.071	R\$ 1.570.305	R\$ 2.319.528
2008	R\$ 142.051	R\$ 717.907	R\$ 1.766.519	R\$ 2.626.478
2009	R\$ 149.213	R\$ 729.222	R\$ 1.971.328	R\$ 2.849.763
2010	R\$ 159.932	R\$ 904.158	R\$ 2.238.750	R\$ 3.302.840
2011	R\$ 190.024	R\$ 1.010.892	R\$ 2.516.821	R\$ 3.717.737
2012	R\$ 200.695	R\$ 1.064.812	R\$ 2.819.905	R\$ 4.085.412
2013	R\$ 240.290	R\$ 1.131.810	R\$ 3.166.496	R\$ 4.538.596
2014	R\$ 254.759	R\$ 1.169.169	R\$ 3.454.007	R\$ 4.877.935
2015	R\$ 263.626	R\$ 1.149.415	R\$ 3.642.326	R\$ 5.055.367

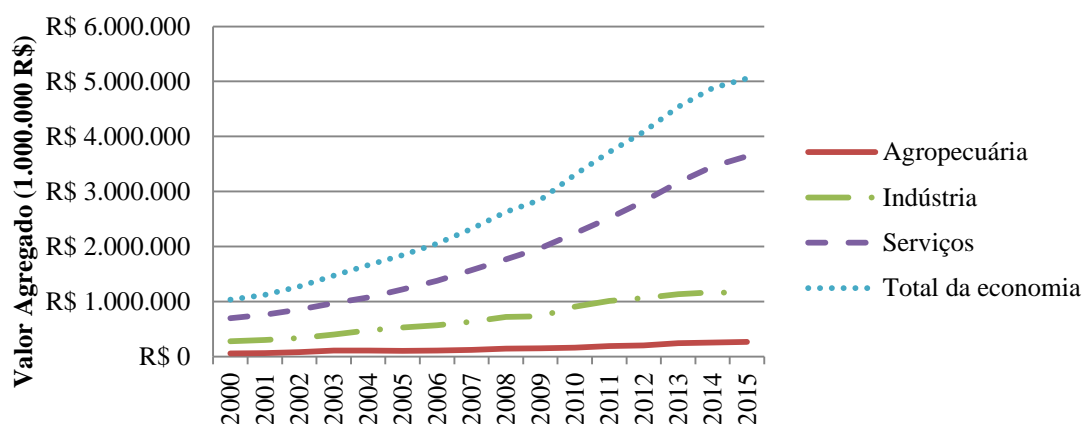
Fonte: IBGE, Contas Nacionais Trimestrais, 2016. Elaboração própria.

(1) No ano de 2010 houve mudança na metodologia de cálculo do Valor Agregado, de forma que apenas os períodos de 2000 a 2009 e 2010 a 2015 são comparáveis entre si.

(2) Valores Nominais.

A partir da análise dos dados do valor agregado brasileiro pelo Gráfico 1, percebe-se que os serviços apresentaram taxa de crescimento de 182% entre 2000 e 2009 e de 63% entre 2010 e 2015. Em contrapartida, a agropecuária cresceu 162% entre 2000 e 2009 e 65% entre 2010 e 2015, enquanto a indústria cresceu 164% entre 2000 e 2009 e 27% entre 2010 e 2015. O total da economia obteve crescimento de 176% entre 2000 e 2009 e 53% entre 2010 e 2015.

Gráfico 1-Evolução do Valor Agregado Setorial a preços correntes por período-Brasil, 1995-2015¹²



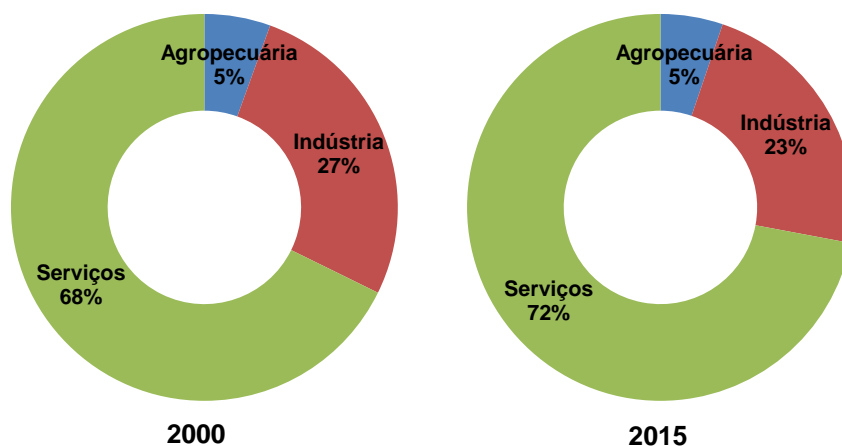
Fonte: IBGE, Contas Nacionais Trimestrais, 2016. Elaboração própria.

(1) No ano de 2010 houve mudança na metodologia de cálculo do Valor Agregado, de forma que apenas os períodos de 2000 a 2009 e 2010 a 2015 são comparáveis entre si.

(2) Valores Nominais.

De maneira ilustrativa, tem-se no Gráfico 2 a participação dos serviços na economia para os anos de 2000 e 2015, enfatizando-se novamente a mudança da metodologia do Valor Agregado ocorrida no ano de 2010. Em 2000 os serviços eram 68% da economia e em 2015 passaram para 72%. Com isso a maior parte expressiva da economia brasileira é composta por atividades de serviços, que por consequência, movimentam a maior parte das transações econômicas e valores monetários do país.

Gráfico 2-Valor Agregado Setorial a preços correntes -Brasil, 2000 e 2015¹²



Fonte: IBGE, Contas Nacionais Trimestrais, 2016. Elaboração própria.

(1) No ano de 2010 houve mudança na metodologia de cálculo do Valor Agregado, de forma que apenas os períodos de 2000 a 2009 e 2010 a 2015 são comparáveis entre si.

(2) Valores Nominais.

A Tabela 2 retrata os dados referentes ao crescimento do setor empresarial de serviços conforme dados da Pesquisa Anual de Serviços, a partir do ano de 2002. A pesquisa aborda especificamente organizações prestadoras de serviços sujeitas ao regime jurídico das entidades empresariais, excluindo-se órgãos da administração pública direta e instituições privadas sem fins lucrativos. Durante a série abordada houve a atualização da metodologia da Classificação Nacional das Atividades Econômicas (CNAE), resultando na CNAE 2.0, que introduziu mudanças na classificação das atividades de serviços, bem como na quantidade de empresas incorporadas a este setor, como coloca Relatório da CNAE 2.0 de 2007:

“Na CNAE 2.0, foram introduzidas mudanças em todos os níveis hierárquicos e em muitas categorias da classificação. Mesmo no caso de manutenção de categorias da CNAE 1.0 com o mesmo conteúdo, os códigos são afetados pelas alterações no nível das divisões. Portanto na CNAE 2.0 todos os códigos são novos.” (COMISSÃO NACIONAL DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA, 2007, p. 18).

Diante disso, a série histórica 2002-2013 tem caráter ilustrativo, para que se possa ver o salto dos serviços na economia brasileira, a despeito das mudanças na forma de mensuração destas atividades no sistema nacional de estatística. Sendo assim, os dois

períodos contidos na série serão comparados isoladamente para que se possa averiguar a evolução real dos dados do setor.

Sobre o setor de serviços empresariais no Brasil, segundo dados da Tabela 2, é possível notar que a receita operacional líquida cresceu 94% de 2002 a 2007 e 147% de 2007 a 2014, a remuneração aos empregados cresceu 91% de 2002 a 2007 e 174% de 2007 a 2014, o valor agregado cresceu 108% de 2002 a 2007 e 170% de 2007 a 2014, o número de pessoas ocupadas cresceu 28% de 2002 a 2007 e 57% de 2007 a 2014 e o número de empresas cresceu 9% de 2002 a 2007 e 70% de 2007 a 2014. Percebe-se que os serviços prestados pelas empresas foram alvo de expressivo incremento no contexto da economia brasileira. Algumas causas prováveis para este cenário são o aumento da demanda dos demais setores da economia por atividades de serviços, inovações tecnológicas que vem permitindo o aperfeiçoamento da prestação de serviços, bem como diversificação das atividades terciárias no Brasil.

Tabela 2 - Receita operacional líquida, Valor adicionado, Salários, retiradas e outras remunerações, pessoal ocupado e número de empresas dos serviços empresariais não-financeiros, segundo a CNAE 1.0 e 2.0 -Brasil (2002-2014) ¹

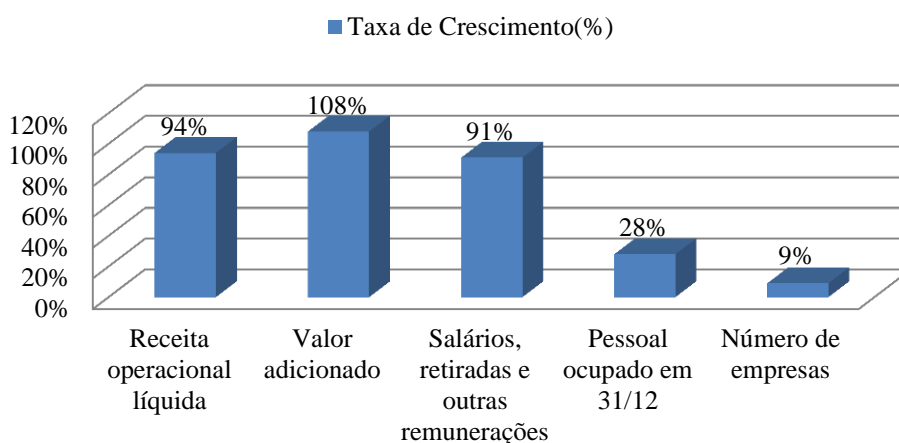
	Ano	Receita operacional líquida (mil Reais)	Valor adicionado (mil Reais)	Salários, retiradas e outras remunerações (mil Reais)	Pessoal ocupado em 31/12 (pessoas)	Número de empresas (unidades)
CNAE 1.0	2002	R\$ 297.150.400,00	R\$ 155.492.838,00	R\$ 55.747.228,00	6.784.313	919.364
	2003	R\$ 325.322.478,00	R\$ 168.895.181,00	R\$ 61.011.093,00	6.381.552	838.214
	2004	R\$ 380.514.968,00	R\$ 201.825.144,00	R\$ 70.716.714,00	6.938.431	865.716
	2005	R\$ 438.912.351,00	R\$ 236.880.994,00	R\$ 80.980.960,00	7.434.881	890.319
	2006	R\$ 492.249.503,00	R\$ 269.308.621,00	R\$ 93.894.277,00	8.079.792	934.846
	2007	R\$ 576.359.480,00	R\$ 323.273.563,00	R\$ 106.520.067,00	8.675.629	999.256
	CNAE 2.0	2007	R\$ 564.622.098,00	R\$ 311.981.005,00	R\$ 105.596.772,00	8.314.826
2008		R\$ 665.134.531,00	R\$ 369.139.820,00	R\$ 125.584.202,00	8.984.406	831.210
2009		R\$ 733.977.621,00	R\$ 420.444.142,00	R\$ 141.043.773,00	9.524.912	889.376
2010		R\$ 856.659.771,00	R\$ 497.909.658,00	R\$ 170.725.028,00	10.440.382	969.204
2011		R\$ 989.559.301,00	R\$ 580.600.912,00	R\$ 201.112.687,00	11.407.552	1.109.208
2012		R\$ 1.118.417.424,00	R\$ 667.999.323,00	R\$ 225.658.328,00	11.950.911	1.176.522
2013		R\$ 1.246.352.550,00	R\$ 745.156.367,00	R\$ 253.943.531,00	12.485.477	1.236.187
2014		R\$ 1.396.779.497,00	R\$ 842.071.436,00	R\$ 289.650.198,00	13.042.382	1332260

Fonte: IBGE - Pesquisa Anual de Serviços. Elaboração Própria.

¹ Os dados do período 2002-2007 fazem referência à CNAE 1.0 e os dados do período 2007 a 2014 fazem referência à CNAE 2.0, fazendo com que não haja comparabilidade entre ambos períodos devido a diferenças na metodologia de classificação das atividades entre as distintas versões da CNAE empregadas.

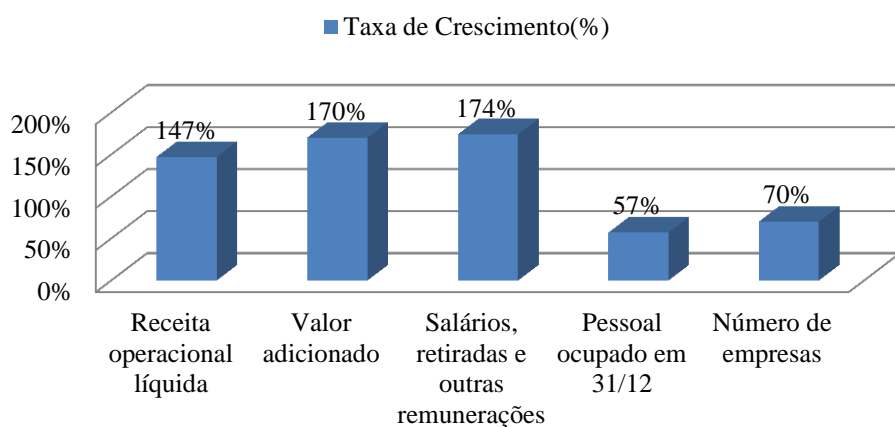
Tanto para o período de 2002 a 2007 (Gráfico 3) como para o período de 2007 a 2014 (Gráfico 4) temos que as taxas de crescimento para as variáveis financeiras analisadas (receita operacional, valor agregado e remunerações) superaram em medida expressivamente maior a taxa de crescimento das demais variáveis, que indicam o crescimento físico do setor de serviços (pessoal ocupado e número de empresas).

Gráfico 3-Taxas de Crescimento no Setor de Serviços, Brasil- 2002 a 2007



Fonte: IBGE - Pesquisa Anual de Serviços. Elaboração Própria.

Gráfico 4-Taxas de Crescimento no Setor de Serviços, Brasil- 2007 a 2014



Fonte: IBGE - Pesquisa Anual de Serviços. Elaboração Própria.

4.2 O setor de Serviços em Minas Gerais

Assim como o Brasil, o estado de Minas Gerais vem expandindo seu setor terciário nos últimos anos. A Tabela 3 apresenta o Valor Adicionado Setorial e Total para

Minas Gerais. Novamente, o setor de serviços se destaca como o setor de maior Valor Adicionado, mantendo essa posição em toda a série histórica analisada.

Tabela 3- Valor Adicionado Setorial a preços correntes por período-Minas Gerais, 2000-2013¹²

Período	Valor Adicionado (1.000.000 R\$)			
	Agropecuária	Indústria	Serviços	Total da economia
2000	R\$ 9.286	R\$ 27.798	R\$ 51.136	R\$ 88.219
2001	R\$ 9.047	R\$ 27.742	R\$ 59.274	R\$ 96.063
2002	R\$ 11.167	R\$ 31.708	R\$ 68.071	R\$ 110.946
2003	R\$ 13.488	R\$ 39.277	R\$ 76.982	R\$ 129.746
2004	R\$ 15.423	R\$ 52.531	R\$ 87.980	R\$ 155.934
2005	R\$ 15.568	R\$ 54.303	R\$ 97.431	R\$ 167.301
2006	R\$ 15.700	R\$ 59.713	R\$ 112.176	R\$ 187.588
2007	R\$ 16.855	R\$ 66.342	R\$ 127.032	R\$ 210.229
2008	R\$ 23.233	R\$ 78.924	R\$ 143.168	R\$ 245.325
2009	R\$ 22.716	R\$ 75.826	R\$ 153.798	R\$ 252.340
2010	R\$ 26.102	R\$ 103.376	R\$ 178.387	R\$ 307.865
2011	R\$ 23.801	R\$ 115.950	R\$ 209.805	R\$ 349.556
2012	R\$ 25.569	R\$ 120.017	R\$ 240.889	R\$ 386.475
2013	R\$ 24.094	R\$ 131.234	R\$ 272.489	R\$ 427.817

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI) – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Coordenação de Contas Nacionais (Conac). Elaboração própria.

(1) No ano de 2010 houve mudança na metodologia de cálculo do Valor Agregado, de forma que apenas os períodos de 2000 a 2009 e 2010 a 2015 são comparáveis entre si.

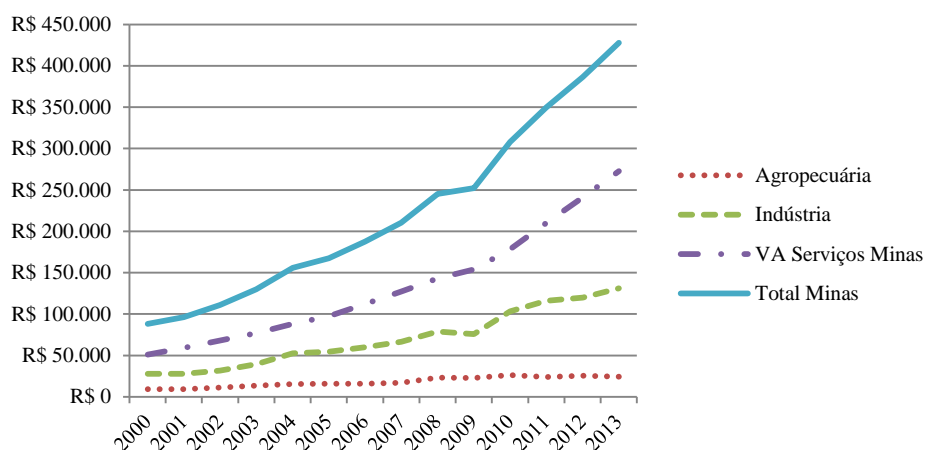
(2) Valores Nominiais.

O setor terciário também apresentou em Minas Gerais um aumento importante. O setor cresceu 200% entre 2000 e 2009 e 53% entre 2010 e 2013. O setor industrial cresceu 173% entre 2000 e 2009 e 27% entre 2010 e 2013. Já o setor agropecuário cresceu 145% entre 2000 e 2009 e decresceu 8% entre 2010 e 2013. Por fim, o total da economia mineira cresceu 186% entre 2000 e 2009 e 39% entre 2010 e 2013.

Em nenhum momento da série histórica houve queda de um ano para outro no setor de serviços, enquanto a Agropecuária sofreu retrocesso de 2008 a 2009, de 2010 a 2011 e de 2012 a 2013. O setor industrial também enfrentou queda de 2000 a 2002, de 2004 a 2005, de 2008 a 2009 (maior queda da série) e de 2011 a 2012. Essa constatação exemplifica certo nível de autonomia do setor de serviços em relação às demais atividades. Baumol e McKee (1986 e 1988 apud KON, 2013) afirmam a visão tradicional de serviços, segundo a qual o

crescimento deste setor seria subordinado ao das demais atividades, de maneira que se a indústria decrescesse, as atividades terciárias decresceriam em intensidade ainda maior. Porém, o que a análise do Valor Adicionado setorial aqui trazida evidencia é que as atividades terciárias conseguiram manter seu nível de crescimento mesmo quando a agropecuária e a indústria apresentaram taxas de crescimento negativas (Gráfico 5).

Gráfico 5-Evolução do Valor Agregado Setorial a preços correntes por período-Brasil, 1995-2015^{1 2}



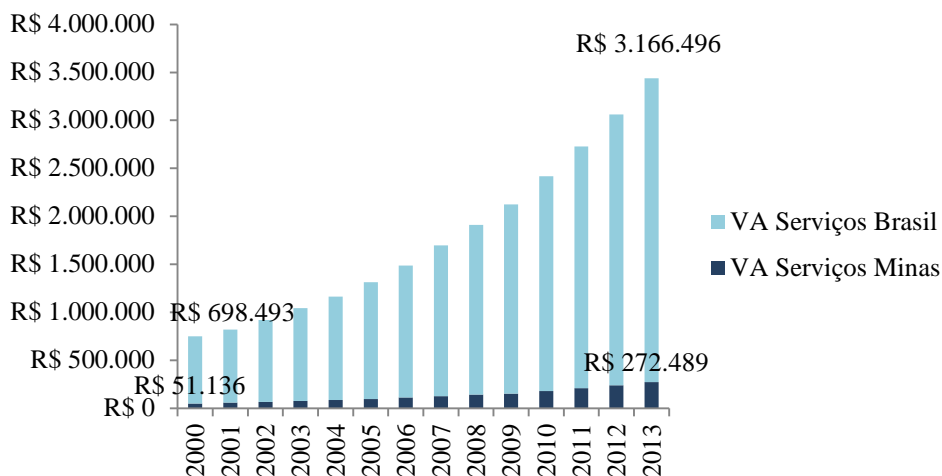
Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI) – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Coordenação de Contas Nacionais (Conac). Elaboração própria.

(1) No ano de 2010 houve mudança na metodologia de cálculo do Valor Agregado, de forma que apenas os períodos de 2000 a 2009 e 2010 a 2015 são comparáveis entre si.

(2) Valores Nominais.

Os Gráficos 6 e 7 trazem , de forma ilustrativa, valores para a participação de Minas Gerais na economia Brasileira (Gráficos 6 e 7). Temos que o Valor Adicionado dos Serviços de Minas Gerais cresceu sua participação no VA terciário do Brasil em 1,28% durante o período de 2000 a 2013. Em 2000, Minas Gerais obteve sua menor participação no VA de serviços do Brasil (7,32%), sendo que em 2013 sua participação foi a maior da série (8,61%).

Gráfico 6-Participação de Minas Gerais no Valor Adicionado Terciário (1.000.000 R\$) do Brasil- 2000 a 2013^{1 2}

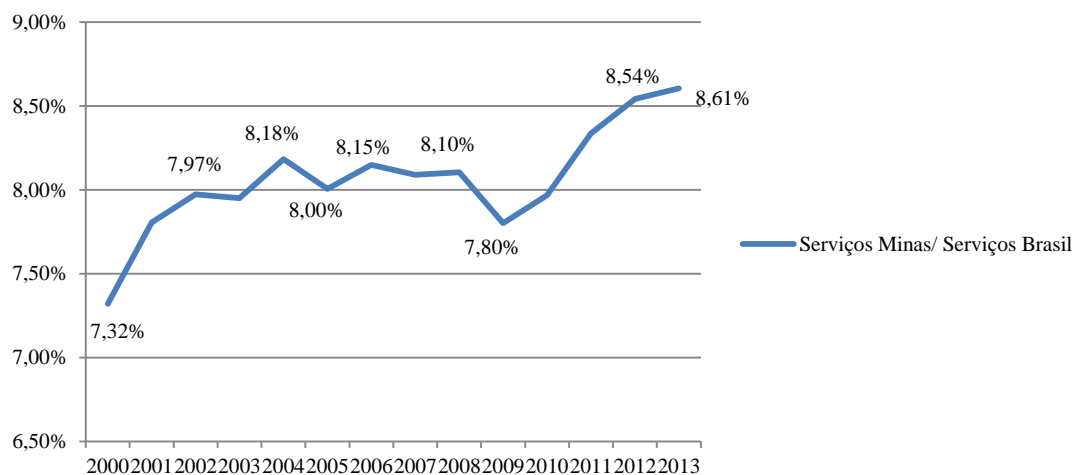


Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI) – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Coordenação de Contas Nacionais (Conac). Elaboração própria.

(1) No ano de 2010 houve mudança na metodologia de cálculo do Valor Agregado, de forma que apenas os períodos de 2000 a 2009 e 2010 a 2015 são comparáveis entre si.

(2) Valores Nominais.

Gráfico 7-Participação (Percentual) de Minas Gerais no Valor Adicionado Terciário do Brasil- 2000 a 2013



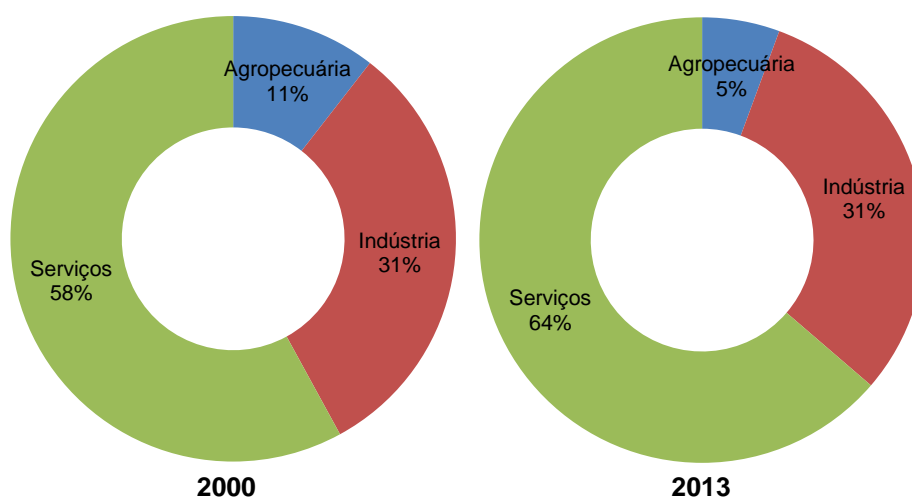
Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI) – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Coordenação de Contas Nacionais (Conac). Elaboração própria.

(1) No ano de 2010 houve mudança na metodologia de cálculo do Valor Agregado, de forma que apenas os períodos de 2000 a 2009 e 2010 a 2015 são comparáveis entre si.

(2) Valores Nominais.

Ainda sobre os dados do Valor Adicionado, temos que o setor terciário em Minas Gerais passou a ocupar espaço maior no total da economia no período de 2000 a 2013 (Gráfico 8). Em 2000 o setor terciário ocupava 58% do total do Valor Adicionado mineiro, passando para 64% em 2013. Houve um aumento de 6% na participação deste setor na economia mineira, revelando a expressividade do crescimento dos serviços no estado. A comparação com o Brasil, a partir de dados do Gráfico 8, revela que o aumento da participação dos serviços no VA total brasileiro de 2000 a 2013 foi de apenas 2% enquanto o de Minas foi de 6%, fazendo com que o crescimento do VA terciário mineiro para o período fosse 3 vezes maior que o nacional.

Gráfico 8-Valor Adicionado Setorial (percentual), Minas Gerais- 2000 a 2013^{1 2}



Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI) – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Coordenação de Contas Nacionais (Conac). Elaboração própria.

(1) No ano de 2010 houve mudança na metodologia de cálculo do Valor Agregado, de forma que apenas os períodos de 2000 a 2009 e 2010 a 2015 são comparáveis entre si.

(2) Valores Nominais.

A Tabela 4 traz os dados da Pesquisa Anual de Serviços (PAS), para Minas Gerais e para o Brasil de 2007 a 2013, conforme a classificação da CNAE 2.0, retratando os serviços empresariais não financeiros. Para estas atividades temos que o número de empresas cresceu 51% em Minas Gerais e 70% no Brasil; o número de pessoas ocupadas cresceu 51% em Minas Gerais e 57% no Brasil; a receita bruta de serviços cresceu 130% em Minas Gerais e 145% no Brasil e, por fim, as remunerações cresceram 178% em Minas Gerais e 174% no

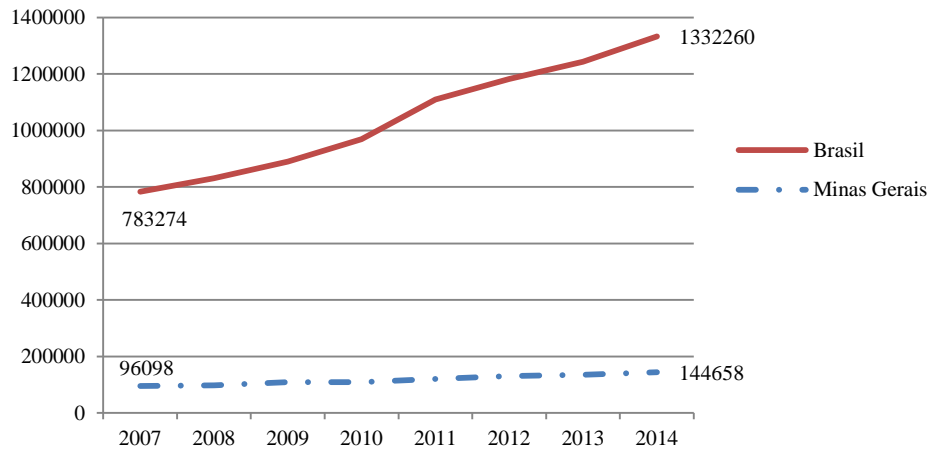
Brasil. A partir dessas informações nota-se que o Brasil cresceu mais que Minas Gerais em todas as variáveis apresentadas, exceto nas remunerações, onde Minas Gerais obteve crescimento 1,28% maior que o Brasil. O crescimento superior do Brasil em relação a Minas Gerais nestes quesitos contrasta com o crescimento do VA mineiro de serviços, que foi superior ao crescimento do VA terciário brasileiro. Os gráficos 9, 10, 11 e 12 ilustram esses movimentos do setor terciário mineiro em comparação com o brasileiro trazidos pela Tabela 4, evidenciando o peso do crescimento de Minas Gerais no contexto nacional.

Tabela 4 -Número de empresas, Pessoal ocupado, Receita bruta e Salários, Retiradas e outras remunerações dos serviços empresariais não-financeiros, segundo a CNAE 2.0 -Minas Gerais e Brasil (2007-2014)

Variáveis	Número de empresas (Unidades)		Pessoal ocupado em 31/12 (Pessoas)		Receita bruta de serviços (Mil Reais)		Salários, retiradas e outras remunerações (Mil Reais)	
	Minas Gerais	Brasil	Minas Gerais	Brasil	Minas Gerais	Brasil	Minas Gerais	Brasil
2007	96.098,00	783.274,00	805.753,00	8.314.826,00	R\$ 51.599.852,00	R\$ 630.144.501,00	R\$ 8.394.858,00	R\$ 105.596.774,00
2008	97.997,00	831.210,00	855.426,00	8.984.406,00	R\$ 61.801.985,00	R\$ 737.447.575,00	R\$ 10.002.344,00	R\$ 125.584.201,00
2009	109.512,00	889.376,00	925.826,00	9.524.912,00	R\$ 64.283.874,00	R\$ 821.252.796,00	R\$ 11.077.098,00	R\$ 141.043.772,00
2010	108.843,00	969.204,00	1.021.987,00	10.440.382,00	R\$ 73.132.316,00	R\$ 957.033.144,00	R\$ 13.581.755,00	R\$ 170.725.027,00
2011	120.233,00	1.109.208,00	1.088.811,00	11.407.552,00	R\$ 83.277.687,00	R\$ 1.103.707.679,00	R\$ 16.148.143,00	R\$ 201.112.696,00
2012	130.256,00	1.182.439,00	1.156.041,00	11.942.467,00	R\$ 100.074.405,00	R\$ 1.241.275.182,00	R\$ 18.454.559,00	R\$ 225.309.913,00
2013	135.693,00	1.243.101,00	1.186.367,00	12.482.767,00	R\$ 105.174.458,00	R\$ 1.372.549.569,00	R\$ 20.861.429,00	R\$ 253.025.162,00
2014	144.658,00	1.332.260,00	1.216.223,00	13.042.382,00	R\$ 118.812.506,00	R\$ 1.542.153.415,00	R\$ 23.321.095,00	R\$ 289.650.198,00

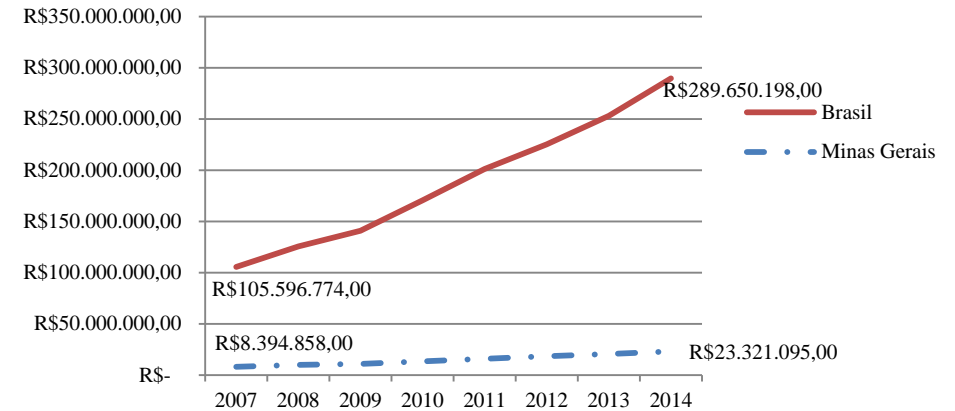
Fonte: IBGE - Pesquisa Anual de Serviços. Elaboração própria.

Gráfico 9-Número de Empresas (unidades) de serviços não-financeiros, Minas Gerais e Brasil- 2007 a 2014



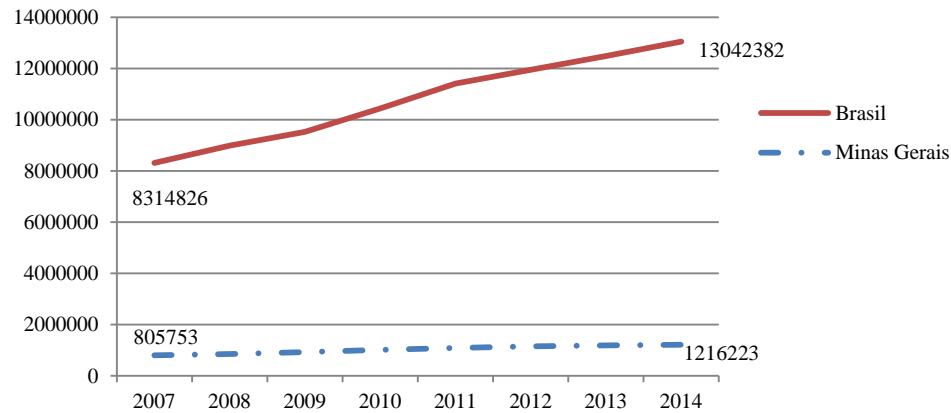
Fonte: IBGE - Pesquisa Anual de Serviços. Elaboração própria.

Gráfico 10-Salários, retiradas e outras remunerações (Mil Reais) de não-financeiros, Minas Gerais e Brasil- 2007 a 2014



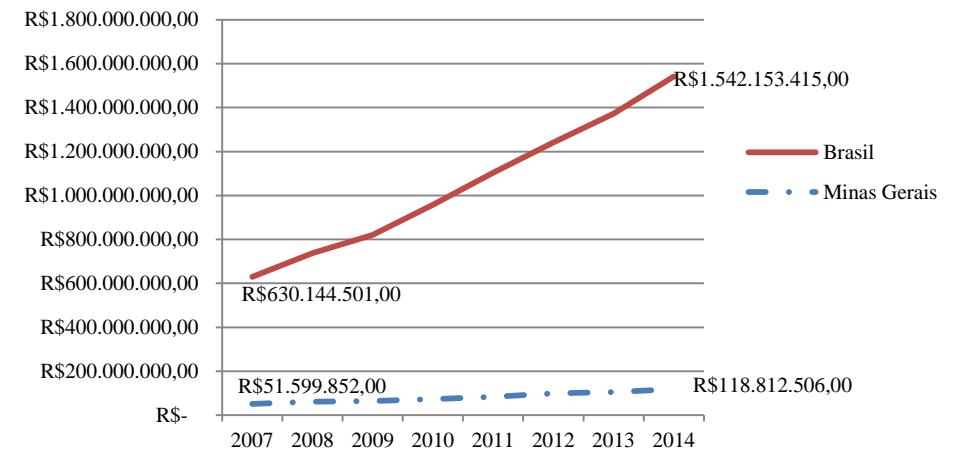
Fonte: IBGE - Pesquisa Anual de Serviços. Elaboração própria.

Gráfico 11-Pessoal Ocupado (pessoas) em 31/12 em empresas de serviços não-financeiros, Minas Gerais e Brasil- 2007 a 2014



Fonte: IBGE - Pesquisa Anual de Serviços. Elaboração própria.

Gráfico 12-Receita Bruta de serviços (mil reais) não-financeiros, Minas Gerais e Brasil- 2007 a 2014



Fonte: IBGE - Pesquisa Anual de Serviços. Elaboração própria.

Ao fim da análise geral sobre o setor de serviços em Minas Gerais durante os primeiros anos do século XXI, temos que as taxas de crescimento deste setor no estado têm acompanhado as taxas brasileiras no que tange ao valor agregado setorial, porém, ainda há lacunas a serem preenchidas entre as variáveis de emprego, receita bruta e número de empresas de serviços. Entende-se ainda que estas constatações sobre o setor terciário aglutinam num mesmo olhar as diversas e heterogêneas atividades presentes neste setor, fazendo-se necessário abordar as diferenças de crescimento entre os subsetores de serviços. Essa necessidade decorre da compreensão de que atividades distintas de serviços comportam-se de maneira própria, fazem interlocução com diferentes cadeias de produção e consumo, e são influenciadas por variáveis que nem sempre coincidem para o total do setor. Por isso, o próximo capítulo trará uma análise mais detalhada do setor de serviços em Minas Gerais, colocando em destaque os subsetores de serviços que compõem o crescimento deste setor em cada local enfocado, permitindo que se chegue a conclusões mais específicas sobre a realidade do crescimento das atividades terciárias no estado durante o período estudado.

5 Metodologia

Os capítulos anteriores trouxeram reflexões teóricas e dados estatísticos a respeito do desenvolvimento dos serviços enquanto atividades economicamente relevantes, com ênfase para os territórios brasileiro e mineiro. Entendo isso, este trabalho pretende analisar qual a condição do setor terciário em Minas Gerais e em seus principais municípios, destacando para eles as características de dinamismo e crescimento econômico. Portanto, o objetivo desta seção é a descrição da metodologia que tornará esta análise possível, bem como o estabelecimento das premissas e condições sobre as quais o manuseio dos dados aqui tratados será conduzido.

5.1 Método de análise

O setor de serviços em Minas Gerais será abordado a partir da metodologia de análise regional nomeada por método Shift-Share ou método Diferencial-Estrutural, o qual já foi utilizado para o estudo do setor terciário nos trabalhos de Bastos et al (2010), que analisou os serviços em Minas Gerais, Santos et al (2015), que analisou os serviços no estado do Paraná, dentre outros.

O Método Diferencial-Estrutural⁴ é descrito por Haddad e Andrade (1989) como sendo um método de análise que procura descrever o crescimento econômico de uma região a partir de sua estrutura produtiva, permitindo identificar os componentes deste crescimento. Sua execução está atrelada ao levantamento de variáveis básicas da economia (como emprego, produção, valor adicionado, etc.) para localidades de uma região e para o todo da região, tomando como referência dois momentos distintos no tempo, sendo que, a partir do trabalho desses dados em identidades matemáticas próprias do método, será possível identificar os diferentes tipos de variações que foram responsáveis pela variação líquida do indicador escolhido ao longo do período analisado. Neste trabalho o indicador escolhido será o emprego, por caracterizar de maneira mais precisa o setor de serviços do que outras variáveis como o Produto Interno Bruto. Os dados de emprego serão extraídos para os subsetores do setor de serviços. Também, para os fins deste trabalho, será utilizado como

⁴ Haddad e Andrade (1988) se referem aos grupos de atividades com altas taxas de crescimento do emprego como “dinâmicos” (ver HADDAD; ANDRADE, 1988, p.249-250). Para não gerar confusão com as nomenclaturas a serem utilizadas posteriormente, estes grupos serão aqui caracterizados como “competitivos”.

menor unidade espacial de análise o município e maior unidade espacial de análise a soma dos municípios, ou seja, o estado de Minas Gerais.

A premissa fundamental deste método de análise em Economia Regional é que:

“(...) o crescimento do emprego é maior em alguns setores do que em outros, e em algumas regiões do que em outras. Assim, uma determinada região poderá apresentar um ritmo de crescimento econômico maior do que a média do sistema de regiões, ou porque na sua composição produtiva existe uma preponderância de setores mais dinâmicos, ou porque ela tem participação crescente na distribuição regional do emprego, independentemente, de esta expansão estar ocorrendo em setores dinâmicos ou não.” (HADDAD; ANDRADE, 1989, p.249-250).

A seguir será realizada a descrição do método Estrutural-Diferencial com base em Haddad e Andrade(1989):

I) A variação do emprego em um município entre o período 0 e o período 1 poderia ser decomposto em três componentes: a variação regional (R), a variação proporcional (P) e a variação diferencial (D). Tal colocação pode ser descrita algebricamente pela identidade:

$$\sum_i E_{ij}^1 - \sum_i E_{ij}^0 = R + P + D$$

Onde:

E_{ij} é o emprego total somado para todos os subsetores i do município j e os índices 0 e 1 se referem ao ano inicial (0) e final (1) do período analisado.

II) A **variação regional do emprego (R)** corresponde ao ganho hipotético de emprego do município se os seus subsetores somados crescessem seu emprego às mesmas taxas dos subsetores do total do estado.

$$R = \sum_i E_{ij}^0 (r_{tt} - 1)$$

Onde:

$$r_{tt} = \sum_i \sum_j E_{ij}^1 / \sum_i \sum_j E_{ij}^0$$

que é a taxa estadual de crescimento do emprego.

A análise feita sobre o resultado obtido nesta variação seria: *Se o emprego total do município j crescesse às mesmas taxas do estado, o emprego em j teria acréscimo ou redução de “x” pessoas.*

III) A variação estrutural ou proporcional do trabalho (P) representa o acréscimo total de emprego que o município pode ter por estar especializado (ter mais mão de obra empregada) em subsetores mais competitivos do estado (os que apresentam crescimento maior que o agregado dos demais) ou menos competitivos (os que apresentam crescimento menor que o agregado dos demais). Tal variação tem como premissa que há subsectores da economia estadual que crescem a taxas maiores ou menores, devido variações na estrutura da demanda, variações de produtividade, inovações tecnológicas, etc. (HADDAD; ANDRADE, 1989) e pode ser expressa pela seguinte identidade:

$$P = \sum_i E_{ij}^0 (r_{it} - r_{tt})$$

Onde:

$$r_{it} = \sum_j E_{ij}^1 / \sum_j E_{ij}^0$$

que é taxa estadual de crescimento do emprego no subsector *i*.

A análise feita sobre o resultado obtido nesta variação seria: *Caso o município tenha no período 0 maior número de pessoas empregadas em subsectores que cresceram no período de 0 a 1 menos que a taxa de crescimento do total do setor no estado, seu acréscimo*

será negativo. Caso o município tenha no período 0 maior número de pessoas empregadas em subsetores que cresceram no período 0 a 1 mais que a taxa de crescimento do total do setor no estado, seu acréscimo será positivo.

Ainda assim, o crescimento proporcional da quantidade de empregos do município não pode ter como causa única sua especialização em subsetores competitivos da economia estadual, já que um município pode ter uma taxa de crescimento de empregos maior que outro simplesmente por conseguir atrair maior número de empresas, ainda que elas façam parte de subsetores de crescimento lento no âmbito do estado (HADDAD; ANDRADE, 1989). Logo é preciso analisar se os subsetores que compõem o município crescem a níveis maiores ou menores que no nível estadual, observando o acréscimo ou redução de emprego gerado por esta variação, que é a variação diferencial.

IV) A **variação diferencial do emprego (D)** consiste no acréscimo ou redução de emprego que o município j conseguirá no período porque a taxa de crescimento em alguns de seus subsetores foi maior ou menor do que a taxa de crescimento destes subsetores no total do estado.

$$D = \sum_i E_{ij}^0 (r_{ij} - r_{it})$$

Onde:

$$r_{ij} = E_{ij}^1 / E_{ij}^0$$

que é a taxa de crescimento do emprego no subsetor i no município j .

A análise feita sobre o resultado obtido nesta variação seria: *Devido à diferença de crescimento entre os subsetores do município j e os do total do estado, o município j irá ter acréscimo ou redução de “ x ” pessoas empregadas.*

Logo, a diferença entre o crescimento real do emprego no município j e seu crescimento hipotético (o que ele teria se seu crescimento fosse às taxas do total do estado) é

igual à variação estrutural (relacionada aos subsetores que compõe o emprego da região j) somada à variação diferencial do emprego (relativo às diferenças na taxa de crescimento dos subsetores em j e no estado) no município. Estas relações podem ser sintetizadas pela identidade a seguir:

$$\left(\sum_i E_{ij}^1 - \sum_i E_{ij}^0 \right) - \sum_i E_{ij}^0 (r_{tt} - 1) = \sum_i E_{ij}^0 (r_{it} - r_{tt}) + \sum_i E_{ij}^0 (r_{ij} - r_{it})$$

A distribuição do emprego em subsetores mais ou menos competitivos na região j pode ter como causas as variações nos custos de transporte de dadas atividades, estímulos fiscais específicos para determinadas áreas, diferenciais nos preços relativos de insumos entre regiões, etc. (HADDAD; ANDRADE, 1989).

Diante disso, os subsetores que compõe a economia do município podem variar o número de pessoas empregadas durante o período devido, fazendo com que distribuição de empregos em subsetores mais ou menos competitivos passa mudar ao longo do ano inicial para ao ano final. O método Estrutural-diferencial não considera essa possibilidade variação, conforme aponta Haddad e Andrade (1989). Por isso Esteban-Marquillas (1972 apud HADDAD; ANDRADE, 1989) propõe uma reformulação do método, introduzindo o emprego homotético (E'_{ij}), que é a quantidade de emprego que o município teria se tivesse a mesma estrutura produtiva do estado.

$$E'_{ij} = \sum_i E_{ij} \times \left(\sum_j E_{ij} / \sum_i \sum_j E_{ij} \right)$$

O emprego homotético (E'_{ij}) pode ser usado para exprimir a variação diferencial (ou efeito competitivo), fazendo com que esta fique sem o efeito da variação proporcional, já que as especializações dos municípios em diferentes subsetores serão eliminadas (pois todos todas ficam com a mesma estrutura produtiva do estado). Assim garante-se que na análise da evolução do emprego a estrutura produtiva do município se manterá a mesma:

$$D' = \sum E_{ij}^{0'} (r_{ij} - r_{it})$$

Outro componente introduzido por Esteban-Marquillas é o efeito alocação (A), que permite explicar o componente do crescimento regional encoberto na transformação da variação diferencial. Esse crescimento é dado justamente pela existência de mais ou menos empregos nos subsetores do município ao longo do tempo, variação esta que é eliminada pelo emprego homotético.

$$A = \sum_i [(E_{ij} - E'_{ij}) (r_{ij} - r_{it})]$$

Desta forma, o crescimento do emprego regional seria composto por quatro componentes: a variação regional (R), a variação proporcional (P), a variação diferencial modificada (D') e o efeito alocação (A):

$$\sum_i E_{ij}^1 - \sum_i E_{ij}^0 = \sum_i E_{ij}^0 (r_{it} + 1) + \sum_i E_{ij}^0 (r_{it} - r_{tt}) + \sum_i E_{ij}^{0'} (r_{ij} - r_{it}) + \sum_i [E_{ij}^0 - E_{ij}^{0'}] (r_{ij} - r_{it})$$

O efeito alocação (A) mostra se a região está ou não especializada naqueles subsetores para os quais apresenta vantagem competitiva e traz para a análise a variação na distribuição do emprego entre os subsetores da região ao longo do período. O primeiro componente do efeito alocação (emprego no município j no período 0 menos o emprego homotético no município j no período 0) mostra a quantidade de emprego que a região tem por conta de sua especialização em subsetores mais ou menos competitivos. É o fator especialização, ou seja, o quanto de seu emprego é devido a sua especialização em subsetores mais ou menos competitivos (se o subsetor i tem proporcionalmente mais emprego na região j que no estado ele é especializado no município j).

O segundo componente do efeito alocação (taxa de crescimento do subsetor i na região j menos a taxa de crescimento do subsetor i no estado) mostra a vantagem

competitiva do município em subsetores competitivos (ou seja, aqueles que apresentam taxas de crescimento do emprego superiores às do estado).

O efeito alocação será utilizado neste trabalho considerando-se a estrutura de emprego presente nos municípios e estado escolhidos no período inicial 0.

Desta forma, segundo Haddad e Andrade (1989) haveria quatro possibilidades para o efeito alocação, sendo estas sintetizadas no Quadro 2:

Quadro 2- Efeito Alocação e seus componentes⁽¹⁾

Número da alternativa	Alternativas	Efeito Alocação (A)	Componentes		Tipo de subsetor
			Especialização ($E_{ij}^0 - E_{ij}^{0'}$) ou D'	Vantagem competitiva ($r_{ij} - r_{it}$) ou P	
I	Vantagem competitiva, especializado	+	+	+	Dinâmico
II	Vantagem competitiva, não especializado	-	-	+	Tende ao Dinamismo
III	Desvantagem competitiva, não especializado	+	-	-	Estado de Estagnação
IV	Desvantagem competitiva, especializado	-	+	-	Tende à Estagnação

Fonte: Haddad e Andrade (1989) e Bastos et. al (2010), adaptados.

(1) Sinais referem-se ao resultado positivo ou negativo para as variáveis A, P e D'.

Sobre as possibilidades descritas acima, é importante notar que se a região não for especializada nos subsetores para os quais não é competitiva em relação às demais regiões, o seu efeito alocação será positivo.

5.2 Fonte de dados

O levantamento das atividades de serviços a serem analisadas será feito a partir do banco de dados da Relação Anual das Atividades Sociais (RAIS) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), segundo a qual as atividades econômicas são classificadas em setores determinados pela Classificação Nacional das Atividades Econômicas (CNAE).

A CNAE é a classificação padrão adotada pelo Sistema Estatístico Nacional na produção de dados estatísticos por tipo de atividade econômica e também pela Administração Pública ao identificar a atividade econômica nos cadastros e registros de pessoas jurídicas (IBGE, 2007b). A classificação tem origem e conformidade na Classificação internacional de atividades econômicas (International Standard Industrial Classification – ISIC), por organismos como ONU, Banco Mundial e FMI. Silva e Meirelles (2006) aponta que essa metodologia de categorização das atividades econômicas provém de uma visão de cunho essencialmente industrial que relega o setor de serviços a uma categoria residual. Ainda assim, a classificação disponível na CNAE é aquela que mais se aproxima dos objetivos deste trabalho, na medida em que é utilizada nas estatísticas de contas nacionais, além de facilitar a identificação dos subsetores de serviços, os quais serão muito valiosos nos esforços a serem mostrados posteriormente.

É importante considerar que a CNAE toma como parte de uma classe empresas cuja atividade principal faz parte desta mesma classe, podendo ser que uma só empresa pratique mais de uma atividade econômica, mas sua atividade principal irá definir qual classificação ela irá obter:

“A classificação de cada unidade (*empresa*) é determinada pela classe CNAE na qual a atividade principal, ou o conjunto de atividades da unidade, está incluída. Em geral, a atividade principal de uma unidade pode ser determinada a partir de informações sobre os bens produzidos ou os serviços realizados para outras unidades produtoras ou para consumidores finais.” (IBGE, 2007b, p.23)

A CNAE será utilizada para este trabalho em sua versão mais recente, ou seja, a CNAE 2.0 que trouxe em 2007 a atualização da classificação das atividades utilizada no sistema estatístico nacional (IBGE, 2007b). Uma vez que o horizonte temporal a ser aqui abordado abrange o ano de 2000 ao ano de 2015, os dados de emprego para o ano de 2000 (classificados pela CNAE 1.0) serão compatibilizados para a CNAE 2.0 conforme a tabela de correspondência entre as duas versões da CNAE atualizada em 2009 e disponibilizada por IBGE (2016a). Segundo IBGE (2007b), a CNAE 2.0 está estruturada de forma hierarquizada em cinco níveis, com 21 seções (maior nível de agregação), 87 divisões, 285 grupos, 673 classes (menor nível de desagregação utilizado pelas pesquisas nacionais) e 1301 subclasses (nível de desagregação definido para uso da Administração Pública). Tal organização é resumida no Quadro 3:

Quadro 3: Organização Hierárquica da CNAE 2.0

Nome	Nível	Número de Grupamentos
Seção	Primeiro	21
Divisão	Segundo	87
Grupo	Terceiro	285
Classe	Quarto	673
Subclasse	Quinto	1301

Fonte: IBGE, 2008.

As duas primeiras seções (A e B) da CNAE 2.0 referem-se ao setor primário da economia, englobando atividades de agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura. As seções de C a F abrangem o setor secundário da economia, incluindo desde as indústrias extrativas até a indústria da construção. Para a classificação aqui proposta as classes de “gestão de redes de esgoto”, “atividades relacionadas a esgoto, exceto a gestão de redes”, “tratamento e disposição de resíduos não-perigosos”, “descontaminação e outros serviços de gestão de resíduos” e “incorporação de empreendimentos imobiliários”, pertencentes à seções E e F serão consideradas como atividades de serviços. As últimas seções (de G a U) correspondem ao setor terciário, abrangendo atividades com características heterogêneas como comércio de mercadorias, alojamento e alimentação, atividades imobiliárias e Administração Pública.

Como mencionado no tópico “Tipologia de serviços” deste trabalho, a tipologia do setor terciário a ser utilizada aqui será a empregada por Bastos et al. (2010), que propõe uma classificação das atividades de serviços a partir da divisão proposta por KON (2003)-serviços induzidos e indutores de desenvolvimento. Segundo essa classificação, as classes de serviços da CNAE são aglutinadas em subsetores mais amplos, que por sua vez, são categorizados como “serviços indutores de desenvolvimento” ou “serviços induzidos pelo desenvolvimento”. Tal proposta é sintetizada pelo Quadro 4:

Quadro 4- Subsetores do setor de serviços indutores e induzidos pelo desenvolvimento

Classificação	Subsetores serviços (formados a partir da junção de classes da CNAE)
<p style="text-align: center;">Indutores de Desenvolvimento (serviços que contribuem para o desenvolvimento econômico)</p>	<p>Transporte terrestre; transporte aéreo; atividades anexas de transporte e agências de viagem; correio e telecomunicações; intermediação financeira; seguros e previdência complementar; atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar; atividades imobiliárias; aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores; atividades de informática e serviços relacionados; pesquisa e desenvolvimento; serviços prestados principalmente as empresas; educação; saúde e serviços sociais.</p>
<p style="text-align: center;">Induzidos pelo Desenvolvimento (serviços que se estabelecem sobre onde já há desenvolvimento econômico)</p>	<p>Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas, comércio a varejo de combustíveis; comércio por atacado e representantes comerciais e agentes do comércio; comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos; alojamento e alimentação; administração pública, defesa e seguridade social; limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas; atividades associativas; atividades recreativas, culturais e desportivas; serviços pessoais; serviços domésticos e organismos internacionais.</p>

Fonte: Bastos et al. (2010)

Sobre esta classificação é importante ressaltar que foi elaborada com base na CNAE 1.0, de 2002, enquanto a versão da CNAE a ser usada neste trabalho é a mais recente (CNAE 2.0), de 2007, gerando as seguintes situações:

- Os títulos dos subsectores de serviços mais se assemelham aos nomes dos Grupos da CNAE 1.0 do que aos da CNAE 2.0;
- 5 classes da CNAE 2.0 consideradas como parte das atividades de indústria foram admitidas como atividades de serviços, já que na versão da CNAE de 2002 eram tidas como parte do setor terciário;

- 13 classes de serviços da CNAE 2.0 que antes eram consideradas pela CNAE 1.0 como atividades industriais foram incorporadas à Classificação de Bastos et al (2010) como atividades de serviços, sendo inseridas nos subsetores que mais se relacionam às suas características;

- 1 classe de serviços da CNAE 2.0 não possui correspondência com a CNAE 1.0 por ter sido adicionada durante a revisão dessa classificação em 2007. Ela foi também foi colocada no subsetor que mais se relaciona às suas características;

- Aconteceu que 59 classes da CNAE 1.0 tinham correspondência com mais de uma classe da CNAE 2.0, sendo necessário criar 59 agrupamentos dentro da CNAE 2.0 que fossem compatíveis com as respectivas classes da CNAE 1.0. Nesses agrupamentos, as classes da CNAE 2.0 que estavam vinculadas a uma mesma classe da CNAE 1.0 foram somadas dando origem a um novo grupo de atividades compatíveis com a CNAE 1.0.

Além da compatibilização que precisou ser feita entre CNAE 1.0 e CNAE 2.0 para este trabalho, também foi necessário compatibilizar as versões da CNAE 95 e da CNAE 1.0, uma vez que os dados para o ano de 2000 estão registrados segundo a Classificação da CNAE publicada em 1995. Disso decorrem as seguintes situações:

- 26 classes de serviços da CNAE 95 foram alteradas na CNAE 1.0, tendo de ser compatibilizadas para o uso segundo a classificação de Bastos et al (2010);

- Também aconteceu que 24 classes da CNAE 1.0 ou tinham correspondência com mais de uma classe da CNAE 2.0 ou correspondiam simultaneamente a uma mesma classe da CNAE 2.0, sendo necessário criar 5 agrupamentos dentro da CNAE 1.0 e 7 grupamentos dentro da CNAE 95 que fossem compatíveis com as respectivas classes da CNAE 1.0 ou da CNAE 95 aos quais estivessem vinculados. Nesses agrupamentos, as classes da CNAE 1.0 e da CNAE 95 que estavam vinculadas a uma mesma classe da CNAE 95 ou da CNAE 1.0 foram somadas dando origem a novos grupos.

Ademais, como destacado por Bastos et al. (2010), a divisão 50 da CNAE 2.0 (Transporte aquaviário) foi desconsiderada por não apresentar expressividade dentre atividades econômicas de Minas Gerais. Também é importante enfatizar que ao utilizar a

CNAE este trabalho automaticamente abordará apenas o mercado formal de serviços, uma vez que os instrumentos de obtenção de dados aplicam-se, sobretudo, para este ramo do emprego. Deixa-se, portanto, espaço aberto para que estudos vindouros possam abordar de maneira mais específica a questão da informalidade neste setor da economia.

A fim de se facilitar a visualização dos resultados gerados, os subsetores de serviços delimitados anteriormente serão numerados de um a vinte e cinco, de forma que os números a eles atribuídos servirão para sua identificação no momento de análise de dados. Esses números e suas correspondências com cada subsetor são apresentados na Tabela 5, presente no Anexo 1, que deve ser consultado durante a leitura deste trabalho sempre que necessário. Também, o detalhamento da formação destes subsetores a partir das classes das CNAES 95, 1.0 e 2.0 é disponibilizado nos Apêndices A e B.

A escolha das dezessete cidades a serem analisadas em cada Território Desenvolvimento do estado de Minas Gerais foi feita a partir da hierarquia urbana das cidades brasileiras proposta pela pesquisa Regiões de Influência das Cidades (REGIC-2007) elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A pesquisa procura investigar as redes de interação que conectam as cidades formando regiões de influência pelo território brasileiro, a partir das quais são estabelecidos os níveis da hierarquia urbana, de forma que as relações entre as cidades são analisadas com base em dois componentes: as principais ligações de transportes regulares entre as localidades abrangidas e os principais destinos dos moradores dos municípios pesquisados para obter produtos e serviços (IBGE, 2008).

Valendo-se de dados secundários de pesquisas como o Cadastro Central de Empresas-CEMPRE, do IBGE, a REGIC faz o levantamento da hierarquia dos centros urbanos levando em conta a classificação dos centros de gestão do território (cidades que abrigam sedes de órgãos do Estado e sedes de empresas, influenciando outras localidades), a intensidade dos relacionamentos estabelecidos entre uma cidade e outra, a dimensão da região de influência gerada por cada centro, bem como as diferenciações regionais (IBGE, 2008).

Entende-se que tal recorte permitirá uma abordagem mais detalhada dos serviços no território mineiro, proporcionando também uma comparação entre diferentes realidades dentro do estado capazes de evidenciar necessidades e oportunidades para o

fortalecimento do setor terciário em cada uma das regiões. Assim, as cidades brasileiras foram classificadas em cinco grandes níveis, também subdivididos em outros subníveis (IBGE, 2008):

1. Metrôpoles- principais centros urbanos do país caracterizados por fortes ligações entre si e exercício de ampla área influência direta sobre as demais cidades.

a. Grande Metrôpole Nacional: município de São Paulo, sendo o maior conjunto urbano do país e ocupando o primeiro nível da gestão territorial;

b. Metrôpole Nacional: Rio de Janeiro e Brasília, possuindo alta concentração populacional e ocupando o primeiro nível da gestão territorial.

c. Metrôpole: cidades que constituem, no geral, o segundo nível da gestão territorial. Está incluso neste grupo o município de Belo Horizonte.

2. Capital regional- cidades com nível de gestão imediatamente inferior ao das metrôpoles; possuem áreas de influência regionais, sendo destino da população de grande número de municípios na busca por um conjunto de atividades.

a. Capital Regional A: cidades com medianas de 955 habitantes e 487 relacionamentos⁵;

b. Capital Regional B: cidades medianas de 435 mil habitantes e 406 relacionamentos;

c. Capital Regional C: cidades medianas de 250 mil habitantes e 162 relacionamentos.

⁵ “O número de relacionamentos é calculado como o número de vezes em que, no questionário da pesquisa, o centro foi mencionado como destino.” (IBGE, 2008, p. 11).

3. Centro sub-regional- centros com atividades de gestão de menor complexidade, com área de atuação mais reduzida e limitada relação com centros externos a sua própria rede urbana.

a. Centro sub-regional A: cidades com medianas de 95 mil habitantes e 112 relacionamentos;

b. Centro sub-regional B: cidades com medianas de 71 mil habitantes e 71 relacionamentos.

4. Centro de zona- cidades de menor porte com influência restrita às áreas que as circundam, exercendo funções de gestão mais básicas.

a. Centro de Zona A: cidades com medianas de 45 mil habitantes e 49 relacionamentos;

b. Centro de Zona B: cidades com medianas de 23 mil habitantes e 16 relacionamentos.

5. Centro local- demais cidades cuja área de influência não ultrapassa os limites de seu próprio município, atendendo apenas a sua população. Possuem predominantemente medianas de 8.133 habitantes.

Cada um dos 4 625 municípios pesquisados pela REGIC foi classificado dentro dessas categorias relatadas anteriormente. Para a seleção dos 17 municípios de Minas Gerais a serem abordados neste trabalho, foi levantada a hierarquia urbana das cidades de cada Território de Planejamento e posteriormente selecionadas as que possuíam maior nível hierárquico em seu próprio Território. Essa seleção será importante para análise do setor de serviços no estado, na medida que os municípios de maior centralidade e influência no espaço tendem a concentrar maiores níveis de atividades econômicas, dentre as quais estão as atividades de serviços. Nos casos em que houve mais de uma cidade ocupando a posição de maior nível hierárquico no Território, o desempate foi feito tomando como critério o nível de centralidade da cidade no tocante à oferta de cursos de graduação. Tal critério foi preferido em relação aos demais por se entender que a educação de nível superior é responsável por influenciar o movimento de fluxos populacionais dentro de uma mesma região, atraindo para

o município sede do centro universitário pessoas e estabelecimentos antes fixados em outros locais, gerando certo dinamismo demográfico e econômico e colocando a localidade em questão em posição de destaque dentre os demais municípios em seu entorno⁶. É importante ressaltar também que em Minas Gerais 33 municípios aparecem agregados a outros na pesquisa, uma vez que compõem as Áreas de Concentração de População (ACPs) de Belo Horizonte, Juiz de Fora, Ipatinga–Coronel Fabriciano–Timóteo e Uberlândia. Segundo IBGE (2008), as ACPs consistem em:

“(...) grandes manchas urbanas de ocupação contínua, caracterizadas pelo tamanho e densidade da população, pelo grau de urbanização e pela coesão interna da área, dada pelos deslocamentos da população para trabalho ou estudo. As ACPs se desenvolvem ao redor de um ou mais núcleos urbanos, em caso de centros conurbados, assumindo o nome do município da capital, ou do município de maior população. (IBGE, 2008, p. 11)

O agrupamento destes municípios em ACPs não prejudica os fins deste trabalho, já que eles, caso fossem contabilizados separadamente na listagem da hierarquia urbana mineira, possuiriam nível hierárquico necessariamente inferior ao das cidades que dão nome às ACPs e às quais estão subordinados, sendo automaticamente preteridos em relação a estas na escolha das localidades representantes de cada Território.

Desta forma, a partir do levantamento da hierarquia urbana em Minas Gerais as cidades de maior centralidade e influência por Território de Desenvolvimento são listadas no Quadro 5:

⁶ Para maior aprofundamento na questão da influência da instalação de Universidades no desenvolvimento econômico e urbano ver: MAGALHÃES, A. D., MARTINS, J. B., RIBEIRO, H. M., SILVA, F. A. G. A Universidade e o Desenvolvimento Regional: O Caso Da UFVJM. XV Seminário sobre a Economia Mineira, Cedeplar-UFMG, Diamantina, ago. 2012. Disponível em: < <http://diamantina.cedeplar.ufmg.br/2012/trabalho/economia/a-universidade-e-o-desenvolvimento-regional-o-caso-da-ufvjm--> >. Acesso em 09 nov. 2016.

Quadro 5: Municípios de maior nível na hierarquia urbana de Minas Gerais, por Território de Planejamento⁽¹⁾ ⁽²⁾

Território de Planejamento	Município de maior nível na hierarquia urbana	Nível na hierarquia urbana	Nomenclatura
Alto Jequitinhonha	Diamantina	4A	Centro de Zona A
Caparaó	Ponte Nova	3A	Centro Subregional A
Central	Curvelo	4A	Centro de Zona A
Mata	Juiz de Fora	2B	Capital Regional B
Médio e Baixo Jequitinhonha	Almenara	4A	Centro de Zona A
Metropolitano	Belo Horizonte	1C	Metrópole
Mucuri	Teófilo Otoni	2C	Capital Regional C
Noroeste	Patos de Minas	3A	Centro Subregional A
Norte	Montes Claros	2B	Capital Regional B
Oeste	Divinópolis	2C	Capital Regional C
Sudoeste	Passos	3A	Centro Subregional A
Sul	Varginha	2C	Capital Regional C
Triângulo Norte	Uberlândia	2B	Capital Regional B
Triângulo Sul	Uberaba	2C	Capital Regional C
Vale do Aço	Ipatinga	2C	Capital Regional C
Vale do Rio Doce	Governador Valadares	2C	Capital Regional C
Vertentes	Barbacena	3A	Centro Subregional

Fonte: Elaboração própria a partir de IBGE , 2008.

- (1) Os municípios de Capelinha e Diamantina; Manhuaçu e Ponte Nova; Almenara e Araçuaí, Pouso Alegre e Varginha apresentaram em seus respectivos territórios empate pelo critério de maior nível de hierarquia urbana. O critério utilizado para desempate foi maior nível de centralidade na área de Educação Superior, logo, os municípios que se sobressaíram neste critério foram: Diamantina, Ponte Nova, Almenara e Varginha.
- (2) Os municípios de Belo Horizonte, Ipatinga, Juiz de Fora e Uberlândia encontram-se inclusos nas ACPs que levam seus respectivos nomes, possuindo maior hierarquia urbana que os demais municípios a eles agregados.

6 Análise de Resultados

Como mencionado anteriormente, Rocha (1997) coloca que a análise sobre a composição do crescimento do setor terciário deveria levar em consideração: a heterogeneidade dos serviços, a dificuldade de contabilizar as atividades terciárias e os efeitos do progresso técnico não evidenciados por indicadores socioeconômicos. Uma vez determinada a metodologia deste trabalho, esta seção irá de encontro à segunda necessidade apontada por este autor (heterogeneidade dos serviços), ao abordar o dinamismo do setor terciário a partir do crescimento do emprego nos subsetores de serviços.

Neste sentido, o método Estrutural-Diferencial foi empregado na análise dos dados de emprego de Minas Gerais e das suas dezessete cidades selecionadas a fim de que fosse possível levantar o dinamismo de cada um dos subsetores de serviços no período do ano 2000 ao ano de 2015. A partir daí será possível verificar a evolução do crescimento dos subsetores de serviços no âmbito estadual e municipal, bem como classificar tais subsetores em dinâmicos ou estagnados conforme sua obtenção de vantagens competitivas ou especialização ao longo do período abordado.

A análise dos resultados deste trabalho será feita em duas partes: a primeira referente às observações apreendidas do cenário geral de Minas Gerais e a segunda, apresentando os aspectos principais dos subsetores de serviços em cada município selecionado.

6.1.1 Resultados para o estado

Analisando os dados de emprego da RAIS para Minas Gerais (Tabela 6), é possível perceber que o setor de serviços cresceu mais que o total da economia mineira entre 2000 e 2015, sendo que as taxas de crescimento do setor terciário foram de 87,88% enquanto o geral do emprego no estado foi de 71,97%. Dentre os municípios analisados pode-se notar que a maior parte apresentou taxas de crescimento terciário superiores às taxas de Minas Gerais, sendo que os municípios que mais cresceram o emprego em serviços foram Diamantina (176,35%), Montes Claros (170,45%) e Uberaba (172,58%). Tais municípios quase triplicaram seu setor de serviços nos quinze anos abordados e isso ficará evidente na análise de dinamismo feita para os subsetores do setor terciário nestas localidades.

Outro fato que chama a atenção nos dados da Tabela 6 é que Belo Horizonte, a capital do estado, e Juiz de Fora, um dos polos econômicos de Minas Gerais, foram os únicos municípios que tiveram crescimento do emprego em serviços inferior às taxas estaduais, sendo estes valores, respectivamente, de 36,21% e 82,40%. Uma hipótese para este acontecimento pode ser uma maior maturidade do setor de serviços nessas cidades, o qual, ao já estar estabelecido em grande escala nestes territórios, acaba por não crescer a taxas tão altas quanto as dos demais municípios.

Quanto ao total da economia nota-se que os municípios que mais ampliaram o emprego em serviços foram também os que mais cresceram no emprego total: Diamantina (131,20%), Montes Claros (114,33%) e Uberaba (112,78%). Entretanto, o município que se destaca apresentando a maior taxa de crescimento para o total da economia foi Almenara, com incremento de 154,31% em seu total de empregos. Belo Horizonte lidera novamente as menores taxas de crescimento do estado com o incremento de apenas 32,77% em seu emprego formal, seguido por Ipatinga, com 43,62% de crescimento no número de trabalhadores para o total da economia.

Entre os subsetores de serviços, o que mais cresceu no total do estado foi o de “Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores” (13), que apresentou crescimento de 306,15% em Minas Gerais e em alguns municípios chegou a crescer a taxas de 1100,00% (Almenara) e de 907,14% (Passos). Para todos os municípios o emprego neste subsetor foi ampliado em mais de 100%, sendo que o município que menos cresceu nele foi Patos de Minas, com taxa de 101,08%. Outros subsetores que se destacaram com altas taxas de crescimento foram “Alojamento e alimentação” (4), com aumento de 247,66%, “Atividades de informática e serviços relacionados” (14) com taxa aumento de 230,84% e “Transporte aéreo” (6) com aumento de 230,29%. Espera-se para este último subsetor que seu crescimento em Minas Gerais tenha sido impulsionado por outros municípios do estado, uma vez que em treze dos municípios analisados seu crescimento foi nulo (emprego zero em 2000) ou negativo. Na verdade, muitos subsetores de serviços apresentaram emprego zero para o ano de 2000 em boa parte das cidades escolhidas, como é caso de “Transporte aéreo” (6), mencionado anteriormente, “Pesquisa e desenvolvimento” (15) e “Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas” (20) e “Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais” (25).

Além disso, três subsetores tiveram taxas negativas de crescimento do emprego em Minas Gerais sendo eles “Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais” (25), teve taxa de crescimento de -61,11% no estado, sendo nula ou negativa para todos os municípios analisados, “Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas” (20) com crescimento de -84,37% e “Serviços prestados principalmente as empresas” (16) que diminuiu seu emprego em 6,96% no total do estado, apesar de ter mantido taxas positivas para 88% das cidades escolhidas para este trabalho.

Outra análise importante a ser feita é que os subsetores indutores de desenvolvimento (5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18 e 19) foram os que cresceram a maiores taxas no estado, com aumento médio de 129,80%, enquanto os induzidos pelo desenvolvimento (1, 2, 3, 4, 17, 20, 21, 22, 23, 24 e 25) obtiveram aumento médio de 107,97% no número de empregos.

Tabela 6- Crescimento (%) do Emprego em Minas Gerais e municípios selecionados (2000 a 2015) ¹

(Continua)

Subsetores	Diamantina	Ponte Nova	Curvelo	Juiz de Fora	Almenara	Belo Horizonte	Teófilo Otoni	Patos de Minas	Montes Claros	Divinópolis	Passos	Varginha	Uberlândia	Uberaba	Ipatinga	Governador Valadares	Barbacena	Minas Gerais
1	44,0	46,1	82,0	36,1	79,5	42,1	53,6	54,0	58,6	52,2	86,5	42,8	35,7	75,8	45,4	66,5	47,2	57,7
2	-8,3	110,3	163,8	124,4	21,7	132,0	213,6	218,2	294,4	184,7	175,0	183,4	235,1	26,9	121,8	160,1	319,3	156,5
3	182,6	144,9	140,0	101,6	194,5	75,8	171,0	108,3	143,2	127,9	195,3	131,5	103,0	142,2	135,7	102,1	109,0	149,2
4	215,9	226,0	283,0	272,6	652,0	175,8	188,6	352,0	366,2	239,9	217,6	266,4	256,9	303,6	268,8	193,0	233,8	247,7
5	142,2	61,7	95,7	69,2	114,7	15,1	45,8	89,7	54,3	37,7	134,1	175,3	94,1	145,9	112,9	39,8	85,1	84,1
6	-	-	-	-78,6	-	-31,9	-100,0	150,0	-	-100,0	-	-100,0	242,9	260,0	-	128,6	-	230,3
7	-	-	-60,0	197,7	-	139,3	205,0	475,0	72,9	823,4	611,1	102,0	76,6	299,0	403,7	0,8	-25,0	227,7
8	153,9	48,1	117,5	-27,4	714,3	19,7	49,2	146,7	104,0	55,6	89,6	-59,0	82,3	155,9	150,3	121,3	509,2	84,1
9	185,7	305,3	117,7	103,0	62,0	72,1	86,3	74,4	169,9	192,3	85,6	23,4	80,1	209,6	410,4	119,8	171,8	121,0
10	-	-100,0	175,8	12,6	-	85,1	2133,3	2033,3	312,5	197,5	471,4	725,0	730,8	340,5	156,1	162,2	1800,0	160,7
11	650,0	400,0	800,0	188,6	-	69,8	1900,0	423,1	390,0	205,8	425,0	325,0	313,9	308,1	108,3	442,9	175,0	115,3
12	322,2	102,7	231,0	28,8	-	87,4	11,9	219,2	163,4	183,6	28,8	18,0	130,6	159,8	164,0	58,7	6,6	65,0
13	350,0	238,5	427,3	286,3	1100,0	254,5	723,5	101,1	316,3	837,0	907,1	200,0	263,8	404,3	494,1	104,4	435,0	306,2
14	800,0	47,1	150,0	463,2	54,6	203,1	133,3	220,8	824,4	275,5	170,7	-35,5	171,7	732,5	268,9	138,7	323,1	230,8
15	-	-	-	88,9	-	-20,5	-	-	1500,0	-	-	-	336,8	-10,0	-	-	-	22,8
16	156,5	97,3	85,1	67,5	0,6	-31,8	149,4	138,1	386,1	102,4	206,3	120,4	62,4	201,7	-17,8	334,3	33,0	-7,0
17	67,8	188,9	44,3	26,3	167,8	128,6	157,8	26,2	97,8	50,9	59,1	67,1	85,1	4010,4	28,1	157,1	99,6	109,3
18	1607,9	99,1	57,7	261,5	1253,3	35,2	92,4	211,8	496,6	85,3	-9,2	119,5	137,5	323,5	183,3	125,7	35,1	111,5
19	208,1	80,6	99,4	114,7	167,5	38,0	148,5	181,8	158,5	149,1	171,1	73,6	204,3	260,7	126,3	68,9	49,8	85,1
20	-	-	-	-70,9	-	-95,3	-	-	-100,0	-95,8	-	-	-82,1	-85,9	-100,0	-100,0	-	-84,4
21	97,3	34,6	65,1	1,3	-28,7	24,9	73,5	1,9	470,3	73,2	18,5	69,8	18,9	61,1	34,8	26,9	215,5	49,6
22	150,0	0,7	-15,1	5,7	81,8	17,2	0,6	-26,2	15,7	17,7	14,5	30,5	-3,9	50,0	32,9	23,9	-1,1	17,2
23	875,0	44,7	493,3	122,0	63,6	149,9	830,8	255,7	399,2	459,2	83,5	469,1	66,7	116,6	201,2	367,2	531,3	216,3
24	-	0,0	100,0	20,0	-100,0	120,8	-	75,0	-55,6	33,3	-75,0	-88,9	66,7	-27,9	25,0	462,5	-87,5	3,7
25	-	-	-	-	-	-68,4	-	-	-100,0	-	-	-100,0	-	-	-	-	-	-61,1

Tabela 6- Crescimento (%) do Emprego em Minas Gerais e municípios selecionados (2000 a 2015) ¹ (Conclusão)

Subsetores	Diamantina	Ponte Nova	Curvelo	Juiz de Fora	Almenara	Belo Horizonte	Teófilo Otoni	Patos de Minas	Montes Claros	Divinópolis	Passos	Varginha	Uberlândia	Uberaba	Ipatinga	Governador Valadares	Barbacena	Minas Gerais
Total Serviços	176,4	116,5	101,9	82,4	149,8	36,2	131,2	102,2	170,5	108,6	116,2	93,1	102,8	172,6	89,2	113,0	96,2	87,9
Total Economia	131,2	96,6	82,1	53,8	154,3	32,8	105,1	89,9	114,3	73,1	76,6	74,4	80,7	112,8	43,6	79,2	62,3	72,0

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS 2000 e 2015

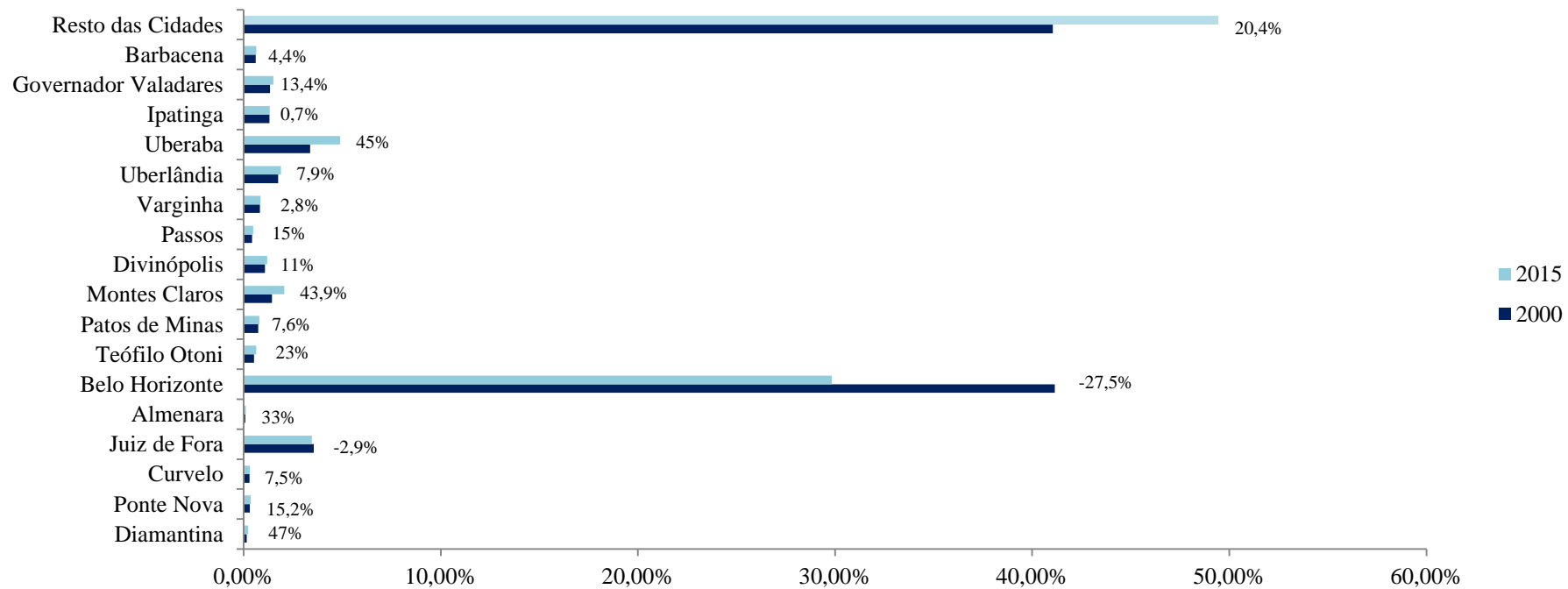
¹ Os dados da tabela com um traço (-) referem-se a subsectores cujo emprego no ano 2000 foi igual a zero, o que impossibilita de calcular a sua taxa de crescimento entre 2000 e 2015.

Quanto à participação dos municípios no emprego terciário de Minas Gerais (Gráfico 13), percebe-se que Belo Horizonte posicionava-se, no ano de 2000, com quase metade do emprego de serviços do estado (41,15%). Entretanto, em 2015 o município perdeu espaço na distribuição estadual do emprego de serviços, caindo para 29,83% (decréscimo de 27, 50%) da mão de obra terciária do estado, mantendo, porém, o status de cidade com a maior concentração de emprego em Minas Gerais.

As cidades que mais cresceram sua participação no emprego de serviços foram Diamantina (47,09%), Uberaba (45,08%), Montes Claros (43,94%), Almenara (32,96%) e Teófilo Otoni (23,04%). Já as cidades que menos cresceram sua participação no emprego terciário estadual, além de Belo Horizonte, também estão sinalizadas nos gráficos a seguir, sendo Juiz de Fora, que decresceu 2,92% e Ipatinga, que cresceu apenas 0,70% sua participação entre os anos de 2000 e 2015.

Ao fim, temos que as cidades com maior participação no emprego de serviços de Minas Gerais em 2015 foram: Belo Horizonte (29,83%), Uberaba (4,89%), Juiz de Fora (3,45%) e Montes Claros (2,06%).

Gráfico 13-Participação (%) no emprego do setor terciário em Minas Gerais- 2000/2015



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS 2000 e 2015.

A partir dos dados da RAIS 2000 e 2015 é possível comparar o crescimento dos subsetores de serviços com o crescimento do total do setor. A partir dessa comparação Bastos et al. (2010) propõe uma classificação para os subsetores de serviços: os subsetores que apresentaram crescimento inferior ao crescimento do setor são tidos como “estagnados” e aqueles que cresceram a taxas maiores que a do setor são tidos como “dinâmicos”.

Pelas informações do Quadro 6 tem-se que treze subsetores cresceram mais que o total do setor no estado, sendo que destes oito são indutores de desenvolvimento e cinco são induzidos pelo desenvolvimento. Os subsetor indutor de desenvolvimento que mais cresceu foi “Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores” (13), com crescimento de 306,15%. Já o subsetor induzido pelo desenvolvimento que apresentou a maior taxa de crescimento no período foi “Alojamento e alimentação” (4), que aumentou em 247,66%.

Para a categoria de estagnação foram encontrados doze subsetores dos quais seis são induzidos e seis são indutores de desenvolvimento. O subsetor indutor de desenvolvimento que menos cresceu no período foi “Serviços prestados principalmente as empresas” (16), diminuindo seu emprego em 6,96%, e o subsetor induzido pelo desenvolvimento que teve menor crescimento no estado foi “Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas” (20), que diminuir em 84,37% no período.

Quadro 6-Subsetores estagnados e dinâmicos em Minas Gerais (2000 a 2015)

Subsetores estagnados		Subsetores dinâmicos	
Indutores de desenvolvimento	Induzidos pelo desenvolvimento	Indutores de desenvolvimento	Induzidos pelo desenvolvimento
5-Transporte terrestre	1-Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas, comércio a varejo de combustíveis	6-Transporte aéreo	2-Comércio por atacado e representantes comerciais e agentes do comércio
8-Correio e telecomunicações	20-Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas	7-Atividades anexas de transporte e agências de viagem	3-Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos
12-Atividades imobiliárias	21-Atividades associativas	9-Intermediação financeira	4-Alojamento e alimentação
15-Pesquisa e desenvolvimento	22-Atividades recreativas, culturais e desportivas	10-Seguros e previdência complementar	17-Administração pública, defesa e seguridade social
16-Serviços prestados principalmente as empresas	24-Serviços domésticos	11-Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar	23-Serviços pessoais
19-Saúde e serviços sociais	25-Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais	13-Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores	
		14-Atividades de informática e serviços relacionados	
		18-Educação	

Fonte: Elaboração própria com base em Bastos et al (2010) e dados da RAIS 2000 e 2015

6.1.2 Resultados para os municípios

Nesta seção serão apresentados os resultados do dinamismo dos subsetores de serviços para cada município compreendido no universo estudado, de forma a evidenciar os aspectos mais relevantes de sua vantagem competitiva e de sua especialização em cada categoria de atividades terciárias estabelecida por Bastos et al (2010). O intuito desta análise é identificar lacunas e oportunidades para o setor de serviços mineiro, entendendo este como capaz de gerar desenvolvimento econômico. Para tal, serão tomados os componentes do Efeito Alocação, descritos no quadro x, sendo eles a Especialização ($E_{ij}^0 - E_{ij}^{0'}$) e a Vantagem Competitiva ($r_{ij} - r_{it}$), que podem apresentar valores negativos ou positivos conforme a variação dos níveis de emprego nos subsetores terciários em Minas Gerais e em cada

município. O resultado destes componentes gera quatro possibilidades para o dinamismo dos subsetores de serviços: I- Vantagem Competitiva Especializada (Especialização positiva, Vantagem Competitiva positiva); II- Vantagem Competitiva Não-Especializada (Especialização negativa, Vantagem Competitiva positiva); III- Desvantagem Competitiva Não Especializada (Especialização negativa, Vantagem Competitiva negativa) e IV- Desvantagem Competitiva Especializada (Especialização positiva, Vantagem Competitiva negativa). Tais possibilidades são ilustradas no Quadro 7:

Quadro 7: Possibilidades para o Dinamismo dos Serviços segundo o método Estrutural Diferencial

Vantagem Competitiva	II Vantagem Competitiva Não-Especializada <i>Tende do Dinamismo</i>	I Vantagem Competitiva Especializada <i>Dinâmico</i>
	III Desvantagem Competitiva Não-Especializada <i>Estado de Estagnação</i>	IV Desvantagem Competitiva Especializada <i>Tende à Estagnação</i>

Especialização

Legenda:

	Campo das Oportunidades
	Campo dos Desafios

Fonte: Bastos et al. (2010). Elaboração Própria.

Fazendo uma recapitulação do significado de cada uma dessas atribuições, tem-se que para o município: a) possuir especialização significa ter maior quantidade de sua mão de obra nos subsetores de serviços que obtiveram crescimento maior no estado durante o período estudado; b) possuir vantagem competitiva significa obter maiores taxas de crescimento nos subsetores de serviços que as taxas do estado no período estudado.

Logo, a partir dessas possibilidades, coloca-se que os quadrantes I e II compõem o Campo das Oportunidades, uma vez que contêm subsetores dinâmicos (I) que podem ser fomentados para aumentar sua vantagem competitiva e especialização e subsetores que tendem ao dinamismo (II) necessitando receber ações em prol de sua especialização para

chegarem ao dinamismo pleno (nesse ponto tem-se como ideal que o município se especialize naquelas atividades em que já possui vantagem competitiva, a fim de obter maiores taxas de crescimento nos ramos que lhe são economicamente vantajosos). Tais atividades deveriam ser fomentadas ou especializadas, pois nelas, o município consegue crescer o seu emprego acima das taxas do estado.

Já os quadrantes III e IV compõem o Campo dos Desafios, já que contêm subsetores em estado de estagnação (III), que não são nem vantajosos nem especializados no município, e subsetores que tendem à estagnação (IV), pelos quais o município está empregando esforços de especialização naquilo que não é vantajoso para sua economia. Estes subsetores estariam, num primeiro momento e pela tendência do período analisado, fora do campo dos investimentos econômicos dentro do município ao não abrigarem atividades que propiciem pela vantagem competitiva o desenvolvimento econômico local (neste caso poderia caber um reordenamento de esforços produtivos no âmbito municipal, ou investimentos no sentido de superar os desafios da produção destes tipos de serviços).

Os cenários relatados anteriormente serão verificados a seguir para cada município selecionado para este estudo, revelando as oportunidades e lacunas para os subsetores de serviços que compõe sua economia.

6.1.2.1 Modelo de análise

A análise dos dados do Shift-Share para os municípios selecionados, no período de 2000 a 2015, proporciona uma quantidade ampla de análises possíveis e importantes. Para favorecer os objetivos deste estudo que são de ressaltar a importância dos serviços em promover o desenvolvimento e crescimento econômicos, serão evidenciados para cada município os seguintes aspectos:

1. A porcentagem de subsetores de serviços nos quadrantes do “Campo das Oportunidades” e no “Campo dos Desafios”;
2. A presença de atividades dinâmicas e tendentes ao dinamismo;
3. Os serviços indutores de desenvolvimento de menor dinamismo econômico;

4. Atividades que surgiram ou desapareceram em termos de emprego no município, e atividades que permaneceram com emprego nulo ao longo do período;

5. Outras considerações importantes sobre o emprego em serviços no município.

É importante colocar também que os subsetores que apresentarem emprego igual a zero no ano inicial (2000) não farão parte da análise diferencial-estrutural no quesito de competitividade, e conseqüentemente, das classificações quanto ao dinamismo em cada município, já que geram divisão por zero nas identidades matemáticas do método. Elas serão especificadas na análise para os municípios, como relatado anteriormente.

Uma consideração importante é que nos gráficos que vêm a seguir os subsetores indutores de desenvolvimento econômico foram sinalizados com o símbolo do losango (◆) e os subsetores induzidos pelo desenvolvimento econômico foram sinalizados com o símbolo de um círculo (●). Também, os nomes dos subsetores de serviços serão mencionados na análise, sendo sucedidos, entre parênteses, por seus respectivos números.

6.1.2.2 Diamantina

Território de Desenvolvimento: Alto Jequitinhonha

Diamantina (Gráfico 14) foi o município que apresentou a maior porcentagem de seus subsetores de serviços no Campo das Oportunidades (quadrantes I e II), contabilizando 78% do total. Em contrapartida, 22% dos subsetores estão no Campo dos Desafios. Este fato indica perspectivas positivas para o crescimento do setor de serviços na cidade.

Dois subsetores mostraram-se dinâmicos, sendo eles “Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos” (3), induzidos pelo desenvolvimento, e “Saúde e serviços sociais” (19), indutor de desenvolvimento. Doze subsetores mostraram-se tendentes ao dinamismo, sendo que destes, nove são indutores do desenvolvimento e três são induzidos. Neste sentido, alguns serviços indutores de desenvolvimento que apareceram de maneira mais proeminente no município são os subsetores de “Saúde e serviços sociais” (19), “Educação”

(18) e “Atividades Imobiliárias” (12). O resultado para o dinamismo da educação já era esperado, uma vez que Diamantina constitui um polo universitário devido às atividades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, sediada no município, além de possuir um campus da Universidade Federal de Minas Gerais, a Casa da Glória.

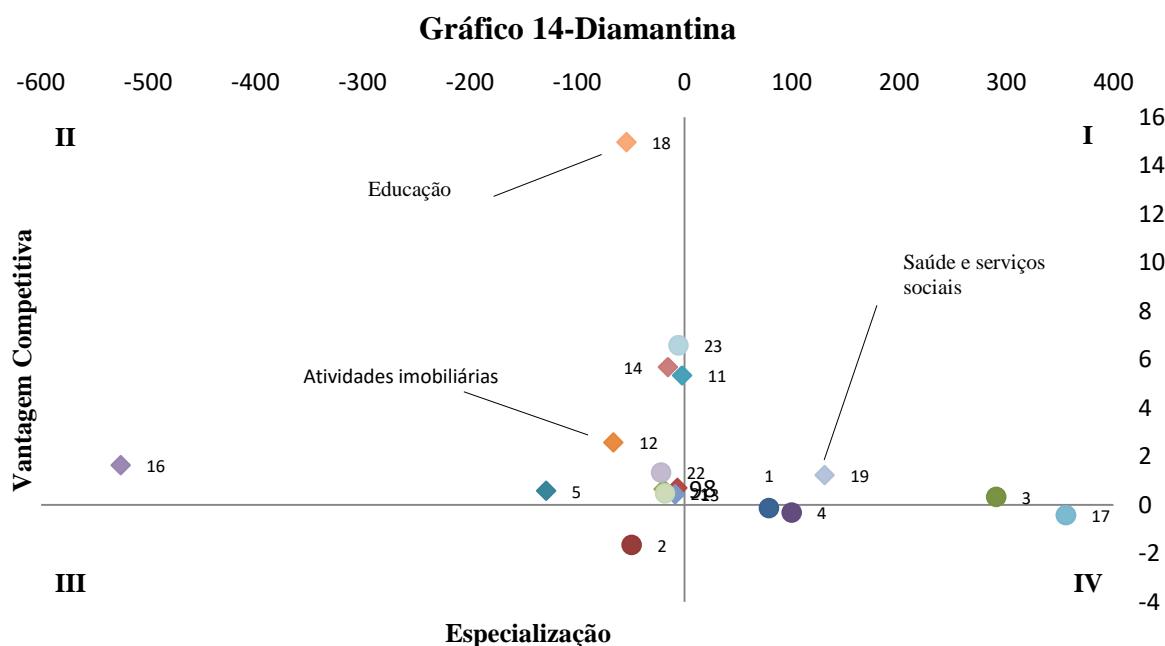
Já os serviços que se mostraram menos dinâmicos e que, portanto, revelam lacunas para o crescimento da cidade foram os subsetores de “Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas, comércio a varejo de combustíveis” (1), “Comércio por atacado e representantes comerciais e agentes do comércio” (2) e “Alojamento e alimentação” (4), sendo todos esses induzidos pelo desenvolvimento. Nota-se também que a cidade de Diamantina só apresentou uma atividade em estado de estagnação, sendo esta o subsetor de “Comércio por atacado e representantes comerciais e agentes do comércio” (2).

Os subsetores de “Transporte Aéreo” (6), “Atividades anexas de transporte e agências de viagem” (7), “Seguros e previdência complementar” (10), “Pesquisa e desenvolvimento” (15), “Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas” (20), “Serviços domésticos” (24) e “Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais” (25) apresentaram emprego igual a zero para 2000 e 2015 estando, portanto, fora da análise de dinamismo econômico para o município.

Número de subsetores de serviços com emprego maior que zero em 2000: 18

Atividades em que a cidade é mais especializada: “Administração pública, defesa e seguridade social” (17), “Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos” (3) e “Saúde e serviços sociais” (19).

Atividades em que a cidade possui maior vantagem competitiva: “Educação” (18), Serviços pessoais (23), “Atividades de informática e serviços relacionados” (14) e “Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar” (11).



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da RAIS-IBGE 2000 e 2015.

6.1.2.3 Ponte Nova

Território de Desenvolvimento: Caparaó

Para a cidade de Ponte Nova (Gráfico 15) a maior parte dos subsetores de serviços (75%) encontra-se no “Campo dos Desafios”, uma vez que estão nos terceiro e quarto quadrantes que indicam serviços que estão estagnados ou tendem à estagnação. Esta condição revela de fato desafios para o setor terciário municipal o qual está no geral com baixos níveis de crescimento em relação ao estado.

As atividades dinâmicas estão nos subsetores de “Intermediação financeira” (9) e “Atividades imobiliárias” (12), sendo ambos indutores de desenvolvimento. As demais atividades do “Campo das Oportunidades” são as tendentes ao dinamismo, encontrando-se nos subsetores de “Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar” (11), “Serviços prestados principalmente às empresas” (16) e “Administração pública, defesa e seguridade social” (17), de maneira que apenas o subsetor 17 não é indutor de desenvolvimento. As atividades anteriores mostram-se oportunas para serem especializadas dentro do município, uma vez que este já possui vantagens competitivas nelas.

Um fato relevante é que em 40% de seus subsetores de serviços, Ponte Nova está especializada sem possuir vantagem competitiva, o que é um indicativo de que a cidade deve procurar maiores taxas de crescimento para tais atividades ou realocar seus investimentos para atividades em que já possui crescimento maior do que as taxas do estado de Minas. Destes 40% que tendem à estagnação no município, 25% são serviços indutores de desenvolvimento, consistindo nos subsetores de “Correio e telecomunicações” (8) e “Saúde e serviços sociais (19)”.

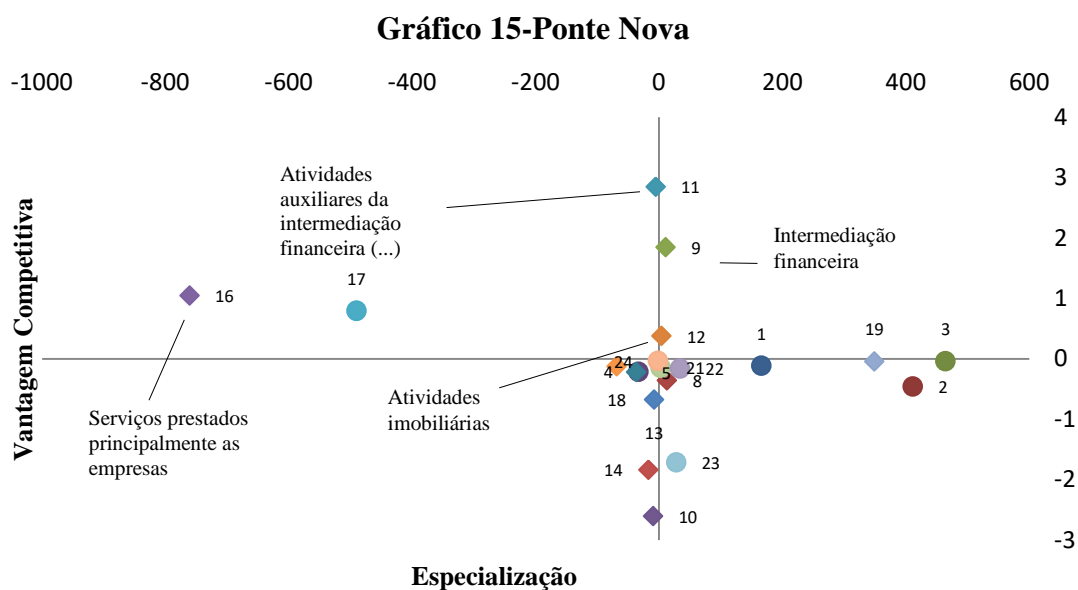
Os subsetores indutores de desenvolvimento que apresentaram menor dinamismo no período de 2000 a 2015 para a cidade são “Transporte Terrestre” (5), “Seguros e previdência complementar” (10), “Atividades de informática e serviços relacionados” (14), “Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores” (13) e “Educação” (18).

Algumas atividades apresentaram emprego inicial igual a zero e, portanto, não fizeram parte da análise de dinamismo. São elas “Transporte aéreo” (6), “Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas” (20) e “Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais” (25) que mantiveram emprego nulo em 2015, além dos subsetores “Atividades anexas de transporte e agências de viagem” (7) e “Pesquisa e desenvolvimento” (15) que passaram a existir na cidade, crescendo seu emprego em mais de 100% no período. O subsetor de “Seguros e previdência complementar” (10) possuía emprego em 2000, mas deixou de existir na cidade em 2015, encontrando-se em estado de estagnação (terceiro quadrante).

Número de subsetores de serviços com emprego maior que zero em 2000: 20

Atividades em que a cidade é mais especializada: “Comércio por atacado e representantes comerciais e agentes do comércio” (2), “Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos” (3) e “Saúde e serviços sociais” (19).

Atividades em que a cidade possui maior vantagem competitiva: “Intermediação financeira” (9), “Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar” (11) e “Serviços prestados principalmente as empresas” (16).



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da RAIS-IBGE 2000 e 2015.

6.1.2.4 Curvelo

Território de Desenvolvimento: Central

Para a cidade de Curvelo (Gráfico 16), temos que 67% dos subsectores de serviços encontram-se nos quadrantes do Campo das Oportunidades e 33% encontra-se nos quadrantes III e IV do gráfico, constituindo o Campo dos Desafios.

Oito atividades dinâmicas foram encontradas sendo que quatro delas são indutoras de desenvolvimento: “Correio e telecomunicações” (8), “Seguros e previdência complementar” (10), “Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores” (13) e “Saúde e serviços sociais” (19). Seis subsectores foram classificados como tendentes ao dinamismo e quatro deles são indutores de desenvolvimento: “Transporte terrestre” (5), “Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar” (11), “Atividades imobiliárias” (12) e “Serviços prestados principalmente as empresas”.

A maioria dos subsectores concentra-se na parte central do gráfico havendo poucos que se destaquem de maneira muito expressiva pela competitividade, pela especialização ou por ambos os atributos.

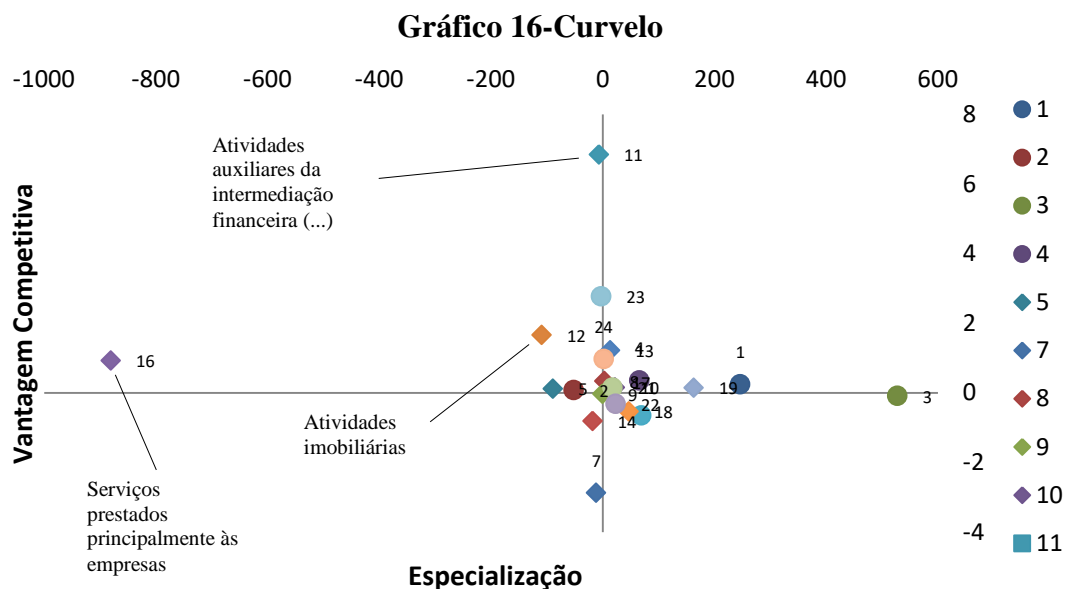
Os subsetores indutores de desenvolvimento que ficaram em estado de estagnação no período foram “Atividades anexas de transporte e agências de viagem” (7) e “Atividades de informática e serviços relacionados” (14).

Os subsetores de “Transporte aéreo” (6), “Pesquisa e desenvolvimento” (15), “Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas” (20) e “Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais” (25) tiveram emprego zero em 2000 e em 2015, por isso seu crescimento foi nulo no período.

Número de subsetores de serviços com emprego maior que zero em 2000: 21

Atividades em que a cidade é mais especializada: “Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos” (3), “Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas, comércio a varejo de combustíveis” (1) e “Saúde e serviços sociais” (19).

Atividades em que a cidade possui maior vantagem competitiva: “Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar” (11), “Serviços pessoais” (23) e “Atividades imobiliárias” (12).



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da RAIS-IBGE 2000 e 2015.

6.1.2.5 Juiz de Fora

Território de Desenvolvimento: Mata

Juiz de Fora (Gráfico 17) apresentou um Campo de Oportunidades composto por 38% das atividades de serviços e um Campo dos Desafios maior, composto por 63% das atividades terciárias.

Apenas duas atividades indutoras de desenvolvimento foram tidas como dinâmicas, sendo elas “Pesquisa e desenvolvimento” (15) e “Saúde e Serviços Sociais” (19). As três demais atividades dinâmicas na cidade são induzidas pelo desenvolvimento: “Alojamento e alimentação” (4), “Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas” (20) e “Serviços domésticos” (24). Já as atividades que tendem ao dinamismo são todas indutoras de desenvolvimento: “Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar” (11), “Atividades de informática e serviços relacionados” (14), “Serviços prestados principalmente as empresas” (16) e “Educação” (18). Um dos fatores que podem ter contribuído para os níveis de dinamismo das atividades de Educação e Pesquisa e Desenvolvimento é a presença da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), responsável por movimentar contingentes de pessoas nestes segmentos.

Percebe-se que a cidade só não é especializada em nove subsetores de serviços, correspondentes a 38% do total, demonstrando valores significativos no quesito especialização. Dos outros quinze subsetores em que a cidade é especializada, quase metade (oito) é indutora de desenvolvimento.

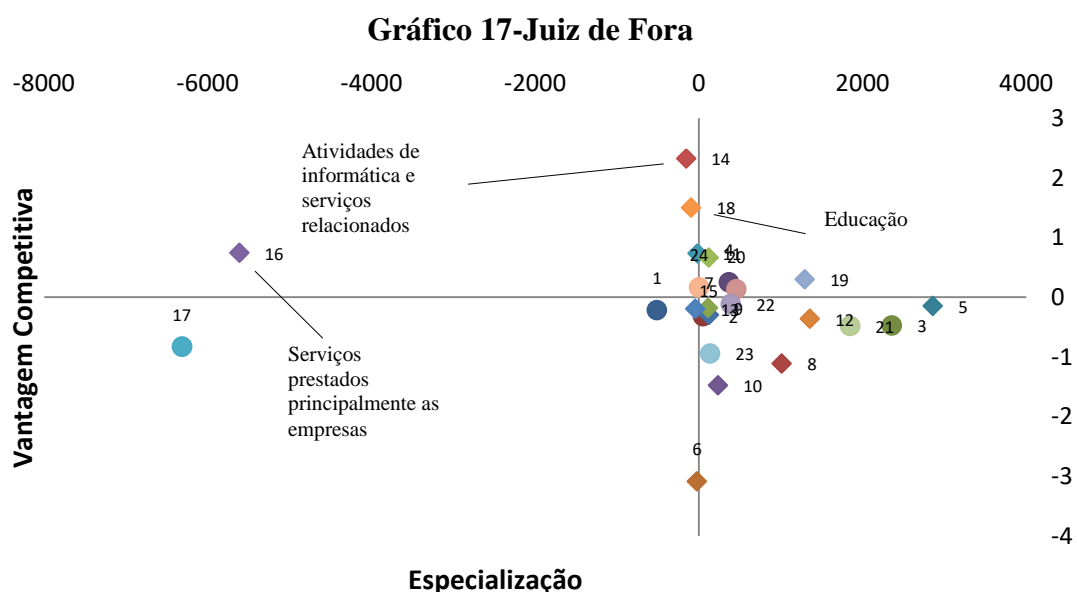
Os serviços indutores de desenvolvimento que apresentaram menores níveis de dinamismo foram “Transporte aéreo” (6) e “Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores” (13), estando no III quadrante.

O subsetor de “Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais” (25) apresentou emprego zero em Juiz de Fora para o ano de 2000 e 2015.

Número de subsetores de serviços com emprego maior que zero em 2000: 24

Atividades em que a cidade é mais especializada: “Transporte terrestre” (5), “Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos” (3) e “Atividades associativas” (21).

Atividades em que a cidade possui maior vantagem competitiva: “Atividades de informática e serviços relacionados” (14), “Educação” (18) e “Serviços prestados principalmente as empresas” (16).



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da RAIS-IBGE 2000 e 2015.

6.1.2.6 Almenara

Território de Desenvolvimento: Médio e Baixo Jequitinhonha

Na cidade de Almenara (Gráfico 18) 65% das atividades de serviços encontram-se no Campo das Oportunidades e menos da metade (35%) está no Campo dos Desafios.

As atividades dinâmicas totalizam quatro, sendo que delas apenas o subsetor de “Saúde e serviços sociais” é considerado como indutor de desenvolvimento. As outras são induzidas pelo desenvolvimento: “Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas, comércio a varejo de combustíveis” (1), “Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos” (3) e “Administração pública, defesa e seguridade social”. As atividades que tendem ao desenvolvimento somam sete e delas cinco são indutoras de

desenvolvimento: “Transporte terrestre” (5), “Correio e telecomunicações” (8), “Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores” (13), “Serviços prestados principalmente as empresas” (16) e “Educação” (18).

É interessante notar que não há setores em estado de estagnação em Almenara e que as atividades de “Administração pública, defesa e seguridade social” (17) possuem um dos maiores dinamismos do setor de serviços municipal, perdendo apenas para as atividades de “Saúde e serviços sociais” (19) no quesito de vantagem competitiva.

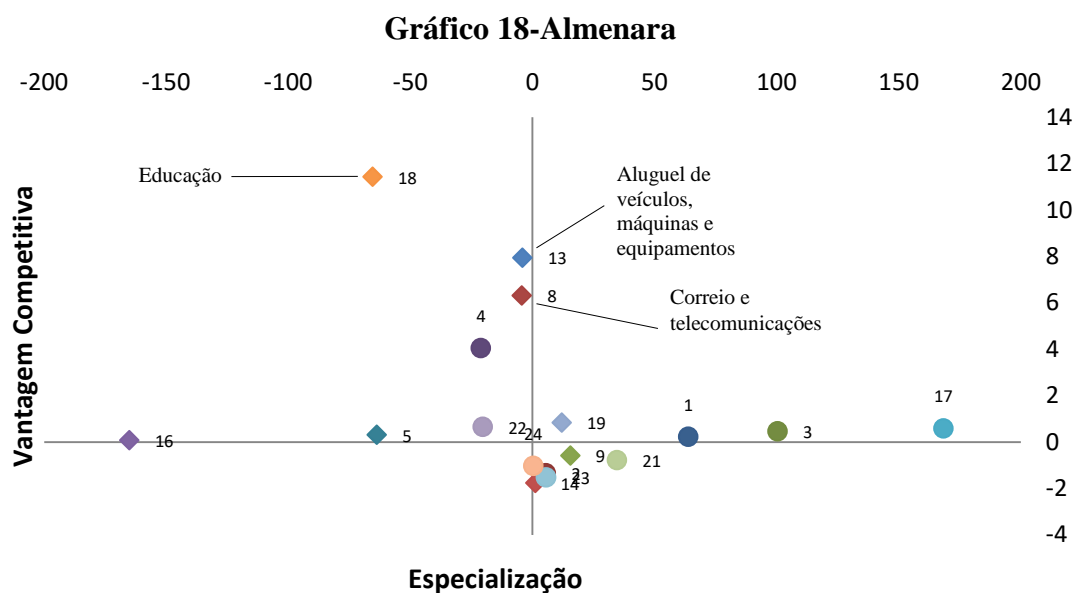
Os serviços indutores de desenvolvimento com pior dinamismo na cidade estão no quadrante IV, sendo eles “Intermediação financeira” (9) e “Atividades de informática e serviços relacionados” (14).

Os subsetores “Transporte aéreo” (6), “Seguros e previdência complementar” (10), “Pesquisa e desenvolvimento” (15), “Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas” (20) e “Organismos internacionais e outras instituições” (25) eram nulas em 2000 e permaneceram como tal em 2015. Já os subsetores de “Atividades anexas de transporte e agências de viagem” (7), “Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar” (11) e “Atividades imobiliárias” (12) eram nulos em 2000 e passaram a existir em Almenara. Algo importante é que todas essas atividades são indutoras de desenvolvimento, indicando potencialidades para o desenvolvimento econômico do município. Em contrapartida, o subsetor de “Serviços Domésticos” (24) possuía uma pessoa empregada em 2000 e deixou de existir em 2015.

Número de subsetores de serviços com emprego maior que zero em 2000: 17

Atividades em que a cidade é mais especializada: “Administração pública, defesa e seguridade social” (17), “Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos” (3) e “Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas, comércio a varejo de combustíveis” (1).

Atividades em que a cidade possui maior vantagem competitiva: “Educação” (18), “Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores” (13) e “Correio e telecomunicações” (8).



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da RAIS-IBGE 2000 e 2015.

6.1.2.7 Belo Horizonte

Território de Desenvolvimento: Metropolitano

A cidade de Belo Horizonte (Gráfico 19), apesar de ser a capital do estado de Minas Gerais aparece sem ter nenhum subsetor dinâmico no setor de serviços. Isso se deveu ao fato de que nenhum subsetor apresentou valores simultaneamente positivos para vantagem competitiva e especialização. Logo o Campo das Oportunidades do município é constituído apenas por atividades que tendem ao dinamismo, que ocupam 16% do total dos serviços. Os outros 84% do setor estão no Campo dos Desafios no município.

Das quatro atividades que tendem ao dinamismo apenas só uma é indutora de desenvolvimento: “Atividades imobiliárias” (12). Todas as outras são induzidas pelo desenvolvimento: “Administração pública, defesa e seguridade social” (17), “Atividades recreativas, culturais e desportivas” (22) e “Serviços domésticos” (24).

O município possui, de maneira geral valores elevados de especialização para as atividades em que é especializado, que somam um total de treze subsetores. Destes subsetores, 84,6% (11 subsetores) são indutores de desenvolvimento. Além disso, Belo Horizonte possui a maior especialização para o subsetor de “Serviços prestados principalmente as empresas” (16) dentre os municípios analisados. Apesar disso, os valores

gerais para o quesito competitividade são baixos na cidade, sendo que apenas quatro subsetores obtiveram competitividade positiva no período (com média de competitividade de 0,4). Destes, apenas um é indutor de desenvolvimento, sendo este o subsetor de “Atividades imobiliárias” (12).

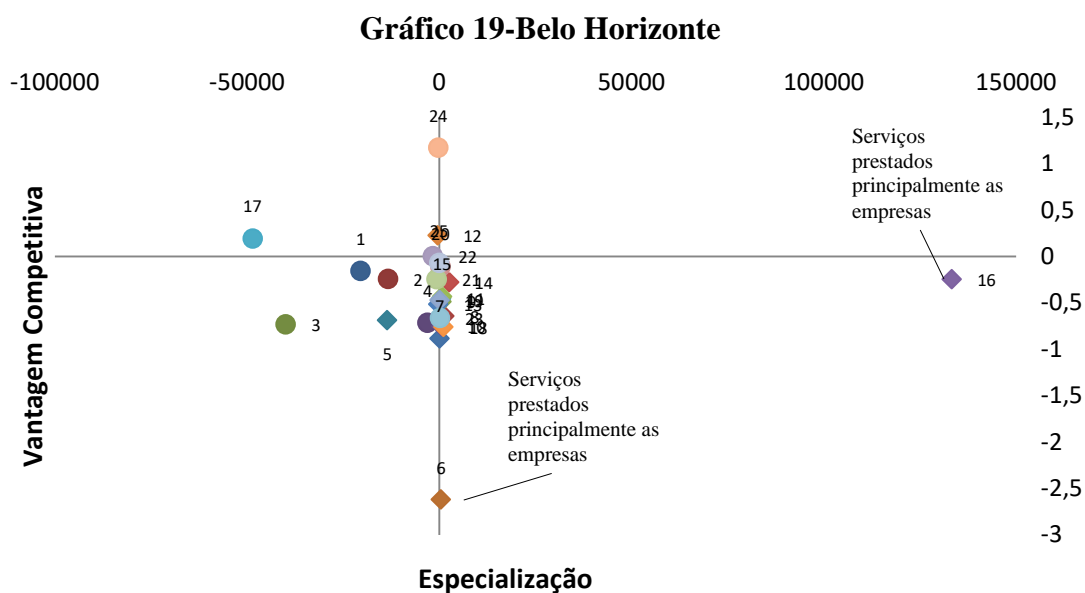
Sete (28%) dos subsetores de serviços estão estagnados no município, sendo que destes dois são indutores de desenvolvimento: “Transporte terrestre” (5) e “Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores” (13).

O município de Belo Horizonte foi o único que não apresentou valores nulos de emprego para nenhum subsetor, contemplando todos os tipos de atividades de serviços aqui classificados.

Número de subsetores de serviços com emprego maior que zero em 2000: 25

Atividades em que a cidade é mais especializada: “Serviços prestados principalmente as empresas” (16), “Atividades de informática e serviços relacionados” (14) e “Correio e telecomunicações” (8).

Atividades em que a cidade possui maior vantagem competitiva: “Serviços domésticos” (24), “Atividades imobiliárias” (12) e “Administração pública, defesa e seguridade social” (17).



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da RAIS-IBGE 2000 e 2015.

6.1.2.8 Teófilo Otoni

Território de Desenvolvimento: Mucuri

Em Teófilo Otoni (Gráfico 20) 40% dos subsetores de serviços estão no Campo das Oportunidades e 60% está no Campo dos Desafios.

Três atividades mostraram-se dinâmicas, sendo elas “Comércio por atacado e representantes comerciais e agentes do comércio” (2), “Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos” (3), induzidas pelo desenvolvimento, e “Saúde e serviços sociais” (19), indutora de desenvolvimento. Das sete atividades que tendem ao dinamismo quatro são indutoras do desenvolvimento: “Seguros e previdência complementar” (10), “Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar” (11), “Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores” (13) e “Serviços prestados principalmente as empresas” (16).

Além disso, Teófilo Otoni apresentou a maior vantagem competitiva para os subsetores de “Seguros e previdência complementar” (10) e “Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar” (11) dentre os municípios analisados.

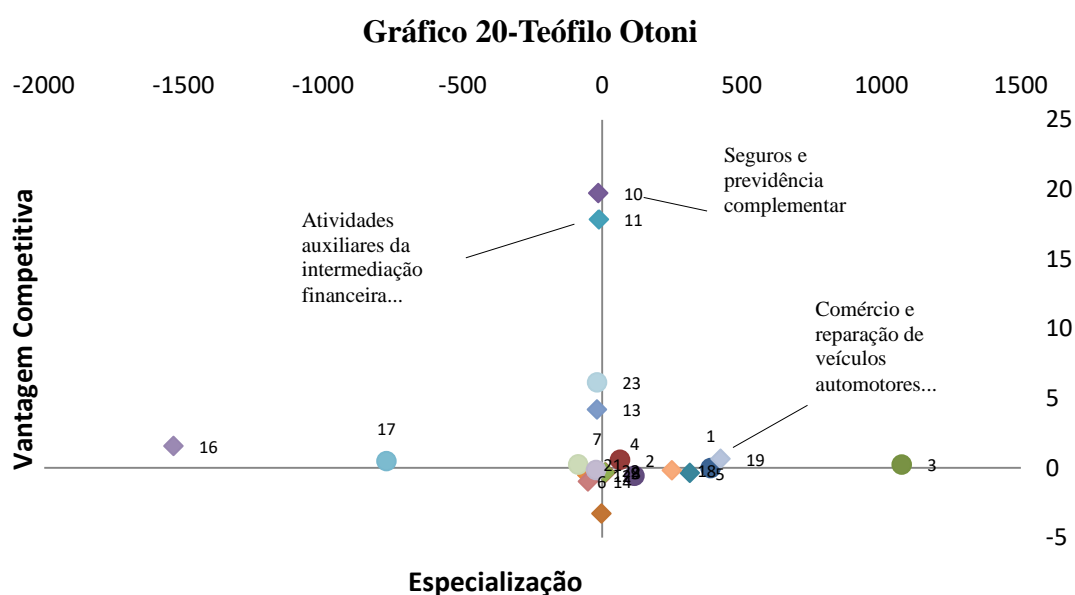
Os serviços indutores de desenvolvimento que menos se destacaram em termos de dinamismo, estando em estado de estagnação foram “Transporte aéreo” (6), “Atividades anexas de transporte e agências de viagem” (7), “Atividades imobiliárias” (12) e “Atividades de informática e serviços relacionados” (14).

Os subsetores de “Pesquisa e desenvolvimento” (15), “Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas” (20) e “Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais” (25) tiveram emprego igual a zero nos dois anos analisados. Já o subsetor de “Serviços domésticos” (24) não empregava pessoa alguma em 2000 passou a empregar em 2015.

Número de subsetores de serviços com emprego maior que zero em 2000: 21

Atividades em que a cidade é mais especializada: “Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos” (3), “Saúde e serviços sociais” (19) e “Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas, comércio a varejo de combustíveis” (1).

Atividades em que a cidade possui maior vantagem competitiva: “Seguros e previdência complementar” (10), “Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar” (11) e “Serviços pessoais” (23).



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da RAIS-IBGE 2000 e 2015.

6.1.2.9 Patos de Minas

Território de Desenvolvimento: Noroeste

Na cidade de Patos de Minas (Gráfico 21) mais da metade (59%) das atividades de serviços encontram-se no Campo das Oportunidades. Os outros 41% estão no Campo dos Desafios.

As atividades dinâmicas para o período foram três: “Comércio por atacado e representantes comerciais e agentes do comércio” (2), “Serviços pessoais” (23), induzidas pelo desenvolvimento, e “Educação” (18), indutora de desenvolvimento. Das dez atividades que tendem ao dinamismo, oito são indutoras de desenvolvimento: “Transporte terrestre” (5), “Atividades anexas de transporte e agências de viagem” (7), “Correio e telecomunicações” (8), “Seguros e previdência complementar” (10), “Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar” (11), “Atividades imobiliárias” (12), “Serviços prestados principalmente as empresas” (16) e “Saúde e serviços sociais” (19).

Um fato relevante é que Patos de Minas foi o único município que apresentou o subsetor de “Atividades recreativas, culturais e desportivas” (22) entre as suas três maiores especializações.

Os subsetores indutores de desenvolvimento que estão em estado de estagnação no município são: “Transporte aéreo” (6) e “Atividades de informática e serviços relacionados” (14).

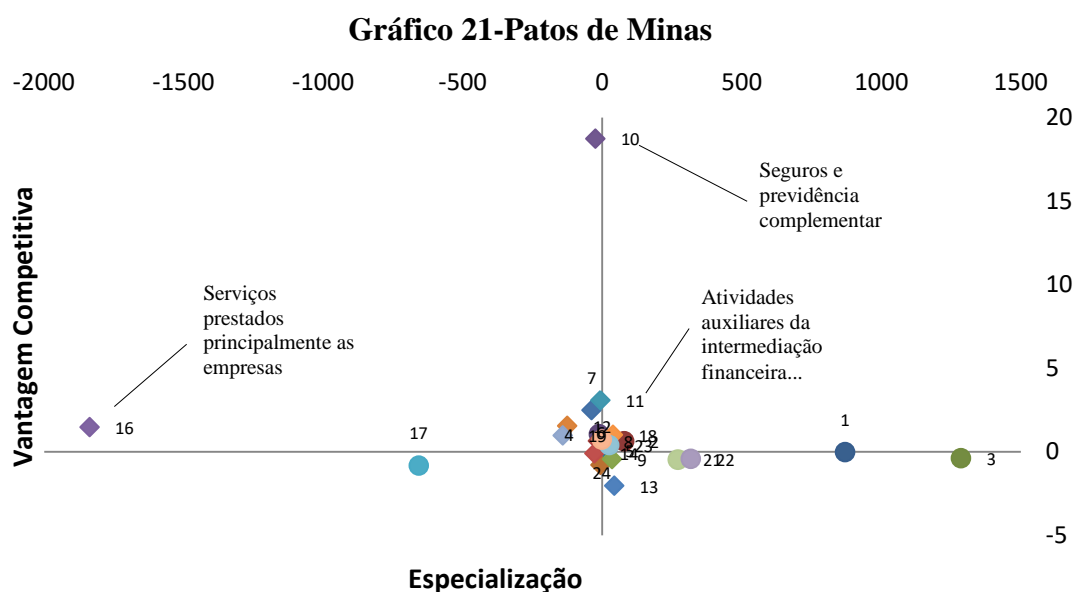
O subsetor de “Pesquisa e desenvolvimento” (15) não existia no município e passou a existir no período analisado. Já os subsetores de “Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas” (20) e “Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais” (25) mantiveram emprego igual a zero durante todo o período.

Número de subsetores de serviços com emprego maior que zero em 2000: 22

Atividades em que a cidade é mais especializada: “Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos” (3), “Comércio e reparação de veículos automotores e

motocicletas, comércio a varejo de combustíveis” (1) e “Atividades recreativas, culturais e desportivas” (22).

Atividades em que a cidade possui maior vantagem competitiva: “Seguros e previdência complementar” (10), “Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar” (11) e “Atividades anexas de transporte e agências de viagem” (7).



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da RAIS-IBGE 2000 e 2015.

6.1.2.10 Montes Claros

Território de Desenvolvimento: Norte

O Campo das Oportunidades de Montes Claros (Gráfico 22) abriga 67% do total de subsetores de serviços; 33% estão no Campo dos Desafios.

O município apresentou sete subsetores dinâmicos. Destes, quatro são induzidos pelo desenvolvimento: “Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas, comércio a varejo de combustíveis” (1), “Comércio por atacado e representantes comerciais e agentes do comércio” (2), “Alojamento e alimentação” (4) e “Serviços pessoais” (23). Os três restantes são indutores do desenvolvimento: “Correio e telecomunicações” (8),

“Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores” (13) e “Saúde e serviços sociais” (19).

Observa-se também que Montes claros é a cidade com maior vantagem competitiva no subsetor de “Pesquisa e desenvolvimento” (15) dentre as cidades analisadas. Além disso há apenas um subsetor em estado de estagnação, sendo ele “Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas” (20), que é tido como induzido pelo desenvolvimento.

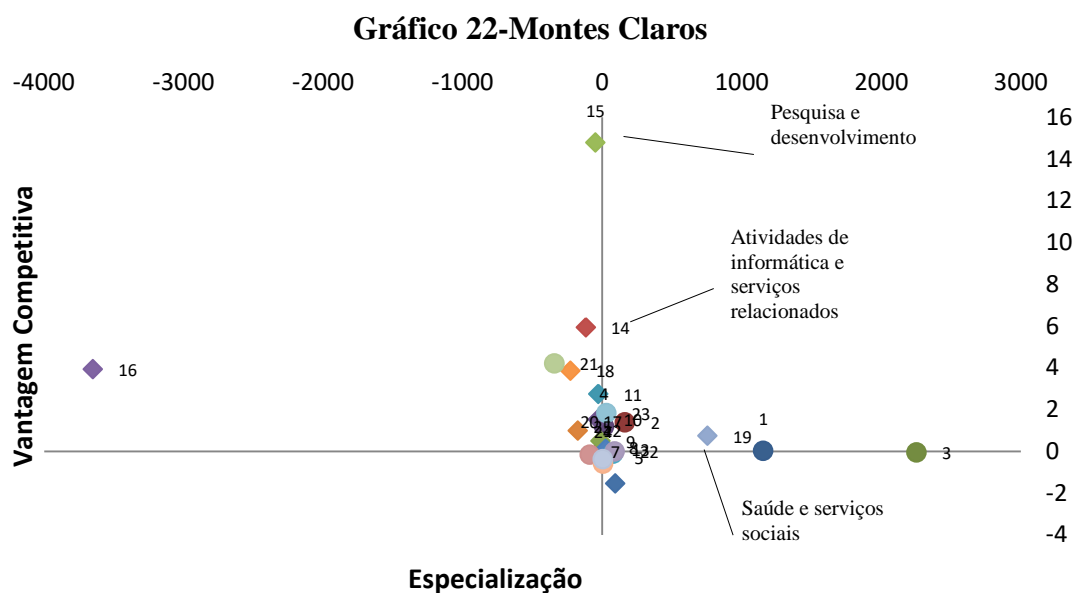
Há dois subsetores indutores de desenvolvimento nos quais o município se especializa sem ter vantagem competitiva, sendo eles “Transporte terrestre” (5) e “Atividades anexas de transporte e agências de viagem” (7).

Montes Claros apresentou emprego nulo no ano de 2000 para o subsetor de “Transporte aéreo”, mas tal atividade passou a existir no município ao longo do período estudado.

Número de subsetores de serviços com emprego maior que zero em 2000: 24

Atividades em que a cidade é mais especializada: “Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos” (3), “Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas, comércio a varejo de combustíveis” (1) e “Saúde e serviços sociais” (19).

Atividades em que a cidade possui maior vantagem competitiva: “Pesquisa e desenvolvimento” (15), “Atividades de informática e serviços relacionados” (14) e “Atividades associativas” (21).



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da RAIS-IBGE 2000 e 2015.

6.1.2.11 Divinópolis

Território de Desenvolvimento: Oeste

O município de Divinópolis (Gráfico 23) apresentou 61% das suas atividades de serviços enquadradas no Campo das Oportunidades, contra 39% enquadradas no Campo dos Desafios.

Nove atividades mostram-se dinâmicas, sendo que destas seis são indutoras de desenvolvimento: “Intermediação financeira” (9), “Seguros e previdência complementar” (10), “Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e” (11), “Atividades imobiliárias” (12), “Atividades de informática e serviços relacionados” (14) e “Saúde e serviços sociais” (19). As atividades dinâmicas induzidas pelo crescimento foram: “Comércio por atacado e representantes comerciais e agentes do comércio” (1), “Atividades recreativas, culturais e desportivas” (22) e “Serviços domésticos”. Já as atividades tendentes ao dinamismo somaram cinco, das quais três são indutoras de desenvolvimento: “Atividades anexas de transporte e agências de viagem” (7), “Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores” (13) e “Serviços prestados principalmente as empresas” (16).

Um fato relevante é que Divinópolis foi, para o período, o município com maior vantagem competitiva no subsetor de “Atividades anexas de transporte e agências de viagem” (7) dentre as demais localidades analisadas.

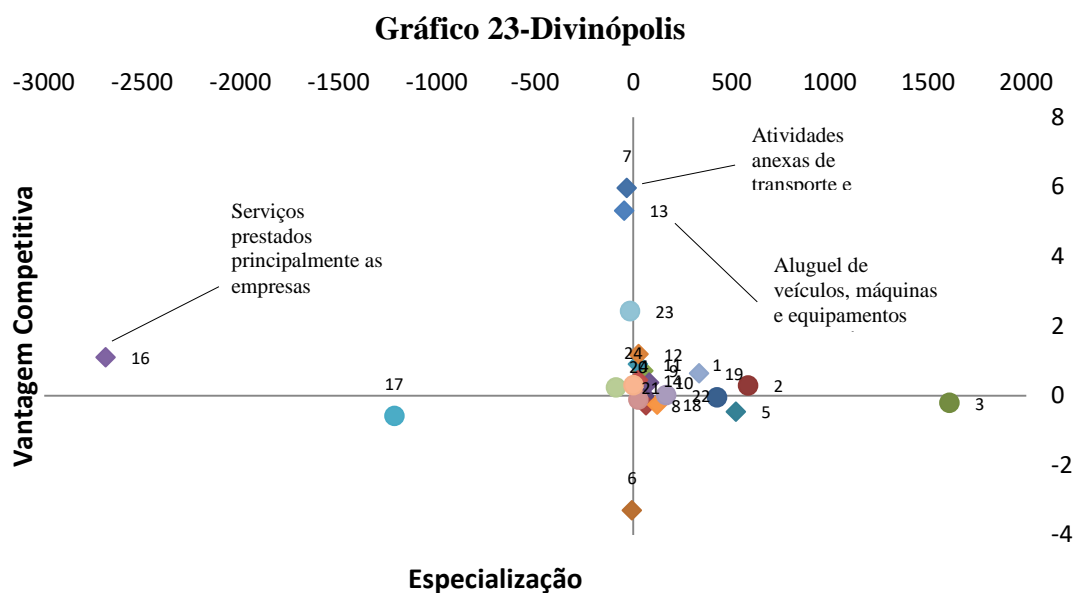
Dois subsetores apareceram em estado de estagnação na cidade, sendo que o subsetor de “Transporte aéreo” (6) reúne as atividades indutoras de desenvolvimento com menor dinamismo em Divinópolis.

Os subsetores de “Pesquisa e desenvolvimento” (15) e de “Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais” (25) tiveram emprego nulo nos dois anos analisados, possuindo crescimento zero no período.

Número de subsetores de serviços com emprego maior que zero em 2000: 23

Atividades em que a cidade é mais especializada: “Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos” (3), “Comércio por atacado e representantes comerciais e agentes do comércio” (2) e “Transporte terrestre” (5).

Atividades em que a cidade possui maior vantagem competitiva: “Atividades anexas de transporte e agências de viagem” (7), “Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores” (13) e “Serviços pessoais” (23).



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da RAIS-IBGE 2000 e 2015.

6.1.2.12 Passos

Território de Desenvolvimento: Sudoeste

A cidade de Passos (Gráfico 24) teve a seguinte distribuição de suas atividades econômicas em termos de dinamismo para o período: 52% no Campo das Oportunidades e 48% no Campo dos Desafios.

As atividades dinâmicas somaram um total de quatro sendo elas “Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas, comércio a varejo de combustíveis” (1), “Comércio por atacado e representantes comerciais e agentes do comércio” (2), “Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos” (3), induzidas pelo desenvolvimento econômico e “Saúde e serviços sociais”, indutoras de desenvolvimento. No outro quadrante do Campo das Oportunidades temos que todas as sete atividades que tendem ao dinamismo em Passos são indutoras de desenvolvimento, sendo elas: “Transporte terrestre” (5), “Atividades anexas de transporte e agências de viagem” (7), “Correio e telecomunicações” (8), “Seguros e previdência complementar” (10), “Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar” (11), “Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores” (13), “Serviços prestados principalmente as empresas” (16).

É possível notar que em 38% de seus subsetores, Passos está especializada sem possuir vantagem competitiva em relação ao estado de Minas Gerais.

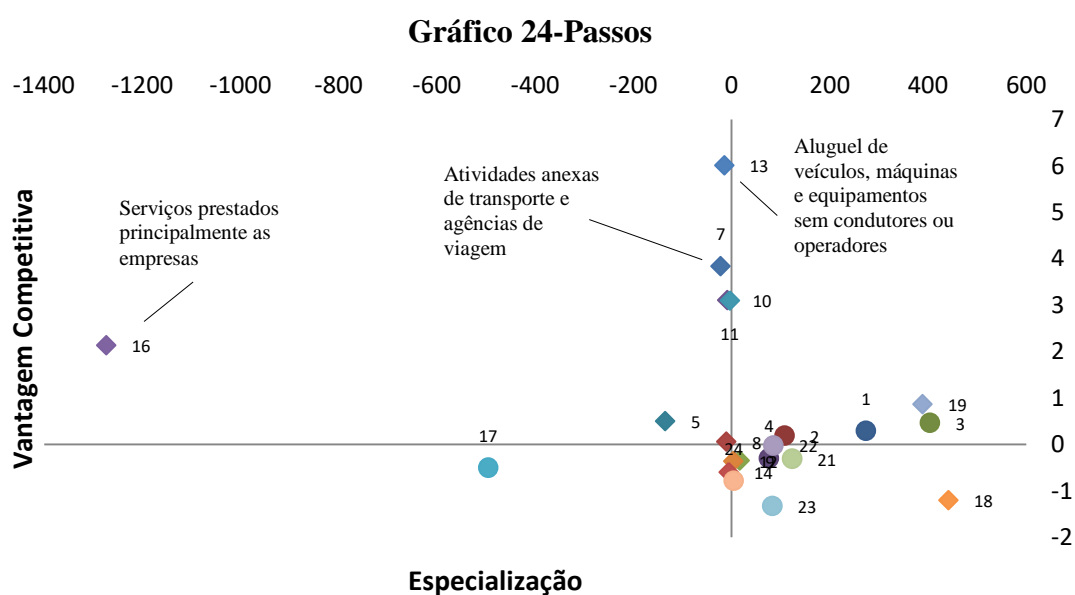
Os serviços indutores de desenvolvimento que apresentaram os menores níveis de dinamismo na cidade estão dentro do subsetor de “Atividades de informática e serviços relacionados” (14).

Por fim, quatro subsetores de serviços apresentaram emprego zero tanto em 2000 quanto em 2015, sendo eles: “Transporte aéreo” (6), “Pesquisa e desenvolvimento” (15), “Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas” (20) e “Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais” (25).

Número de subsetores de serviços com emprego maior que zero em 2000: 21

Atividades em que a cidade é mais especializada: “Educação” (18), “Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos” (3) e “Saúde e serviços sociais” (19).

Atividades em que a cidade possui maior vantagem competitiva: “Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores” (13), “Atividades anexas de transporte e agências de viagem” (7) e “Seguros e previdência complementar” (10).



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da RAIS-IBGE 2000 e 2015.

6.1.2.13 Varginha

Território de Desenvolvimento: Sul

Na cidade de Varginha (Gráfico 25) 43% dos subsetores de serviços ficaram no Campo das Oportunidades e 57% no Campo dos Desafios.

Das cinco atividades dinâmicas, duas são indutoras de desenvolvimento: “Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar” (11) e “Educação” (18); e três são induzidas pelo desenvolvimento: “Comércio por atacado e representantes comerciais e agentes do comércio” (2), “Atividades associativas” (21) e “Atividades recreativas, culturais e desportivas” (22). As atividades que tendem ao dinamismo também somam, sendo que três são indutoras de desenvolvimento: “Transporte terrestre” (5), “Seguros e previdência complementar” (10) e “Serviços prestados principalmente as empresas” (16).

Em 35% de suas atividades econômicas o município de Varginha está especializado sem possuir vantagem competitiva.

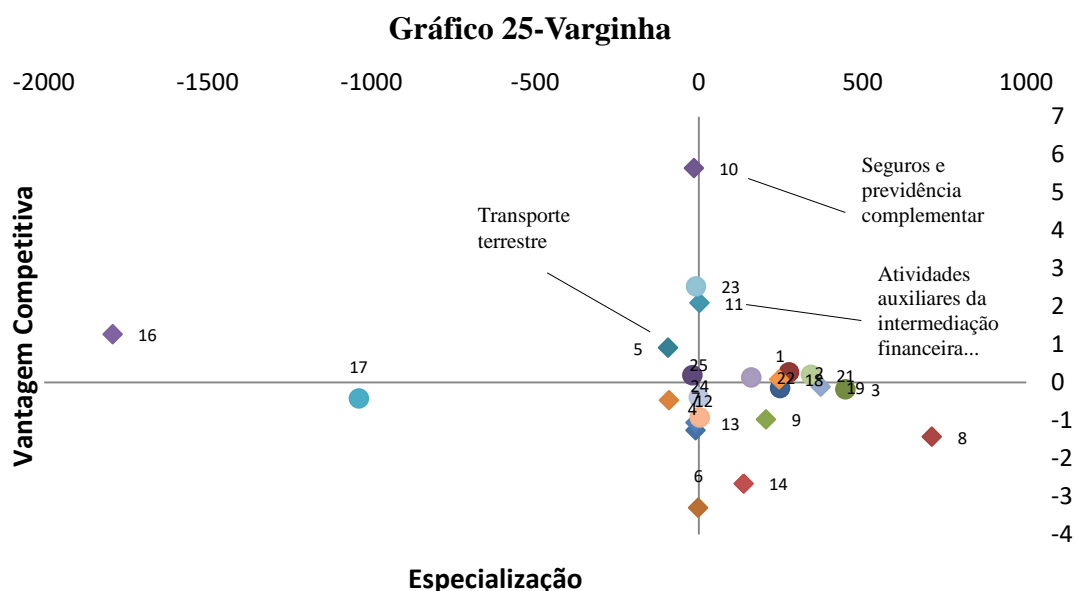
Quatro subsetores indutores de desenvolvimento encontram-se em estado de estagnação: “Transporte aéreo” (6), “Atividades anexas de transporte e agências de viagem” (7), “Atividades imobiliárias” (12) e “Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores”.

Dois subsetores de serviços apresentaram emprego nulo em 2000 e em 2015: “Pesquisa e desenvolvimento” (15) e “Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas” (20). Outro fato importante é que as atividades dos subsetores de “Transporte aéreo” (6) e “Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais” (25) desapareceram no município ao longo do período abordado.

Número de subsetores de serviços com emprego maior que zero em 2000: 23

Atividades em que a cidade é mais especializada: “Correio e telecomunicações” (8), “Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos” (3) e “Saúde e serviços sociais” (19).

Atividades em que a cidade possui maior vantagem competitiva: “Seguros e previdência complementar” (10), “Serviços pessoais” (23) e “Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar” (11).



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da RAIS-IBGE 2000 e 2015.

6.1.2.14 Uberaba

Território de Desenvolvimento: Triângulo do Sul

A cidade de Uberaba (Gráfico 26) obteve 54% de seus subsetores de serviços no Campo das Oportunidades e 46% no Campo dos Desafios.

Quatro atividades dinâmicas apareceram no período. Duas delas são indutoras de desenvolvimento: “Atividades imobiliárias” (12) e “Educação” (18); enquanto as outras duas são induzidas pelo desenvolvimento: “Alojamento e alimentação” (4) e “Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas” (20). A maior parte (70%) das atividades do Campo das Oportunidades de Uberaba está no quadrante II, que comporta as atividades que tendem ao dinamismo. Destas, sete são indutoras de desenvolvimento: “Transporte terrestre” (5), “Transporte aéreo” (6), “Seguros e previdência complementar” (10), “Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar” (11), “Pesquisa e desenvolvimento” (15), “Serviços prestados principalmente as empresas” (16) e “Saúde e serviços sociais” (19).

Quase 40 % dos subsetores de Uberaba tendem à estagnação por não terem vantagem competitiva em relação ao estado de Minas Gerais. Destes, 40% são subsetores indutores de desenvolvimento, a saber: “Atividades anexas de transporte e agências de viagem” (7), “Correio e telecomunicações” (8), “Intermediação financeira” (9) e “Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores” (13).

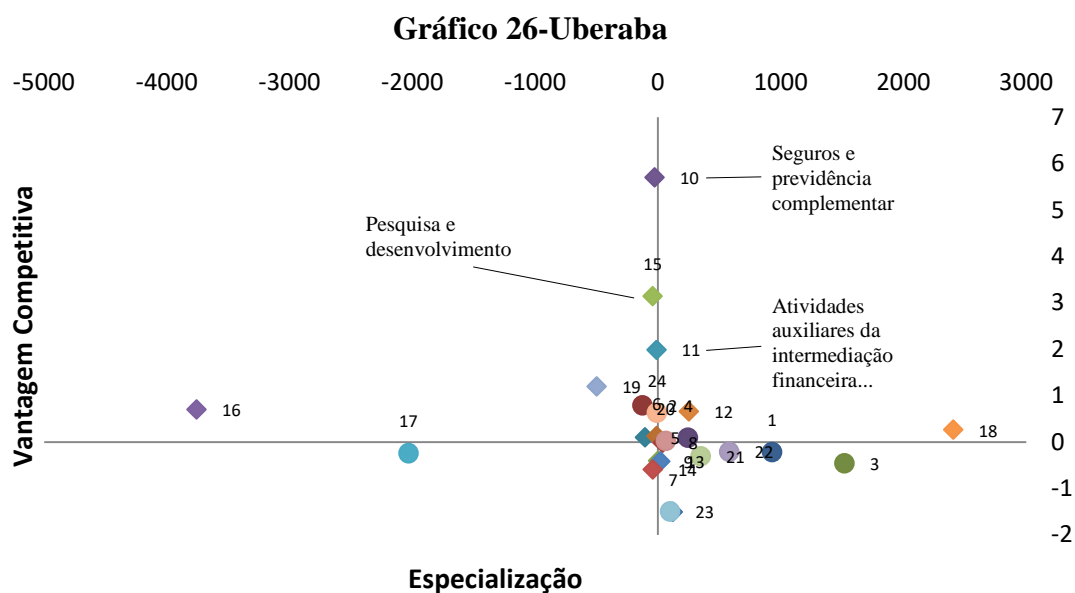
Uberaba apresentou apenas dois subsetores em estado de estagnação, sendo que o subsetor de “Atividades de informática e serviços relacionados” (14) corresponde ao grupo de atividades estagnadas que induzem o desenvolvimento na cidade.

O subsetor de “Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais” (25) não foi contabilizado na análise por ter tido emprego igual a zero no ano de 2000. Entretanto, ao longo do período de quinze anos cinco pessoas foram empregadas neste setor.

Número de subsetores de serviços com emprego maior que zero em 2000: 24

Atividades em que a cidade é mais especializada: “Educação” (18), “Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos” (3) e “Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas, comércio a varejo de combustíveis” (1).

Atividades em que a cidade possui maior vantagem competitiva: “Seguros e previdência complementar” (10), “Pesquisa e desenvolvimento” (15) e “Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar” (11).



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da RAIS-IBGE 2000 e 2015.

6.1.2.15 Uberlândia

Território de Desenvolvimento: Triângulo Norte

Uberlândia (Gráfico 27) apresentou maior porcentagem de seus subsetores de serviços no Campo das Oportunidades, contabilizando 75% do total. Em contrapartida, 25% dos subsetores estão no Campo dos Desafios. Isso expressa níveis elevados de dinamismo para o setor terciário do município, quando em comparação aos demais. Uma possível explicação para esse fato pode ser a proximidade da cidade com o estado de São Paulo e o fato desta ter uma economia que cresceu consideravelmente com agronegócio.

. Desses, oito são atividades indutoras de desenvolvimento: “Transporte terrestre” (5), “Transporte aéreo” (6), “Atividades anexas de transporte e agências de viagem” (7), “Correio e telecomunicações” (8), “Intermediação financeira” (9), “Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar” (11), “Atividades imobiliárias” (12) e “Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores” (13). Os outros quatro subsetores dinâmicos são induzidos pelo desenvolvimento: “Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas, comércio a varejo de combustíveis” (1), “Alojamento e alimentação” (4), “Atividades associativas” (21) e “Atividades recreativas, culturais e desportivas” (22). Nos subsetores tendentes ao dinamismo

também predominam os indutores de desenvolvimento, sendo eles: “Seguros e previdência complementar” (10), “Atividades de informática e serviços relacionados” (14), “Serviços prestados principalmente as empresas” (16), “Educação”(18) e “Saúde e serviços sociais” (19).

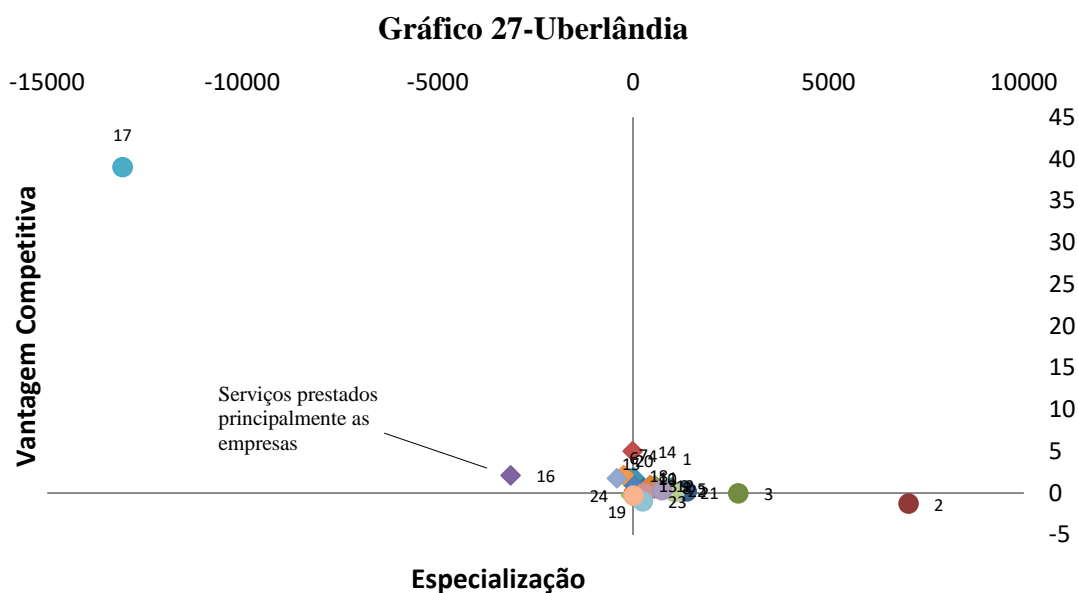
O único subsetor em estado de estagnação no município é indutor de desenvolvimento, sendo ele o subsetor de “Pesquisa e desenvolvimento” (15).

Além disso, como em boa parte das cidades analisadas o subsetor de “Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais” (25) possuía emprego zero em 2000 e passou a empregar uma pessoa ao longo do período até 2015.

Número de subsetores de serviços com emprego maior que zero em 2000: 24

Atividades em que a cidade é mais especializada: “Comércio por atacado e representantes comerciais e agentes do comércio” (2), “Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos” (3), “Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas, comércio a varejo de combustíveis” (1).

Atividades em que a cidade possui maior vantagem competitiva: “Administração pública, defesa e seguridade social” (17), “Atividades de informática e serviços relacionados” (14) e “Educação” (18).



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da RAIS-IBGE 2000 e 2015.

6.1.2.16 Ipatinga

Território de Desenvolvimento: Vale do Aço

Mais da metade (55%) dos subsetores terciários de Ipatinga (Gráfico 28) estão no Campo das Oportunidades, enquanto 45% encontram-se no Campo dos Desafios.

Para o município quatro atividades mostraram-se dinâmicas, sendo elas: “Alojamento e alimentação” (4) e “Atividades recreativas, culturais e desportivas” (22), induzidas pelo desenvolvimento, e “Educação” (18) e “Saúde e serviços sociais” (19), indutoras de desenvolvimento. Todos subsetores tendentes ao dinamismo, exceto “Serviços Domésticos” (24) são indutores de desenvolvimento sendo eles: “Transporte terrestre” (5), “Atividades anexas de transporte e agências de viagem” (7), “Correio e telecomunicações” (8), “Intermediação financeira” (9), “Atividades imobiliárias” (12), “Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores” (13) e “Atividades de informática e serviços relacionados” (14).

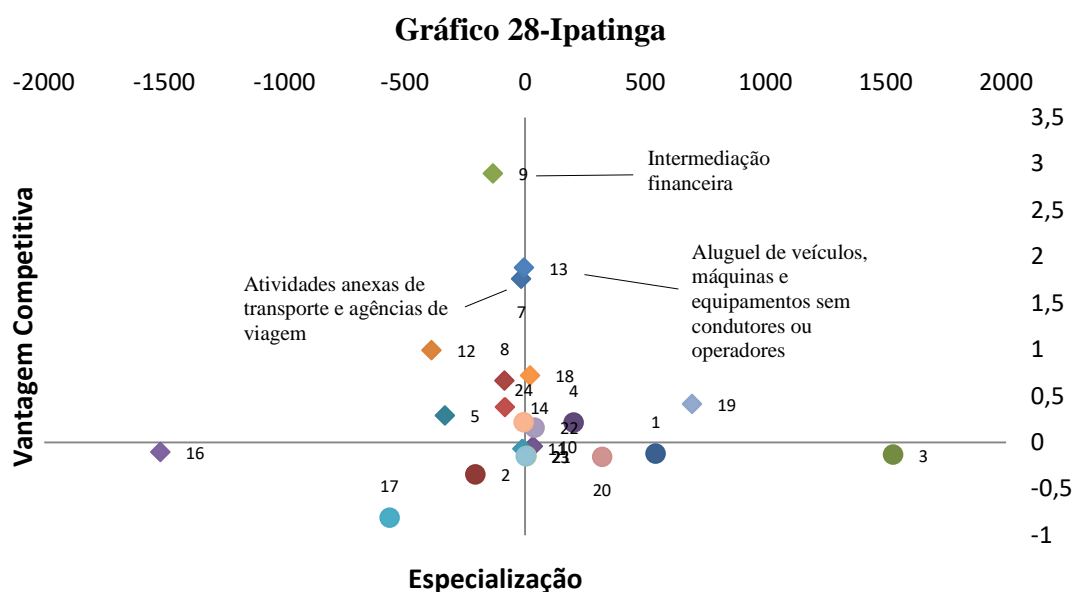
Os subsetores indutores de desenvolvimento que não possuem nem vantagem competitiva nem especialização no município são: “Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar” (11) e “Serviços prestados principalmente as empresas” (16).

Os subsetores de “Transporte aéreo” (6), “Pesquisa e desenvolvimento” (15) e “Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais” (25) tiveram emprego zero para 2000 e 2015.

Número de subsetores de serviços com emprego maior que zero em 2000: 22

Atividades em que a cidade é mais especializada: “Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos” (3), “Saúde e serviços sociais” (19) e “Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas, comércio a varejo de combustíveis” (1).

Atividades em que a cidade possui maior vantagem competitiva: “Intermediação financeira” (9), “Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores” (13) e “Atividades anexas de transporte e agências de viagem” (7).



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da RAIS-IBGE 2000 e 2015.

6.1.2.17 Governador Valadares

Território de Desenvolvimento: Vale do Rio Doce

Governador Valadares (Gráfico 29) apresentou a seguinte distribuição de seus subsetores de serviços: 48% no Campo das Oportunidades e 52% no Campo dos Desafios.

Seis subsetores comportaram-se como dinâmicos no período sendo eles indutores de desenvolvimento: “Correio e telecomunicações” (8), “Seguros e previdência complementar” (10), “Educação” (18); e induzidos pelo desenvolvimento: “Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas, comércio a varejo de combustíveis” (1), “Comércio por atacado e representantes comerciais e agentes do comércio” (2) e “Atividades recreativas, culturais e desportivas” (22). Das cinco atividades tendentes ao dinamismo, duas são indutoras de desenvolvimento: “Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar” (11) e “Serviços prestados principalmente as empresas” (16).

É interessante notar que a cidade de Governador Valadares possui a maior vantagem competitiva para o subsetor de “Serviços domésticos” (24) dentre as demais cidades analisadas.

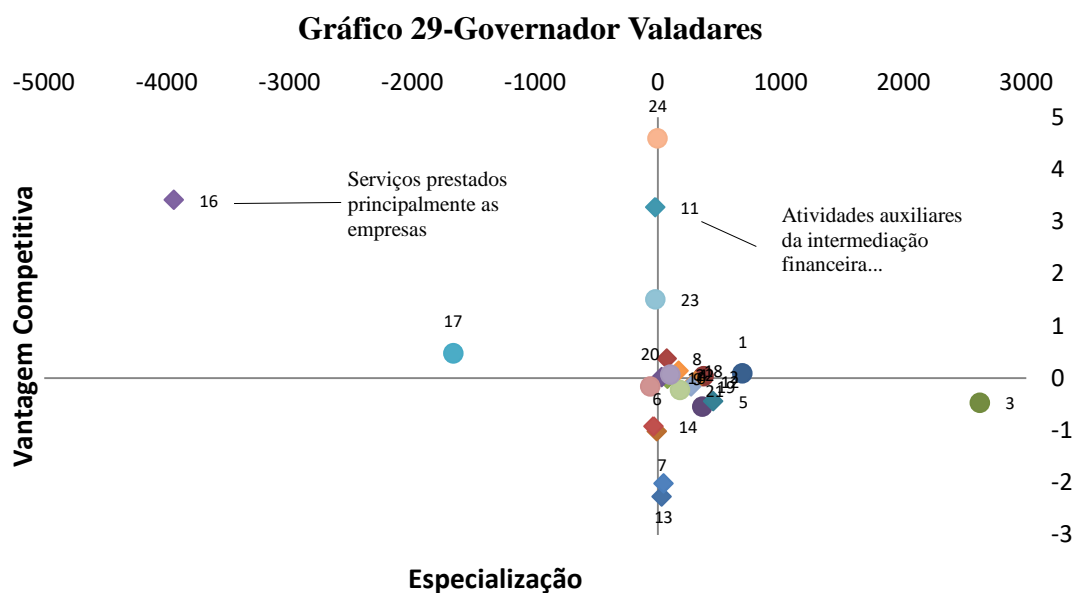
Duas atividades capazes de induzir desenvolvimento estiveram em estado de estagnação no município: “Transporte aéreo” (6) e “Atividades de informática e serviços relacionados” (14).

Os subsetores de “Pesquisa e desenvolvimento” (15) e “Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais” (25) obtiveram emprego nulo para os dois anos. Já o subsetor de “Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas” deixou de existir no município.

Número de subsetores de serviços com emprego maior que zero em 2000: 23

Atividades em que a cidade é mais especializada: “Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos” (3), “Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas, comércio a varejo de combustíveis” (1) e “Transporte terrestre” (5).

Atividades em que a cidade possui maior vantagem competitiva: “Serviços domésticos” (24), “Serviços prestados principalmente as empresas” (16) e “Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar” (11).



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da RAIS-IBGE 2000 e 2015.

6.1.2.18 Barbacena

Território de Desenvolvimento: Vertentes

Em Barbacena (Gráfico 30), 53% dos subsetores de serviços encontram-se no Campo das Oportunidades enquanto 48% estão no Campo dos Desafios.

Só um subsetor se mostrou dinâmico no município, sendo ele induzido pelo desenvolvimento: “Atividades associativas” (21). Já dos dez subsetores que tendem ao dinamismo, oito são indutoras de desenvolvimento: “Transporte terrestre” (5), “Correio e telecomunicações” (8), “Intermediação financeira” (9), “Seguros e previdência complementar” (10), “Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar” (11), “Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores” (13), “Atividades de informática e serviços relacionados” (14) e “Serviços prestados principalmente as empresas” (16).

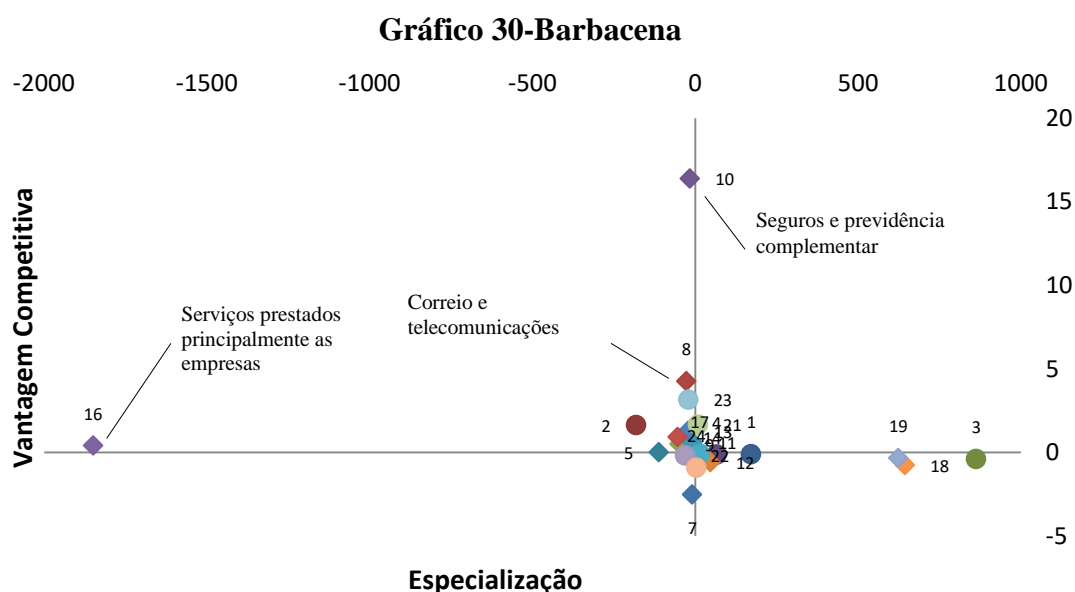
O subsetor indutor de desenvolvimento que se encontra em estado de estagnação no município é o de “Atividades anexas de transporte e agências de viagem” (7).

Barbacena teve emprego nulo nos subsetores de “Transporte aéreo” (6), “Pesquisa e desenvolvimento” (15), “Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas” (20) e “Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais” (25).

Número de subsetores de serviços com emprego maior que zero em 2000: 21

Atividades em que a cidade é mais especializada: “Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos” (3), “Educação” (18) e “Saúde e serviços sociais” (19).

Atividades em que a cidade possui maior vantagem competitiva: “Seguros e previdência complementar” (10), “Correio e telecomunicações” (8) e “Serviços pessoais” (23).



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da RAIS-IBGE 2000 e 2015.

6.1.2.19 Análise Geral dos resultados municipais

O número de pessoas empregadas em serviços é um indicador importante para este setor, diante da sua natureza relacional e da necessidade de mão de obra que suas atividades possuem para serem desempenhadas (muitas funções de serviços ainda não conseguem ser totalmente automatizadas ou substituídas por máquinas, havendo dependência da interação humana). A partir de dados de emprego foi possível analisar o comportamento

das atividades terciárias em Minas Gerais, sendo possível analisar seu dinamismo ou estagnação a partir da observação de seu crescimento dentro do município e em Minas Gerais. As principais considerações a respeito desta análise são feitas a seguir.

De maneira geral é possível perceber que o subsetor de “Saúde e serviços sociais” (19) é o subsetor indutor de desenvolvimento que mais aparece no Campo das Oportunidades dos municípios analisados. Essa atividade aparece como dinâmica em 47 % dos municípios (Diamantina, Curvelo, Juiz de Fora, Almenara, Teófilo Otoni, Divinópolis, Passos e Ipatinga), como tendente ao dinamismo em 24% dos municípios (Patos de Minas, Montes Claros, Uberaba e Uberlândia) e está entre as três atividades de maior especialização em 53% dos municípios (Diamantina, Ponte Nova, Curvelo, Teófilo Otoni, Montes claros, Passos, Varginha, Ipatinga e Barbacena). Este subsetor é composto por classes como atividades veterinárias, atendimento hospitalar, apoio à gestão de saúde, serviços de assistência social, dentre outros. Dada a relevância de tais atividades para a vida nos centros urbanos é de se esperar que sejam desenvolvidas nas cidades analisadas, já que estas ocupam maior hierarquia urbana nos territórios de desenvolvimento dos quais fazem parte. Ainda sim, seu crescimento e dinamismo foram expressivos em boa parte dos locais abordados, de maneira que não esteve no quadrante do “estado de estagnação” em nenhum município. Uma das principais explicações que podem ser aqui propostas é a expansão da demanda por serviços de planos de saúde experimentada no período analisado diante do aumento do setor formal de empregos (trabalhadores com renda capaz de financiar esse tipo de serviço ou oferta de planos de saúde por parte dos empregadores)⁷. Também pode ser apontada como explicação, a reestruturação do Sistema Único de Saúde (SUS) que se deu no período.

Outros subsetores que induzem ao desenvolvimento econômico destacaram-se nos municípios analisados. O subsetor de “Educação” (18), composto por atividades como ensino de idiomas, cursos profissionalizantes, ensino médio e educação superior, foi classificado como dinâmico ou tendente ao dinamismo em 53% dos municípios, figurando entre as três atividades de maior especialização em Patos de Minas, Uberaba e Barbacena, e entre as três atividades de maior vantagem competitiva em Diamantina, Juiz de Fora,

⁷ Andrade e Maia (2006) apontam que a renda per capita familiar é fator preponderante na demanda por planos de saúde. Para aprofundamento na questão sobre a demanda por planos de saúde no Brasil ver: Andrade, M.V.; Maia, A.C. 2006. **Demanda por planos de saúde no Brasil**. XXXIV Encontro Nacional de Economia, ANPEC, Salvador, 2006. Disponível em: <http://ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/15_Cap08.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2016.

Almenara e Uberlândia. Todas essas cidades abrigam sedes de Centros Universitários, e puderam ter crescimento alavancado neste subsetor em grande medida devido a investimentos em educação superior realizados pelo governo federal no período do ano 2000 em diante, a partir da implementação de programas de democratização do acesso ao ensino superior, financiamento estudantil e ampliação bruta de vagas em Universidades⁸. O subsetor de “Atividades Imobiliárias” (12), formado atividades paisagísticas, gestão de propriedade imobiliária, intermediação de venda e compra/aluguel de imóveis, dentre outras, também teve relevância quanto ao seu dinamismo, estando no Campo das Oportunidades em 53% das cidades, figurando entre as maiores vantagens competitivas dos municípios de Belo Horizonte e Curvelo. O subsetor de “Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar” (11), cuja composição está em serviços como corretores de agentes de seguros, planos de previdência complementar e saúde, avaliação de riscos e perdas, dentre outros também revelou dinamismo importante nas cidades analisadas. Delas, 71% tiveram esse subsetor como dinâmico ou tendente ao dinamismo e 47% apresentaram-no entre as suas três maiores vantagens competitivas. Por fim, o subsetor de “Transporte Terrestre” (5), que condensa atividades como transporte ferroviário de cargas, transporte escolar, trens turístico e similares, transporte com táxis, etc., também foi dinâmico ou tendente ao dinamismo em 53% dos municípios, tendo uma das três maiores especializações de Juiz de Fora e de Governador Valadares, bem como uma das três maiores vantagens competitivas de Ponte Nova. Uma razão para o destaque desse tipo de serviço no dinamismo das cidades analisadas é o crescimento na frota de veículos que ocorreu no período estudado, fruto do crescimento econômico do período (segundo estudo⁹ do Observatório das Metrôpoles a frota de veículos automotores no Brasil cresceu 138,6% entre os anos de 2001 e 2012). A questão que levaria ao aumento dos serviços do subsetor de transporte terrestre é que partir do aumento da frota de veículos, também haveria o aumento na demanda por serviços a eles relacionados.

⁸ Ver: AGUIAR, Vilma. Um balanço das políticas do governo Lula para a educação superior: continuidade e ruptura. **Rev. Sociol. Polit.**, v. 24, n. 57, p. 113-126, mar. 2016. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v24n57/0104-4478-rsocp-24-57-0113.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2016.

⁹ Ver: OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES. **Evolução da Frota de Automóveis e Motos no Brasil 2001 – 2012**. (Observatório das Metrôpoles. Relatório 2013) Rio de Janeiro, out. 2013. Disponível em:< http://www.observatoriodasmetrololes.net/download/auto_motoc2013.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2016.

Outra atividade que se mostrou relevante nos municípios analisados está nos subsetores de comércio (1,2 e 3), que abrigam classes econômicas como comércio varejista e atacadista de toda sorte de produtos e atividades correlatas. Aproximadamente 65% dos municípios tiveram pelo menos um subsetor de comércio como dinâmico ao longo do período e 94% dos municípios (todos exceto Belo Horizonte) tiveram atividades de comércio entre as suas três maiores especializações. No total de Minas Gerais as atividades de comércio também apresentaram taxas importantes de crescimento, com um incremento médio de 121,14% entre 2000 e 2015. É pertinente colocar que os subsetores de comércio são classificados como induzidos pelo desenvolvimento, uma vez que se instalariam nos municípios apenas quando este tivesse atingido níveis de crescimento econômico, mercado consumidor e infraestrutura urbana capazes de sustentar a prática destas atividades. Elas apareceriam então, como um reflexo do desenvolvimento econômico. Ainda assim, a especialização ou o dinamismo em atividades de comércio não é indicador absoluto do desenvolvimento terciário no município, uma vez que estas atividades tiveram destaque em praticamente todos os municípios, independente destes terem diferentes níveis de capacidade produtiva e geração de riqueza.

Percebe-se também que os subsetores indutores de desenvolvimento que menos se destacaram no conjunto total das cidades analisadas foram “Transporte aéreo” (6), composto por transporte aéreo de passageiros e cargas e transporte espacial (transporte de veículos no espaço), e “Pesquisa e desenvolvimento” (15), formado por atividades experimentais em ciências físicas, naturais, sociais e humanas. 47% dos municípios apresentaram emprego nulo para o subsetor de transporte aéreo em 2000 e 29% teve valores negativos para o crescimento dessas atividades, incluindo centros urbanos de grande porte como Belo Horizonte e Juiz de Fora. Também é importante salientar que as atividades de transporte aéreo são extremamente sensíveis a oscilações econômicas, já que por vezes são tidas como serviços de consumo não essencial ou até supérfluo, fazendo com que sua demanda seja eliminada quando colocada em competição com outras prioritárias para o consumidor. Neste caminho, as atividades de pesquisa e desenvolvimento tiveram crescimento ainda menor no período de 2000 a 2015, tendo emprego nulo em 71% das cidades e crescimento negativo em duas cidades (nestas atividades a cidade Montes Claros se destacou, apresentando a maior especialização do grupo de municípios). Observa-se que os subsetores relatados anteriormente requerem certos níveis infraestrutura, mão de obra especializada e qualificada, bem como de capacidade tecnológica instalada para que possam

ser praticadas, exigências que podem colocar (e colocam) alguns municípios à margem do dinamismo nestes setores.

Já os serviços induzidos pelo desenvolvimento que frequentemente figuraram entre os menores dinamismos das cidades são as atividades de “Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas” (20), nas quais estão inclusas a gestão de redes de esgoto, manuseio de resíduos não perigosos, descontaminação e serviços correlatos e “Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais” (25), que diz respeito a atividades de organizações e instituições internacionais.

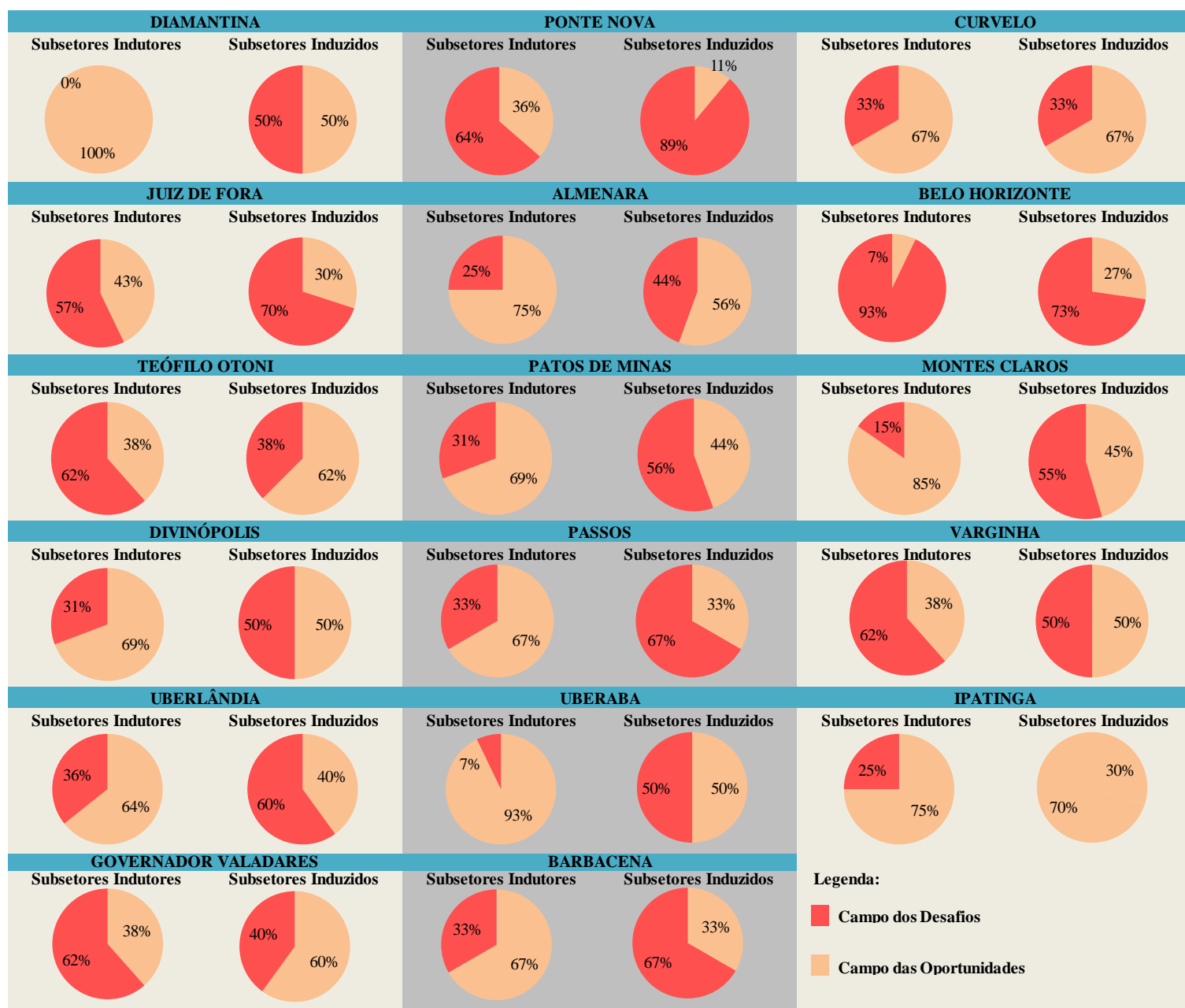
A grande participação da Administração Pública nos níveis de emprego dos municípios por vezes é indicador de dependência da economia local em relação a essa atividade. Dentre as cidades analisadas nota-se que o subsetor de “Administração pública, defesa e seguridade social” (17), composto por atividades de justiça, defesa, seguridade social obrigatória, relações exteriores e outras atividades governamentais, não figurou com frequência entre os mais dinâmicos, porém, teve maior dinamismo em cidades pertencentes a regiões que historicamente concentram indicadores socioeconômicos menores, sendo estas, Diamantina (pertencente ao Território “Alto Jequitinhonha”) e Almenara (pertencente ao Território “Médio e Baixo Jequitinhonha”). Entretanto, há de se destacar que parte das atividades do setor público não se encontra no subsetor de Administração Pública, sendo incluída nos subsetores de Saúde e Educação e representando peso expressivo nas atividades dessas categorias de serviços. Um fato interessante é que o município de Belo Horizonte, mesmo sendo a capital administrativa do estado não tem a Administração Pública dentre as três maiores especializações da cidade, o que significa que há outras atividades mais especializadas.

Comportamento peculiar quanto ao dinamismo dos serviços foi demonstrado pela cidade de Belo Horizonte que demonstrou baixos níveis de dinamismo de suas atividades, não possuindo nenhum subsetor classificado como dinâmico no período de 2000 a 2015. A hipótese é que esta cidade, por concentrar a maior parte da mão de obra de serviços dentre os municípios do estado, acaba por apresentar taxas de crescimento do emprego cada vez menores, já que, estas, para serem expressivas na cidade requerem um incremento elevado no número de pessoas empregadas, em comparação com as demais localidades. Os municípios que mais apresentaram subsetores dinâmicos foram Montes Claros (sete), Curvelo

(oito), Divinópolis (nove) e Uberlândia (doze). Tais cidades revelam assim, o acontecimento de uma expansão expressiva de seu setor de serviços no período de 2000 a 2015, o que pode ser indicativo positivo para a evolução terciária dessas economias. Outra consideração importante sobre os municípios analisados é que cidades localizadas em regiões mais ao norte do estado (Noroeste, Norte, Médio e Baixo Jequitinhonha e Mucuri) tiveram suas atividades dinâmicas concentradas nos subsetores de comércio: Patos de Minas (Noroeste) apresentou dinamismo em subsetores de comércio e atividades esportivas e recreativas, Montes Claros (Norte) foi dinâmica apenas em atividades de comércio e saúde, Almenara (Médio e Baixo Jequitinhonha) apresentou dinamismo em comércio, saúde e administração pública, e por fim, Teófilo Otoni (Mucuri) foi dinâmico em atividades de comércio e saúde.

A seguir, Figura 4 apresenta de forma esquemática a composição dos subsetores indutores de desenvolvimento e induzidos pelo desenvolvimento em cada município, a partir da análise do dinamismo do setor de serviços feita anteriormente.

Figura 4: Composição dos Subsetores Indutores e Induzidos pelo Desenvolvimento, por Cidade Analisada, conforme análise do dinamismo econômico no período de 2000 a 2015.



Fonte: Elaboração própria conforme análise dos dados da RAIS 2000 e 2015.

Percebe-se que em onze cidades (64,7% do total) os subsetores indutores de desenvolvimento estiveram mais presentes no Campo das Oportunidades que no Campo dos Desafios, com destaque para a cidade de Diamantina onde todos os subsetores indutores estiveram no Campo das Oportunidades e para as cidades de Montes Claros, Uberaba, Almenara e Ipatinga, onde, respectivamente, 85%, 93%, 75% e 75% dos subsetores indutores de desenvolvimento tiveram expressivas taxas de dinamismo, ficando no Campo das Oportunidades. Esse fato mostra que, no geral, os municípios que são polos urbanos nos territórios de desenvolvimento de Minas Gerais possuem vantagem competitiva nas atividades terciárias indutoras de desenvolvimento que praticam, devendo ou elevar suas taxas de especialização (para as atividades tendentes ao dinamismo) ou aproveitar as oportunidades de crescimento econômico (para as atividades dinâmicas). Algumas cidades que destoam deste padrão são Belo Horizonte e Ponte Nova, que apresentaram, nesta ordem, 93% e 64% de suas atividades indutoras de desenvolvimento no Campo dos Desafios. Como já apontado anteriormente, a cidade de Belo Horizonte apresentou taxas negativas de crescimento dos serviços quando são analisados os valores de emprego de 2000 e 2015, motivo pelo qual seu dinamismo mostrou-se abaixo do verificado nas demais cidades analisadas.

Já quanto aos subsetores induzidos pelo desenvolvimento, percebe-se que em nove municípios (52,9% do total) estas atividades estiveram majoritariamente no Campo dos Desafios, indicando que suas taxas de crescimento no período de 2000 a 2015 não foram suficientes para conferir aos locais em que são praticadas vantagem competitiva dentro do estado de Minas. Alguns municípios com estas características se destacam como Ponte Nova, Belo Horizonte, Juiz de Fora e Ipatinga que tiveram, respectivamente, 89%, 73%, 70%, 70% dos seus subsetores induzidos no Campo dos Desafios. Outras cidades como Diamantina, Divinópolis e Varginha tiveram a mesma porcentagem de subsetores induzidos no Campo das Oportunidades e no Campo dos Desafios (50%).

Ao fim da análise geral dos municípios tem-se que a maior parte das cidades polos regionais de Minas Gerais cresceram seus subsetores indutores de desenvolvimento a níveis superiores aos do estado nos quinze primeiros anos do século XXI, enquanto seus subsetores induzidos pelo desenvolvimento apresentaram baixo dinamismo.

7 Considerações Finais

Os serviços compõem parte importante do crescimento econômico mineiro e evoluíram expressivamente a mão de obra total empregada no estado (crescimento de 87,88%), conferindo a Minas Gerais certos níveis gerais de dinamismo em atividades terciárias, no período de 2000 a 2015.

Dentro da análise Diferencial Estrutural os municípios que apresentaram maiores níveis gerais de dinamismo em serviços foram Diamantina e Uberlândia, que concentraram também elevadas taxas de crescimento do emprego terciário, bem como da participação deste no emprego do setor de serviços de Minas Gerais. Já Belo Horizonte apresentou as menores taxas de dinamismo dentre os municípios analisados, em grande medida, devido à perda de participação do emprego de serviços belo-horizontino em relação ao total do estado, sendo somado a isso, o baixo crescimento do emprego terciário da cidade. Esse fato chama a atenção ao serem esperadas para a capital mineira maiores taxas de crescimento no setor de serviços. Uma hipótese que foi feita para a interpretação dessa situação é que os anos selecionados para a análise de dados (2000 e 2015) não foram períodos de intenso crescimento econômico para Minas e para o Brasil, mas de recessão em algumas atividades, o que pode ter afetado os dados de emprego para o município de Belo Horizonte, que costuma refletir o comportamento da economia dessas localidades. Estima-se que se outros anos fossem tomados para este estudo os resultados para a capital poderiam ser melhores.

Foi possível notar também que, no período, os subsetores indutores de desenvolvimento foram mais dinâmicos ou tendentes ao dinamismo para a maioria (65%) das cidades, do que estagnados ou tendentes à estagnação. Em Minas Gerais a maior parte destes subsetores também obteve crescimentos superiores às taxas do total do setor, sendo classificados, em sua maioria, como dinâmicos.

Já os subsetores induzidos pelo desenvolvimento ficaram, na maioria das cidades, concentrados nos quadrantes de estagnação ou de tendência à estagnação. Para Minas Gerais esses subsetores também cresceram, em sua maioria, menos que o total do setor, sendo classificados como estagnados para o período.

A partir destes cenários, tem-se que, tanto Minas Gerais, quanto os polos urbanos do estado possuem maior dinamismo em atividades indutoras de desenvolvimento, apesar de ainda haver muito espaço para que estes subsetores de serviços cresçam nestas localidades, vide o fato dos subsetores indutores de desenvolvimento estarem, em 35% das cidades, majoritariamente em situação de baixo ou nulo dinamismo. Tal resultado é importante para o estado já que os serviços indutores de desenvolvimento provocam efeitos positivos na geração de emprego, no estímulo a novas atividades econômicas e no crescimento geral da economia, sendo atividades modernas, geralmente com maior grau de complexidade, capazes de trazer diversificação para as economias locais e regionais.

Os subsetores indutores de desenvolvimento que mais se destacaram em termos de dinamismo nas cidades selecionadas foram os de saúde e serviços sociais, educação, atividades imobiliárias, transporte terrestre e atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar. Por outro lado os subsetores induzidos pelo desenvolvimento que apresentaram maiores níveis de dinamismo foram os ligados a atividades de comércio.

Ao fim deste trabalho é possível destacar que os serviços possuem importância na economia mineira ao serem vitais para seus níveis de emprego, de crescimento econômico, bem como para a modernização e aumento da competitividade de suas estruturas produtivas, facilitando transações, sendo mais permeáveis à inovação tecnológica e dando subsídio para o desenvolvimento de novas atividades econômicas. Diante disso, entende-se que o setor terciário deve ser objeto de especial atenção das ações do Estado, que deve estar orientado para a promoção e estímulo ao desenvolvimento econômico pleno.

A intervenção estatal no lançamento das bases da indústria nacional na década de 1930 e a sustentação de investimentos contínuos para que este setor vingasse na economia agroexportadora do Brasil, são conhecidos¹⁰ exemplos de como, na recente história, a alocação de recursos públicos foi uma ferramenta poderosa de direcionamento do mercado e estabelecimento de incentivos para a diversificação das atividades geradoras de renda nacionalmente praticadas. Tanto os aportes financeiros em certas atividades econômicas, tanto a infraestrutura urbana e produtiva disponibilizada pelos governos pode determinar o que é

¹⁰ A questão da evolução da indústria no Brasil e a intervenção do Estado neste setor é melhor explorada na obra de Diniz (1993).

vantajoso produzir e vender ou não em determinada localidade. Diante disso, entende-se que a ascensão da economia de serviços pede um redirecionamento dos investimentos públicos, antes pautados em atividades industriais, para atender às demandas do setor terciário, principalmente no sentido de fomentar os serviços indutores de desenvolvimento, pois são capazes de potencializar, na economia à qual pertencem, os estímulos a eles concedidos.

Este estudo constitui um esforço preliminar de compreensão das atividades terciárias em Minas Gerais e de seu papel na indução do desenvolvimento econômico, sendo passível de aprofundamento posterior em estudos mais detalhados. Temas importantes como a questão da informalidade no setor terciário, fatores que estimulam o crescimento dos serviços numa economia e formas alternativas para a mensuração do produto das atividades econômicas de maneira a considerar a peculiaridades dos serviços, não conseguiram ser desenvolvidos, nem foram objetivo principal neste trabalho, sendo deixados como oportunidades para estudos vindouros sobre o setor de serviços.

Ainda assim este trabalho deixa como contribuição análises e informações importantes que podem ser utilizadas pelo governo de Minas Gerais, sobretudo pela Secretaria de Cidades e Integração Regional, responsável pelo desenvolvimento regional e urbano dos municípios do estado, no sentido de orientar investimentos e ações em prol do setor terciário estadual, priorizando as atividades com maior potencial competitivo e capazes de gerar desenvolvimento.

8 Referências Bibliográficas

BASTOS, S. Q. A.; FERNANDES, C. O.; PEROBELLI, F. S.; **Dinâmica dos serviços em Minas Gerais: uma análise diferencial-estrutural para os principais municípios 2003/2007.** In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS REGIONAIS E URBANOS, 8., 2010, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: Aber, 2010.

DINIZ, Clélio Campolina. **Dinâmica regional e ordenamento do território brasileiro: desafios e oportunidades.** (CEDEPLAR- UFMG. Texto para discussão, 471). Belo Horizonte: 2013.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (FJP). **Produto Interno Bruto de Minas Gerais.** Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <<http://www.fjp.mg.gov.br/index.php/produtos-e-servicos1/2745-produto-interno-bruto-de-minas-gerais-pib-2>> Acesso em: 14 out. 2016.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HADDAD, Paulo Roberto; ANDRADE, Thompson A.. Método de análise Diferencial-Estrutural. In: HADDAD, Paulo Roberto (Org.). **Economia Regional: Teorias e Métodos de Análise.** Fortaleza: BNB. ETENE, 1989.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Classificação Nacional de Atividades Econômicas-CNAE 2.0.** Rio de Janeiro, 2007a. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/classificacoes/cnae2.0/>> e <

<http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=236932>>

Acesso em :12 out. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Classificação Nacional de Atividades Econômicas** – CNAE 2.0. Rio de Janeiro: Comissão Nacional de Classificação Econômica, 2007b. 425 p.. Disponível em:<<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv36932.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Comissão Nacional De Classificação. **Classificação Nacional de Atividades Econômicas-CNAE**. Rio de Janeiro, 2016a. Disponível em:<<http://cnae.ibge.gov.br/classificacoes/download-concla.html>> e <<http://cnae.ibge.gov.br/classificacoes/correspondencias/atividades-economicas>>. Acesso em: 12 out. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Contas Nacionais Trimestrais**. Rio de Janeiro, 2016b. Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/pib/defaultcnt.shtm>>. Acesso em 21 set. 2016

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Coordenação de Geografia. **Regiões de Influência das Cidades**- 2007. Rio de Janeiro, 2008. 201p. Disponível em:<<http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=240677>>. Acesso em: 12 out. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Anual de Serviços**. Rio de Janeiro, 2014a. V. 16, p.1-82. Disponível em:<

http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/150/pas_2014_v16.pdf>. Acesso em: 23 set. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Anual de Serviços**. Rio de Janeiro, 2014b. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/pas/>>. Acesso em: 23 set. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Regiões de Influência das Cidades**. Rio de Janeiro, 2007d. Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/regic.shtm?c=7>>. Acesso em: 14 out. 2016.

KON, Anita. **A pesquisa sobre organizações de serviços: conceitos e classificações**. Encontro de Estudos Organizacionais-ENEO, jun. 2004.

KON, Anita. Atividades de serviços como indutoras do desenvolvimento. **Revista Soc. Bras. Economia Política**, São Paulo, n. 34, p. 57-87, fev. 2013.

KON, Anita. **Reestruturação produtiva e terciarização**. (EAESP/FGV/NPP. Relatório de pesquisa, 29). São Paulo: 1997. Disponível em:<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/3150/P00189_1.pdf?sequence=1>. Acesso em 10 nov. 2016.

KON, Anita. Sobre as atividades de serviço: revendo conceitos e tipologias. **Revista de Economia Política**, São Paulo, vol. 19, n. 2 (74), p. 64-83, abr./jun.1999.

LEMOS, Mario Luiz F.; ROSA, Sérgio Eduardo S. da.. **Os setores de comércio e de serviços**. Rio de Janeiro: BNDES Setorial, 2002.

MILES, Ian. **Services in the new industrial economy**. Futures, jul./ago., 1993.

MINAS GERAIS. **Fóruns Regionais**. Disponível em: <
<http://www.forunsregionais.mg.gov.br/>>. Acesso em: 03 jul. 2016.

ROCHA, Frederico. **Composição do Crescimento dos Serviços na Economia Brasileira: Uma Análise da Matriz Insumo-Produto — 1985/92**. (IPEA. Texto para discussão, 522). Rio de Janeiro, out. 1997. Disponível em:<
http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2293/1/td_0522.pdf>. Acesso em: 24 out. 2016.

SANTOS, C. V. dos; RAIHER, A. P.; HIGLEMBERG, C. M. de Almeida T.; BUENOS, L. R. **Dinâmica Do Emprego No Setor De Serviços No Paraná: Uma Análise Diferencial-Estrutural para os principais municípios no período 2000-2010**. Planejamento e Políticas Públicas (PPP). N. 45, jul./dez. 2015. Disponível em: <
<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/6642>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

SASSEN, Sáskia. **As cidades na economia mundial**. São Paulo: NPBEL, 1998.

SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DE MINAS GERAIS (SEBRAE). **Identities dos Territórios de Desenvolvimento de Minas Gerais**. Belo Horizonte, 2015. Disponível em:<
<https://www.sebraemg.com.br/atendimento/bibliotecadigital/documento/Diagnostico/Identities-dos-Territorios-de-Desenvolvimento-de-Minas-Gerais-2015>>Acesso em: out. 2016.

SILVA E MEIRELLES, Dilmária. O conceito de serviços. **Revista de Economia Política**. São Paulo. Vol. 26, n. 1 (101), p. 119-136, jan./mar. 2006

SINGER, Paul. A Economia dos Serviços. In: **Estudos CEBRAP**. São Paulo. N. 24, p. 128-135, 1979. <Disponível em: http://www.cebrap.org.br/v2/app/webroot/files/upload/biblioteca_virtual/a_economia_dos_servicos.pdf>. Acesso em: 19 out. 2016.

APÊNDICE A- COMPATIBILIZAÇÃO CNAE 95 E CNAE 1.0

CNAE 1.0	CÓDIGO DE COMPATIBILIZAÇÃO CNAE 1.0	CNAE 95	CÓDIGO DE COMPATIBILIZAÇÃO CNAE 95
22152	10A	21326	95A
22179		22110	
22187		22128	
22160	10B	22136	-
22144		-	
32905		32212	95B
-	-	32220	
51640	10C	51624	95C
51659		51632	
52620	-	52698	-
55131	-	55115	95D
-		55123	
72290	10D	72206	-
72214		-	
80144	10E	80110	95E
80152		80128	
80209		80926	
80314		80950	
80322		80942	
80330		80217	
80969		80225	
80977		80306	
80993	-	80918	95F
-		80934	
80136	-	85324	-
65935	-	92126	95G
-		92312	
-		65994	

Fonte: Elaboração Própria, a partir das classes da CNAE 95 e CNAE 1.0 e das correspondências entre versões da CNAE disponibilizadas por IBGE (2016a).

APÊNDICE B- COMPATIBILIZAÇÃO CNAE 1.0 E CNAE 2.0

(Continua)

CNAE 1.0	CNAE 2.0	CATEGORIAS BASTOS ET AL.	CÓDIGO DE COMPATIBILIZAÇÃO CNAE 2.0
1619	81303	12	-
1627	93191	22	-
15814	47211	3	-
22144	59201	22	-
22152	58115	22	20A
22152	58123	22	
22152	58131	22	
22160	58212	22	-
22179	58221	22	-
22187	58239	22	-
22195	58191	22	20B
22195	58298	22	
32905	95126	14	-
50105	45111	1	20C
50105	45129	1	
50202	45200	1	20D
50202	52290	1	
50300	45307	1	-
50415	45412	1	20E
50415	45421	1	
50423	45439	1	-
50504	47318	1	20F
50504	47326	1	
51110	46117	2	-
51128	46125	2	-
51136	46133	2	-

(Continuação)

CNAE 1.0	CNAE 2.0	CATEGORIAS BASTOS ET AL.	CÓDIGO DE COMPATIBILIZAÇÃO CNAE 2.0
51144	46141	2	-
51152	46150	2	-
51160	46168	2	-
51179	46176	2	-
51187	46184	2	-
51195	46192	2	-
51217	46214	2	20G
51217	46222	2	
51217	46231	2	
51314	46311	2	-
51322	46320	2	-
51330	46338	2	-
51349	46346	2	-
51365	46354	2	-
51373	46362	2	-
51390	46371	2	20H
51390	46397	2	
51411	46419	2	20I
51411	46893	2	
51420	46427	2	20J
51420	46435	2	
51446	46494	2	-
51454	46443	2	20K
51454	46451	2	
51462	46460	2	-
51470	46478	2	-
51519	46818	2	20L
51519	46826	2	
51535	46711	2	20M
51535	46729	2	
51535	46737	2	
51535	46745	2	
51535	46796	2	
51543	46834	2	20N
51543	46842	2	
51551	46877	2	-
51594	46851	2	20O
51594	46869	2	
51616	46613	2	-
51640	46656	2	-

(Continuação)

CNAE 1.0	CNAE 2.0	CATEGORIAS BASTOS ET AL.	CÓDIGO DE COMPATIBILIZAÇÃO CNAE 2.0
51659	46516	2	20P
51659	46524	2	
51691	46621	2	20Q
51691	46630	2	
51691	46648	2	
51691	46699	2	
51918	46915	2	20R
51918	46923	2	
51918	46931	2	
52116	47113	3	-
52132	47121	3	-
52140	47296	3	-
52159	47130	3	-
52230	47229	3	-
52248	47237	3	-
52299	47245	3	-
52310	47555	3	-
52329	47814	3	-
52337	47822	3	-
52418	47717	3	20S
52418	47725	3	
52418	47733	3	
52426	47539	3	20T
52426	47563	3	
52426	47598	3	
52426	47628	3	
52426	47890	3	
52434	47547	3	-
52442	47415	3	20U
52442	47423	3	
52442	47431	3	
52442	47440	3	
52450	47512	3	20V
52450	47521	3	
52469	47610	3	-
52477	47849	3	-
52493	47571	3	20W
52493	47636	3	
52493	47741	3	
52493	47831	3	
52507	47857	3	-
52620	47903	3	-

(Continuação)

CNAE 1.0	CNAE 2.0	CATEGORIAS BASTOS ET AL.	CÓDIGO DE COMPATIBILIZAÇÃO CNAE 2.0
52710	95215	3	-
52728	95291	3	-
55131	55108	4	-
55190	55906	4	-
55212	56112	4	-
55239	56201	4	-
55298	56121	4	-
60100	49116	5	20X
60100	49124	5	
60232	49213	5	-
60240	49221	5	-
60259	49230	5	20Y
60259	49248	5	
60259	49299	5	
60267	49302	5	-
60283	52117	5	-
60291	49507	5	-
60305	49400	5	-
61115	50114	X	Transporte marítimo
61115	50998	X	
61123	50122	X	
61212	50220	X	
61220	50211	X	
61239	50912	X	
62103	51111	6	20Z
62103	51200	6	
62200	51129	6	-
62308	51307	6	-
63118	52125	7	-
63215	52214	7	20AA
63215	52222	7	
63215	52231	7	
63223	50301	7	20AB
63223	52311	7	
63223	52397	7	
63231	52401	7	-
63304	79112	7	20AC
63304	79121	7	
63304	79902	7	

(Continuação)

CNAE 1.0	CNAE 2.0	CATEGORIAS BASTOS ET AL.	CÓDIGO DE COMPATIBILIZAÇÃO CNAE 2.0
63401	52320	7	20AD
63401	52508	7	
64114	53105	8	-
64122	53202	8	-
64203	60101	8	20AE
64203	61108	8	
64203	61205	8	
64203	61302	8	
64203	61418	8	
64203	61426	8	
64203	61434	8	
64203	61906	8	
65102	64107	9	-
65218	64212	9	-
65226	64221	9	-
65234	64239	9	-
65242	64247	9	-
65315	64310	9	-
65323	64328	9	-
65331	64336	9	-
65340	64352	9	-
65358	64361	9	-
65404	64409	9	-
65510	64344	9	-
65595	64379	9	20AF
65595	64913	9	
65595	64921	9	
65595	64930	9	
65595	64999	9	
65595	66134	9	
65919	64701	9	-
65927	64506	9	-
65935	59138	9	20AG
65935	77403	9	
65994	64611	9	20AGH
65994	64638	9	
65994	66304	9	
65994	82997	9	
66117	65111	10	-
66125	65120	10	20AI
66125	65201	10	
66133	65308	10	-

(Continuação)

CNAE 1.0	CNAE 2.0	CATEGORIAS BASTOS ET AL.	CÓDIGO DE COMPATIBILIZAÇÃO CNAE 2.0
66214	65413	10	-
66222	65421	10	-
66303	65502	10	-
67113	66118	11	-
67121	66126	11	-
67199	66193	11	-
67202	66215	11	20AJ
67202	66223	11	
67202	66291	11	
70106	41107	12	20AK
70106	68102	12	
70319	68218	12	-
70327	68226	12	20AL
70327	81117	12	
70408	81125	12	-
71102	77110	13	-
71218	77195	13	20AM
71218	77390	13	
71315	77314	13	-
71323	77322	13	-
71331	77331	13	-
71390	77292	13	-
71404	77217	13	20AN
71404	77225	13	
71404	77233	13	
72109	62040	14	-
72214	62023	14	20AO
72214	62031	14	
72290	62015	14	-
72303	63119	14	-
72400	63194	14	-
72508	95118	14	-
72907	62091	14	-
73105	72100	15	-
73202	72207	15	-
74110	69117	16	20AP
74110	69125	16	
74128	69206	16	-
74136	73203	16	-
74144	64620	16	-

(Continuação)

CNAE 1.0	CNAE 2.0	CATEGORIAS BASTOS ET AL.	CÓDIGO DE COMPATIBILIZAÇÃO CNAE 2.0
74152	70107	16	-
74160	70204	16	20AQ
74160	74901	16	
74160	85503	16	
74209	71111	16	20AR
74209	71120	16	
74209	71197	16	
74306	71201	16	-
74403	73114	16	20AS
74403	73122	16	
74403	73190	16	
74500	78108	16	20AT
74500	78205	16	
74500	78302	16	
74608	80111	16	20AU
74608	80129	16	
74608	80200	16	
74608	80307	16	
74705	81214	16	20AV
74705	81222	16	
74705	81290	16	
74918	74200	16	-
74926	82920	16	-
74993	63992	16	20AW
74993	74102	16	
74993	82113	16	
74993	82199	16	
74993	82202	16	
74993	82300	16	
74993	82911	16	
75116	84116	17	-
75124	84124	17	-
75132	84132	17	-
75213	84213	17	-
75221	84221	17	-
75230	84230	17	-
75248	84248	17	-
75256	84256	17	-
75302	84302	17	-
80136	85112	18	-

(Continuação)

CNAE 1.0	CNAE 2.0	CATEGORIAS BASTOS ET AL.	CÓDIGO DE COMPATIBILIZAÇÃO CNAE 2.0
80144	85121	18	-
80152	85139	18	-
80209	85201	18	-
80314	85317	18	-
80322	85325	18	-
80330	85333	18	-
80969	85414	18	-
80977	85422	18	-
80993	85929	18	20AX
80993	85937	18	
80993	85996	18	
85111	86101	19	-
85120	86216	19	-
85138	86305	19	20AY
85138	87115	19	
85138	87123	19	
85138	87204	19	
85138	87301	19	
85146	86402	19	-
85154	86500	19	20AZ
85154	86607	19	
85162	86224	19	20BA
85162	86909	19	
85200	75001	19	-
85324	88006	19	-
90000	37011	20	20BB
90000	37029	20	
90000	38211	20	
90000	39005	20	
91111	94111	21	-
91120	94120	21	-
91200	94201	21	-
91910	94910	21	-
91928	94928	21	-
91995	94308	21	20BC
91995	94936	21	
91995	94995	21	
92118	59111	22	20BD
92118	59120	22	
92134	59146	22	-

(Conclusão)

CNAE 1.0	CNAE 2.0	CATEGORIAS BASTOS ET AL.	CÓDIGO DE COMPATIBILIZAÇÃO CNAE 2.0
92223	60217	22	20BE
92223	60225	22	
92312	90019	22	20BF
92312	90027	22	
92320	90035	22	-
92398	93298	22	-
92401	63917	22	-
92517	91015	22	-
92525	91023	22	-
92533	91031	22	-
92614	85911	22	20BG
92614	92003	22	
92614	93115	22	
92614	93123	22	
92614	93131	22	
92622	93212	22	-
93017	96017	23	-
93025	96025	23	-
93033	96033	23	-
93041	96092	23	-
95001	97005	24	-
99007	99008	25	-
-	64387	9	-

Fonte: Elaboração Própria, a partir da Classificação de Bastos et al. (2010), das classes da CNAE 1.0 e CNAE 2.0 e das correspondências entre versões da CNAE disponibilizadas por IBGE (2016a).

ANEXO A- SUBSETORES DE SERVIÇOS

Tabela 5- Descrição dos subsectores de serviços

Identificador	Nome
1	Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas, comércio a varejo de combustíveis
2	Comércio por atacado e representantes comerciais e agentes do comércio
3	Comércio varejista e reparação de objetos pessoais e domésticos
4	Alojamento e alimentação
5	Transporte terrestre
6	Transporte aéreo
7	Atividades anexas de transporte e agências de viagem
8	Correio e telecomunicações
9	Intermediação financeira
10	Seguros e previdência complementar
11	Atividades auxiliares da intermediação financeira, seguros e previdência complementar
12	Atividades imobiliárias
13	Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos sem condutores ou operadores
14	Atividades de informática e serviços relacionados
15	Pesquisa e desenvolvimento
16	Serviços prestados principalmente as empresas
17	Administração pública, defesa e seguridade social
18	Educação
19	Saúde e serviços sociais
20	Limpeza urbana e esgoto e atividades relacionadas
21	Atividades associativas
22	Atividades recreativas, culturais e desportivas
23	Serviços pessoais
24	Serviços domésticos
25	Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais

Fonte: Bastos et al. (2010),